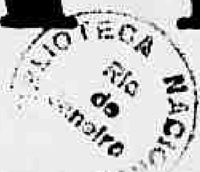
REVISTA DA SEMANA

Nº 34 ★ 26-8-50

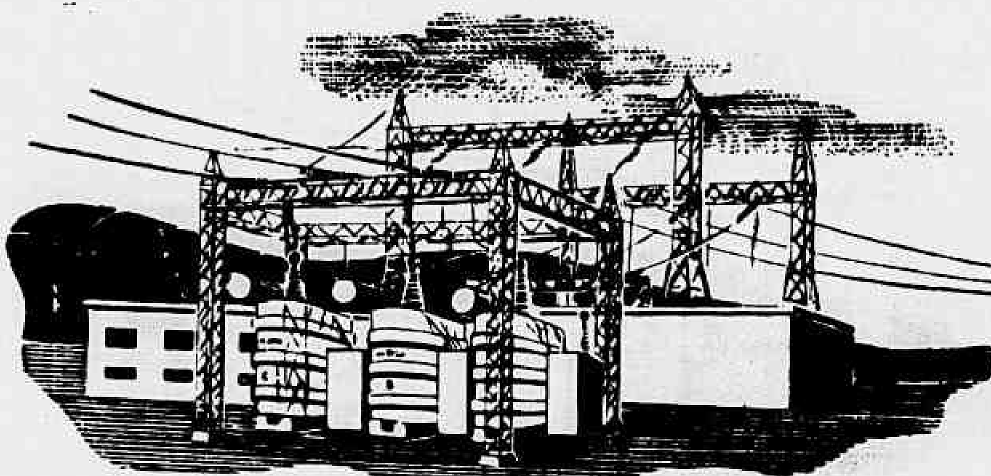


CR$ 3,00 EM TODO O BRASIL



NO TEXTO: **A MAIOR TRAGÉDIA AÉREA DO BRASIL**

THE SÃO PAULO TRAMWAY, LIGHT AND POWER CO., LIMITED



MAIS UM GRANDE PASSO PARA O PROGRESSO DO BRASIL!

SÃO PAULO E RIO INTERLIGADOS PELA ELETRICIDADE

A Light, que tem a seu cargo o abastecimento de energia elétrica ao Distrito Federal, a vários municípios do Estado do Rio, a São Paulo e outras cidades paulistas compreendidas na sua extensa zona de operação, vem de completar a interligação entre a usina do Cubatão, do sistema de São Paulo, e a de Fontes, do sistema do Rio, com a inauguração em Aparecida do Norte de uma sub-estação conversôra de frequência de 50.000 kw.

Esse empreendimento permite o auxílio mútuo entre esses dois sistemas, através de uma linha de transmissão de alta tensão de 332 quilômetros de extensão, de forma que, em caso de necessidade, tanto o sistema de São Paulo poderá alimentar o do Rio, como o deste suprirá o daquela capital.

A parte dessa linha situada no Estado de São Paulo é operada a 230.000 Volts e 60 ciclos que é a frequência normal do sistema daquela cidade. O trecho além de Aparecida, onde está localizada a sub-estação conversôra, é operado a 132.000 Volts e na frequência do Rio, isto é, 50 ciclos, estando prevista, porém, a operação desse trecho tambem a 230.000 Volts.

Essa interligação possibilita, ainda, um melhor aproveitamento das reservas de agua dos reservatórios, como o de Lajes, ou a utilização mais eficiente das usinas a fio d'agua, no caso a da Ilha dos Pombos. Outro aspecto não menos importante é o da possibilidade aberta ao maior suprimento de energia à região intermediária entre as duas capitais, cujo desenvolvimento tem sido nestes ultimos anos, ininterrupto, colocando-a entre as mais progressistas do país.

A execução desse plano representa um investimento de capital superior a 230 milhões de cruzeiros.

Melhorando cada vez mais os seus serviços, a Light e Companhias Associadas atendem ao progresso das varias regiões a que servem, contribuindo para o fortalecimento da sua expansão industrial e econômica.



CIA. DE CARRIS, LUZ E FORÇA DO RIO DE JANEIRO, LTDA.

POESIA CHOPINIANA

BIBLIOTECA



CHOPIN

CHOPIN é essencialmente o poeta da música. "Chopin, ou o Poeta", foi como o chamou o mais enternecido de seus biógrafos, Guy de Pourtalés. E talvez tenha sido Liszt, seu amigo dileto, quem primeiro falasse de seu extraordinário dom poético. E' no livro de Liszt sôbre Chopin que encontramos referências a certo ensaio publicado em Londres, sôbre as obras do músico polonês, e onde o autor põe, como subtítulo, os versos de Shelley, que começam assim: "Êle era um poderoso poeta". Não há talvez outro músico que tanto tenha inspirado aos poetas como Chopin. Poderíamos fazer uma abundante antologia poética com os versos que têm por tema sua vida, sua música, seus amôres, sua tragédia. Aliás, é natural que assim seja. Difícil encontrar-se uma existência tão poética, como a do imortal compositor. Como homem e como artista — êle viveu mergulhado numa atmosfera de inefável poesia.

Não é apenas sua música que nos fala dêsse poeta. Êle foi ainda um "poeta de sua vida" — conforme aquela feliz expressão descoberta por Stefan Zweig. A história de sua vida e de seus amôres é uma história de poesia que êle contou através da sua música inspirada. Cada uma das mulheres que passaram no seu destino — e que fizeram sofrer o seu coração — ficou eternizada em uma de suas páginas. Podemos acompanhar o roteiro sentimental de seus romances através de suas obras, como fêz Letícia Pagano, quando nos disse das desilusões de amor do grande músico: "Amou a muitas e foi sempre abandonado. Não teve, em seus afetos, a felicidade que encontrou na sua vocação artística. Suas obras, cheias de doçura, fazem transparecer a agonia de sua alma."

Os poetas sempre foram, naturalmente, impressionados pela música de Chopin. Desde os românticos, passando pelos simbolistas — até os mais modernos.

A palavra "noturno", de largo emprêgo na poesia, veio de sua música. E, antes do modernismo, era difícil não encontrar em qualquer obra poética um noturno de Chopin. E Mário de Andrade, dando título e tom a um de seus mais belos poemas, chamou-o "Noturno de Belo Horizonte".

Já Rolinat celebrava o seu gênio naqueles versos, cuja tradução poderá ser assim:

"Não podeis compreender o quanto o grande tísico
Misturou de genial à sua dor profunda."

Edmond Rostand consagrou-lhe um extenso e belo poema, quando os russos levaram de Varsóvia a urna que continha o coração de Chopin:

"Ce qu'il emporte, ô Varsovie,
C'est le Coeur du coeur polonais!"

Por tôda parte, todos os poetas sempre falaram de sua arte triste e gloriosa.

Emílio Carrère dedicou-lhe os quatorze versos de um sonêto que termina dolorosamente assim:

"Acaso cuando llegue la novia Primavera
se pudrirán mis huesas bajo la nueva flora!"

Um outro poeta de língua castelhana, cujos poemas me vêm às mãos agora, com um abraço amigo de Osório Dutra — Giovanni Cantieri Mora — escreveu um poema de tétrico humor lembrando a temporada do músico na Maiorca: "Meu Querido Cadáver".

Entre nós, os poetas da fase neo-romântica, os simbolistas e parnasianos, como os modernos e os atuais, também falaram de noturnos, de Chopin, da música poética de Chopin.

Entre os simbolistas, parece que foi Eduardo Guimaraens quem teve mais desenvolvido o sentimento musical. A respeito de Chopin, encontramos dois poemetos seus. O primeiro, sôbre o "Prelúdio n. 4", que assim começa:

"Do fundo do salão vem-me o seu pranto sôbre-humano,
como do fundo irreal de um desespêro hoje olvidado:
dir-se-ia que êstes sons têm um tom de ouro avioletado;
há um anjo a desfolhar lírios de sombra sôbre o piano."

Outra vez nos fala de Chopin o poeta enternecido de "A Divina Quimera":

"Um piano
Sofre na noite lenta..."

Olegário Mariano compôs um poemeto dramático tendo como motivo o "Prelúdio da Gôta d'Agua". Prudente de Morais Neto, entre os modernistas, escreveu uma pequena biografia de Chopin, de macabra ironia. Entre os poemas de Felipe d'Oliveira há "A Saudade do Som", onde ficamos sabendo que Ellen, "d'ouro e espuma" tinha o vício do som — e amava Chopin, os sinos graves, as notas de pedal e ressonância...

EDMUNDO LYS



A CIDADE está crescendo impetuosamente e as edificações modernas, mais amplas, obedecendo ao traçado arquitetônico predominante nos grandes centros, é ali também observado. Veja-se nesta gravura, o bloco maciço de um moderno hotel situado no ponto central, cuja construção estava sendo apurada para se dar a inauguração agora, nos festejos do centenário. Neste local faz 80 anos, registravam-se freqüentes ataques de índios, e a vida dos primeiros colonos corria perigos constantes



Blumenauer Zeitung.

O PRIMEIRO jornal editado em Blumenau, em 1º de janeiro de 1881, era publicado no idioma germânico. Destinava-se mais aos seus colonos

UM SÉCULO DE BLUMENAU — II

BRASILIDADE NO VALE DE ITAJAÍ-AÇU

O QUE FOI A LUTA DOS COLONIZADORES ★ INUNDAÇÕES CALAMITOSAS E ATAQUES DE ÍNDIOS ★ VOLUNTÁRIOS PARA A GUERRA DO PARAGUAI ★ OS REFLEXOS DO CONFLITO FRANCO-ALEMÃO DE 1870 ★ BLUMENAU NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS ★ PROBLEMA DA RELIGIÃO? NÃO HÁ PROBLEMA ★ ESCOLAS EM QUE SE ENSINA O IDIOMA PÁTRIO E ONDE NÃO É ENSINADO ★ PREPARANDO AS FESTAS DO CENTENÁRIO

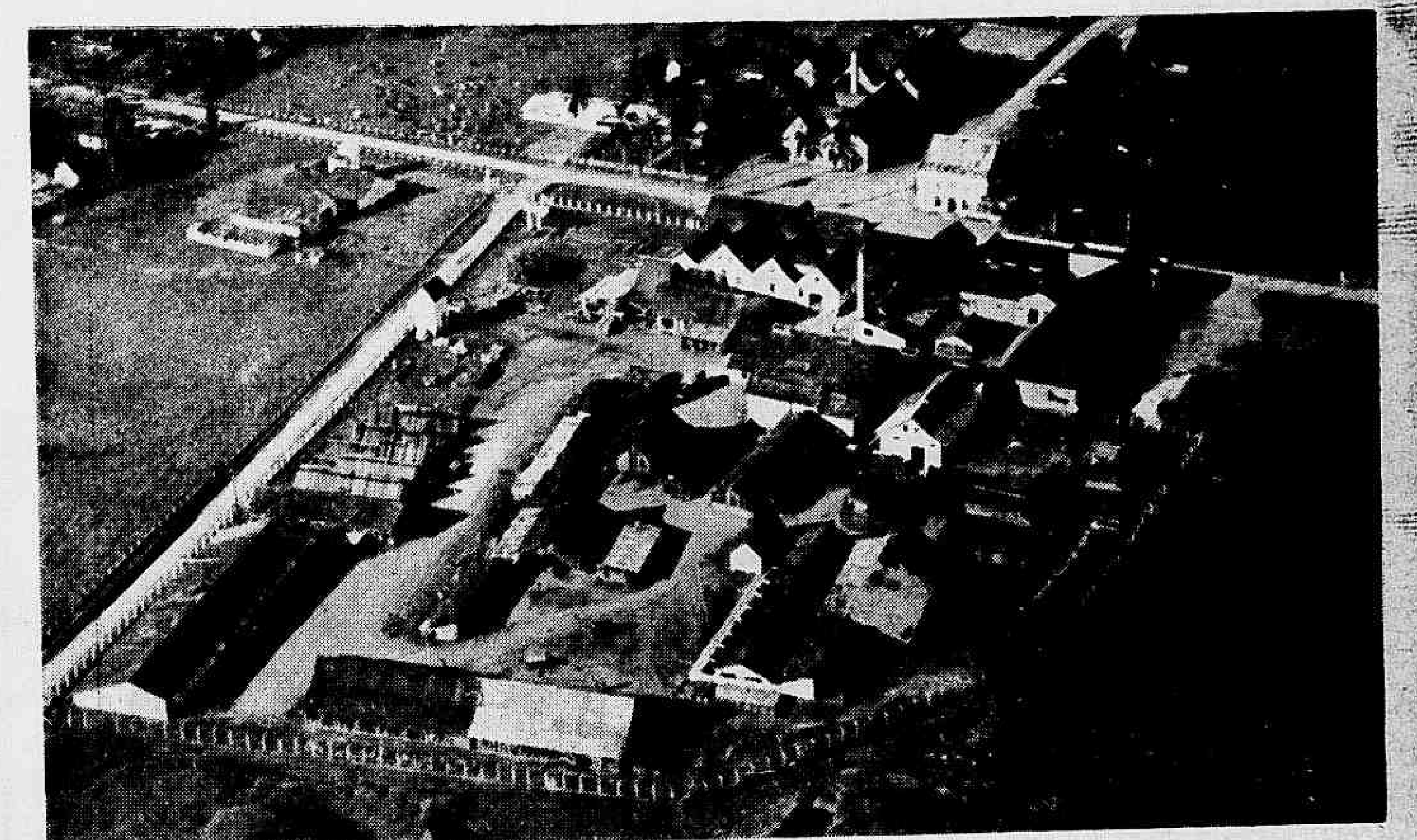
Reportagem de CELESTINO SILVEIRA

Fotos do autor, do arquivo de Frei Ernesto Emmendoerfer e, as aéreas, licenciadas pelo Comando da 5ª Fôrça Aérea)

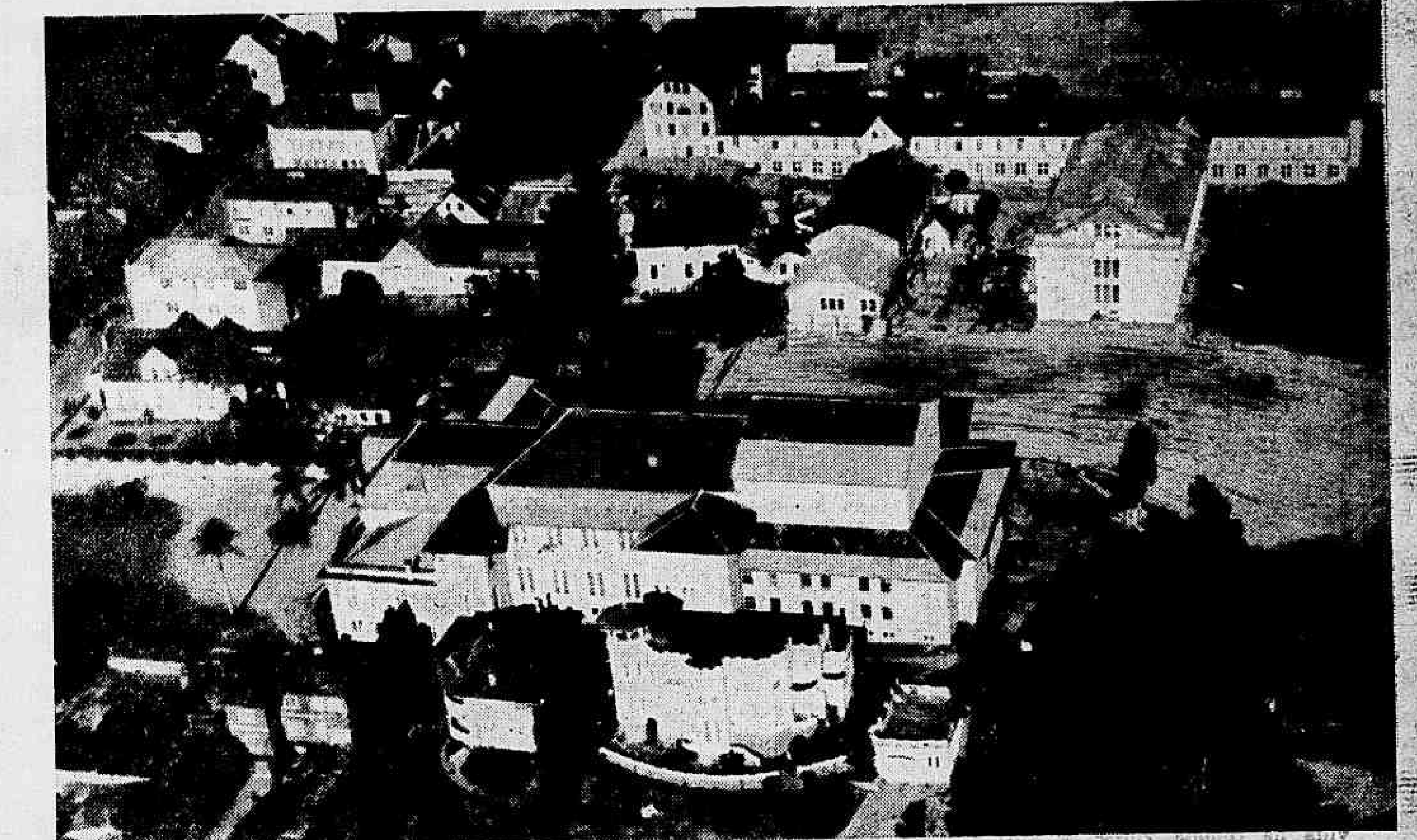
VAMOS encontrar na palavra e nos arquivos de Frei Ernesto Emmendoerfer, o que de melhor podiamos exigir para êste resumo que não chega a ser uma crônica sôbre Blumenau. Quando muito, será um flagrante, de surprêsa obtido, nesta rápida visita que lhe fizemos, em vésperas das comemorações do centenário de sua fundação.

— Muito lutaram os colonizadores para legar-nos isto que o senhor está vendo agora — diz o amável frade católico. — Olhe, por exemplo, o que sucedeu nesta terra, em setembro de 1880; um verdadeiro cataclismo nacional, traduzido na mais terrivel inundação de que há memória. Quem pode fornecer à REVISTA pormenores históricos a respeito, é ainda o prof. Ferreira da Silva.

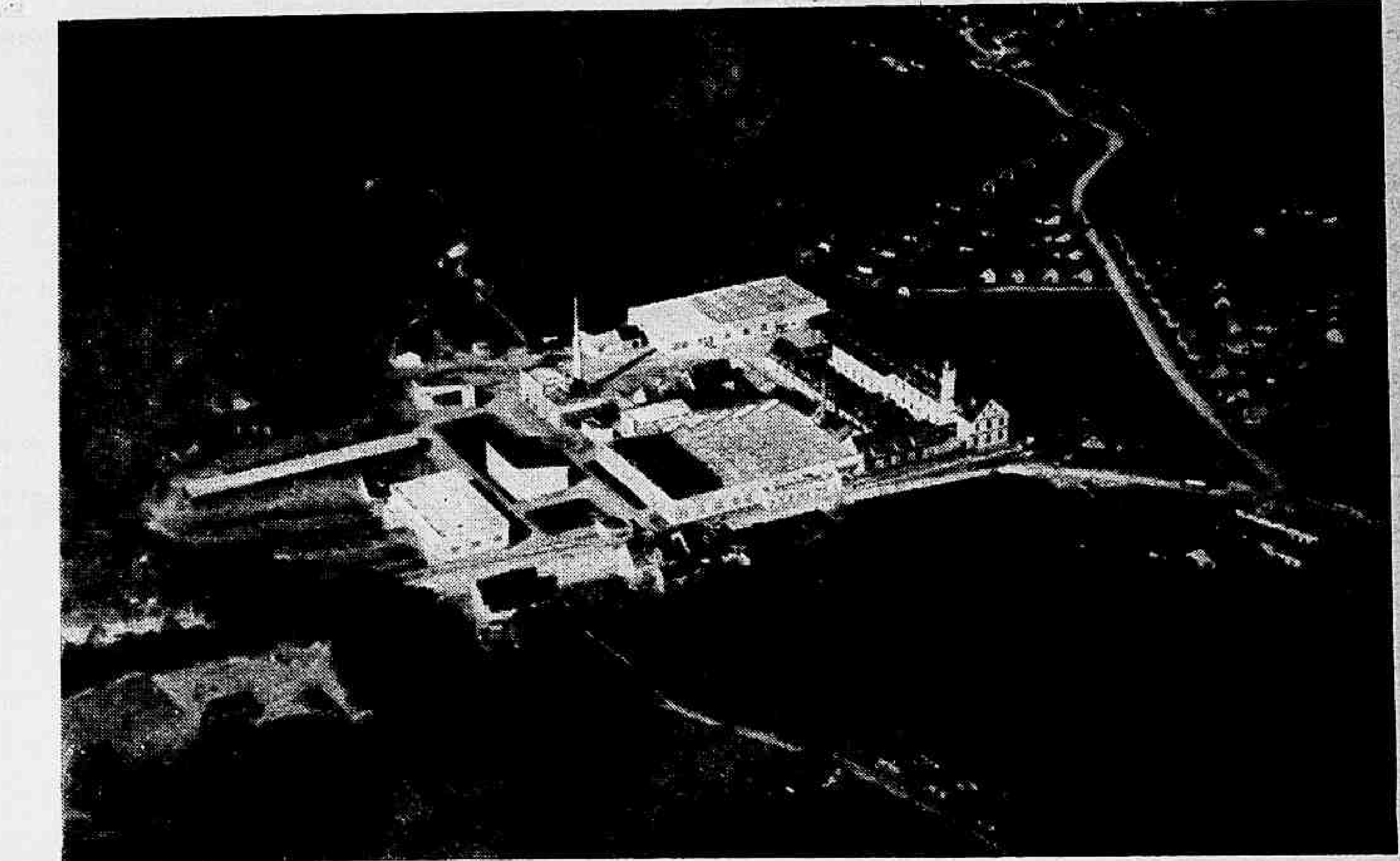
E num recorte do jornal da época, sabemos como se passaram os fatos: A colônia de Blumenau, depois de muitas horas de chuvas torrenciais, teve as águas do Itajaí elevadas a tal altura e tão repentinamente que a maior parte dos atingidos mal pôde salvar a vida. Assim mesmo, bastantes, das mais preciosas, foram perdidas, e os danos materiais resultaram incontáveis: casas demolidas, plantações destruidas por inteiro. À uma e meia da madrugada começou a manifestar-se o perigo. Embora no dia antecedente muito se falasse na possibilidade da inundação, as águas tudo invadiram, despertando homens e animais. Foi com ânsia enorme que se esperou o clarear do dia para inicio da obra de salvamento. Nêle, tomaram parte eficiente o comandante e a tripulação do vapor "Progresso" — agora reconstruido para figurar no desfile do Centenário — incansáveis no transporte de pessoas do Garcia e da vila, recolhendo-os nas igrejas católica e protestante. Com o nascer do dia, as colinas das igrejas encheram-se de gente, que era socorrida pelos pastores de ambos os credos. O número de pessoas refugiadas nos dois templos era enorme, e indescritivel o espetáculo que se oferecia aos olhos de todos. Tiritando de frio, as crianças choravam, aos gritos, pondo naquele cenário triste, uma nota de desespêro. Algumas familias conseguiram salvar restos de seus haveres; outras ficaram apenas com as roupas do corpo e ainda as restantes perderam vidas de seus entes queridos. Os objetos que iam sendo retirados das águas eram amontoados na maior desordem. Os moços faziam fogo, improvisando uma cozinha. Em volta, tôda a enorme extensão de água parecia um mar. Medonhas correntes arrastavam portas, janelas, móveis e animais. O "Progresso" e outras embarcações venciam, com dificuldade, o impeto das águas, orientando-se pelas copas emergentes dos altos coqueiros. Só dias mais tarde a torrente começou a baixar, aparecendo então as cumieiras dos prédios. E, na proporção da vasante, iam-se observando e avaliando os prejuizos sofridos. Aqui, uma casa completamente demolida; ali, dezenas de outras cobertas de lama negra; os objetos e utensilios de uso doméstico completamente inutilizados. Onze foi o número de pessoas que pereceram na catástrofe. As águas atingiram a quinze metros e trinta centimetros acima do nivel normal.



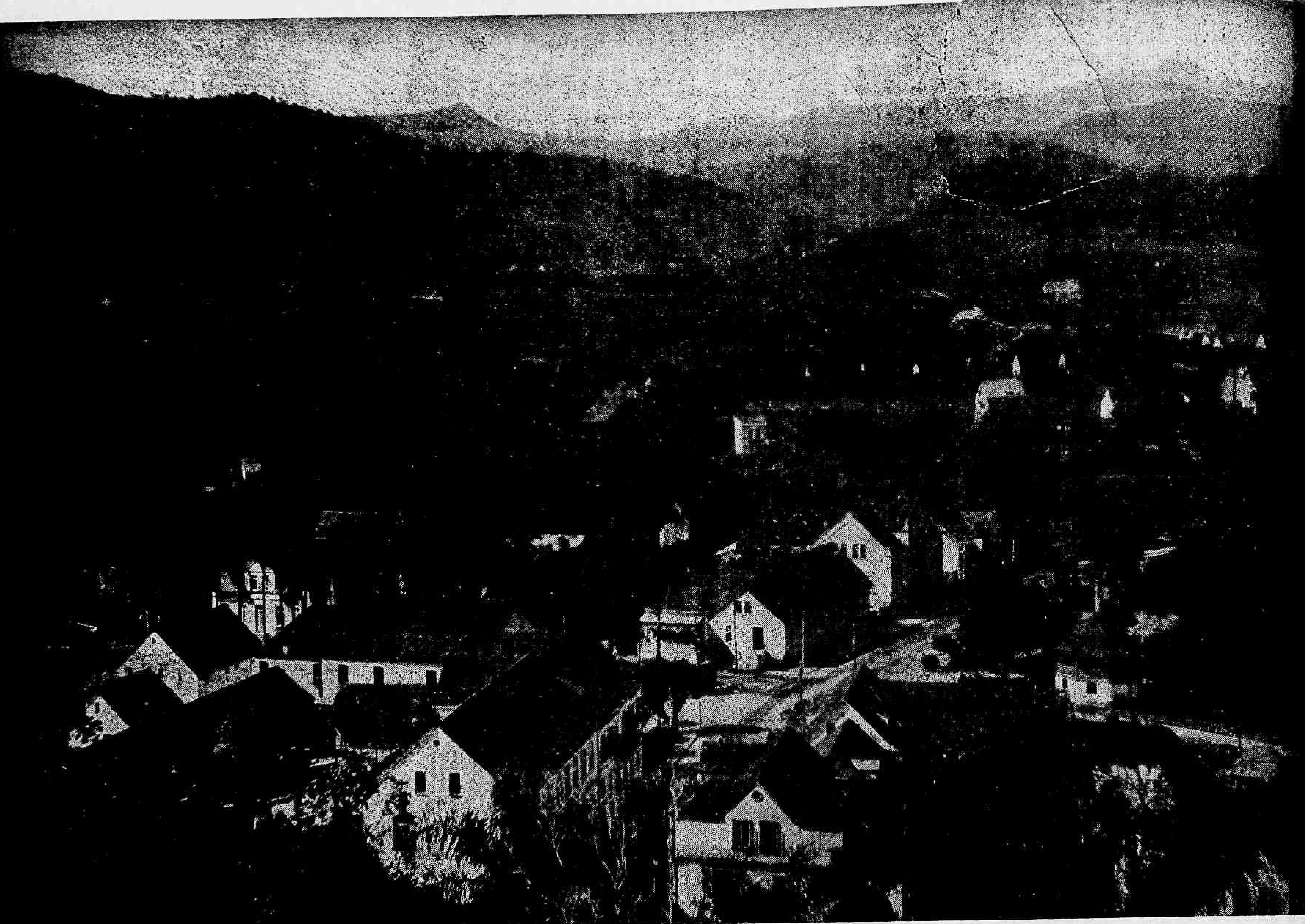
ITOUPAVA, nos arredores da florescente cidade catarinense, faz lembrar os bairros modernos de São Paulo. Em pleno centro colonial, está instalada uma grande fábrica de laticínios, artigos cuja importação é feita, em larga escala, para todo o país e mesmo para o estrangeiro



NESTE LOCAL, quando a nossa reportagem visitou Blumenau, preparava-se a exposição comemorativa do Centenário. Está situado em plena rua 15 de Novembro, vendo-se o Colégio Santo Antônio e o Teatro Carlos Gomes, onde serão realizados espetáculos de gala e cerimônias oficiais



BAIRRO DO GARCIA, vendo-se uma das maiores fábricas de tecidos de Blumenau. Aliás, a cidade que se estende pelas margens do Itajaí-Açú, fêz-se de longa data amplo parque industrial. Muitas centenas de operários nele exercem o seu labor, reforçando a tarefa dos colonos



O PROGRESSO de Blumenau acentuou-se bastante no último quarto de século, como se pode atestar pela gravura acima. Esta foto foi batida por volta de 1925. E' bastante confrontá-la com as demais, feitas agora, para sentir o crescimento da cidade catarinense. A êsse tempo, Blumenau era constituída de 11 distritos, que abrangiam todo o município, com uma superfície de 10.160 klms2.

Pràticamente, em 1880, Blumenau ficou destruída. Tiveram os governos imperial e da Província de prorrogar a instalação do município até que fôsse ultimada a reparação dos danos causados por essa calamidade, quer nos edifícios públicos e estradas, quer na propriedade particular. Além do auxílio oficial, chegaram donativos de tôda a parte do país e do estrangeiro, para os reparos dos grandes danos sofridos. Os cidadãos prejudicados foram razoàvelmente indenizados, de sorte que, aos poucos, a vida da colônia viu-se de novo em normalidade. Nada menos de trezentos e trinta contos de réis gastou o govêrno nessa recuperação, quantia vultosa para a época.

Houve, então, quem admitisse o desaparecimento integral da colônia de Blumenau, e isso teria acontecido, não fôssem a fibra e o espírito de resistência de seus filhos.

★

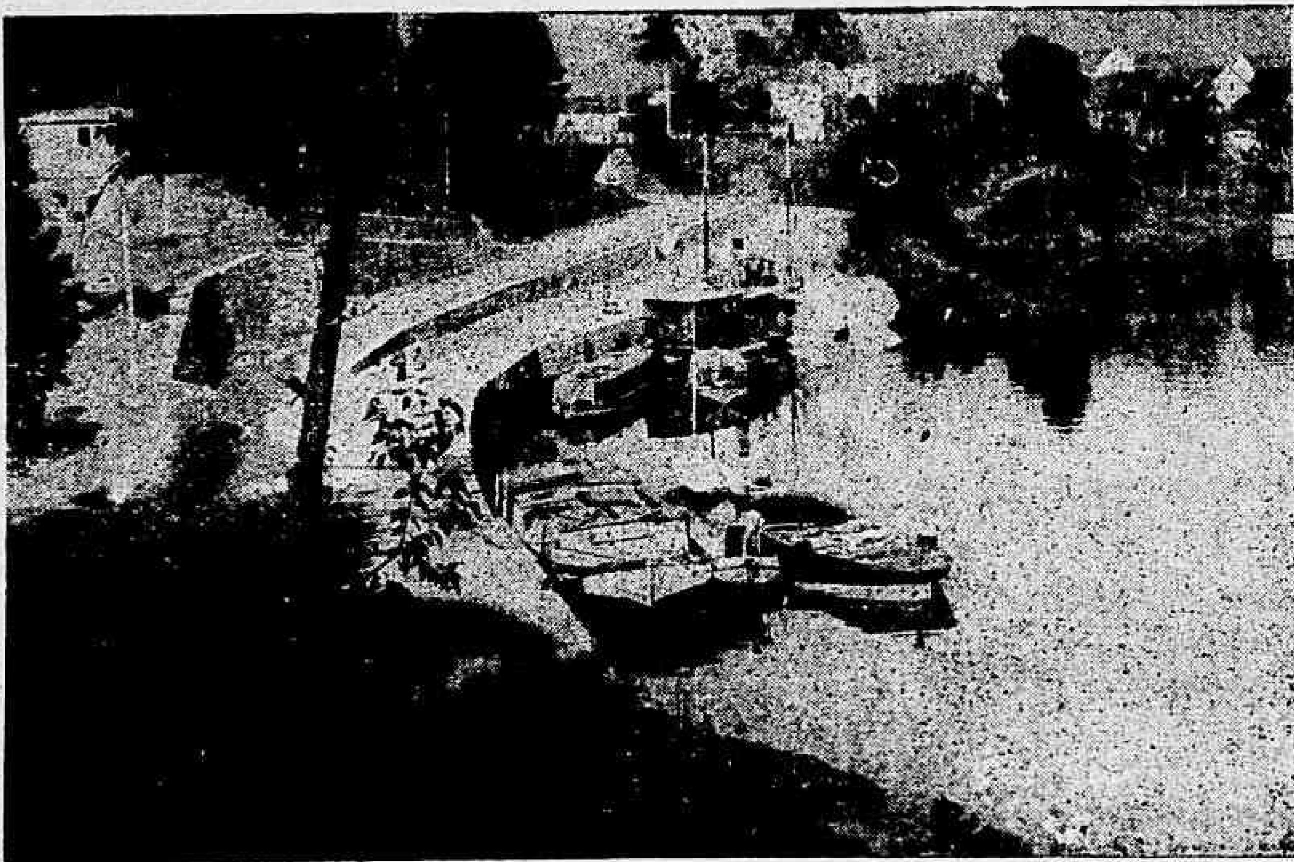
Os ataques de índios às regiões colonizadas, representavam outra ameaça de constante perigo e um entrave ao desenvolvimento do solo. Durante o período que vai de 1852 — dois anos depois da fundação — a 1914, a colônia e depois município de Blumenau e adjacências sofreram 61 ataques de bugres, botocudos e coroados, que mataram 41 pessoas e feriram 22. O ataque de índios de maiores proporções foi o que se registrou em 1862. No ano seguinte, o engenheiro Wunderwaldt incumbiu-se de explorar os vales dos rios do Têsto, dos Cedros e do Benedito, pelos quais, no mesmo ano, apesar das investidas dos silvícolas, foram se estendendo os lotes coloniais. E a terra, a produtiva terra catarinense, ia sendo revolvida, adubada, semeada, dando seus primeiros frutos.

★

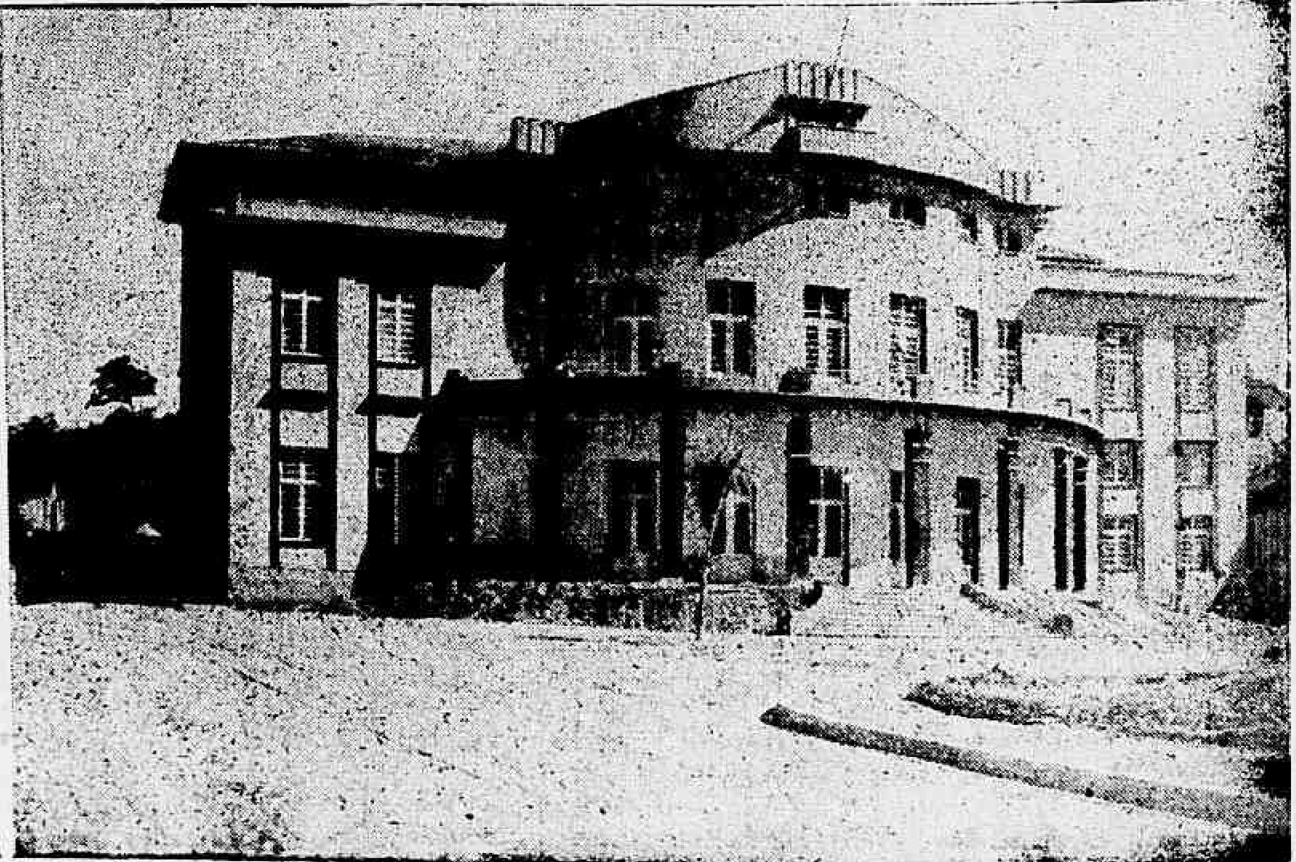
Mas os colonos dessa terra, presos a ela por um amor entranhado, não tardariam a dar, nesse sentido, a mais cabal demonstração. Em 1865, quando deflagrou a guerra do Paraguai, um corpo de voluntários organizado na colônia, para a defesa do Brasil no conflito declarado contra o tirano Francisco Solano Lopez, embarcava sob as mais entusiásticas aclamações do povo. Sob o comando do capitão Von Gilsa, que era o professor público, de um tenente, dois alferes e de um cirurgião-alferes, partiram para os campos de luta 67 colonos, alguns dos quais morreram em combate. Diz o prof. Ferreira da Silva, a êsse propósito:

— Êsse fato é um dos excelentes argumentos em que deveriam pensar certos "patriotas" que teimam em ver na fundação de Blumenau a origem de um quisto racial, cujos integrantes, pelo tempo afora, viessem exercendo atividades contrárias ao espírito de brasilidade que deve orientar e animar quantos vivam no seio bom e fecundo desta terra.

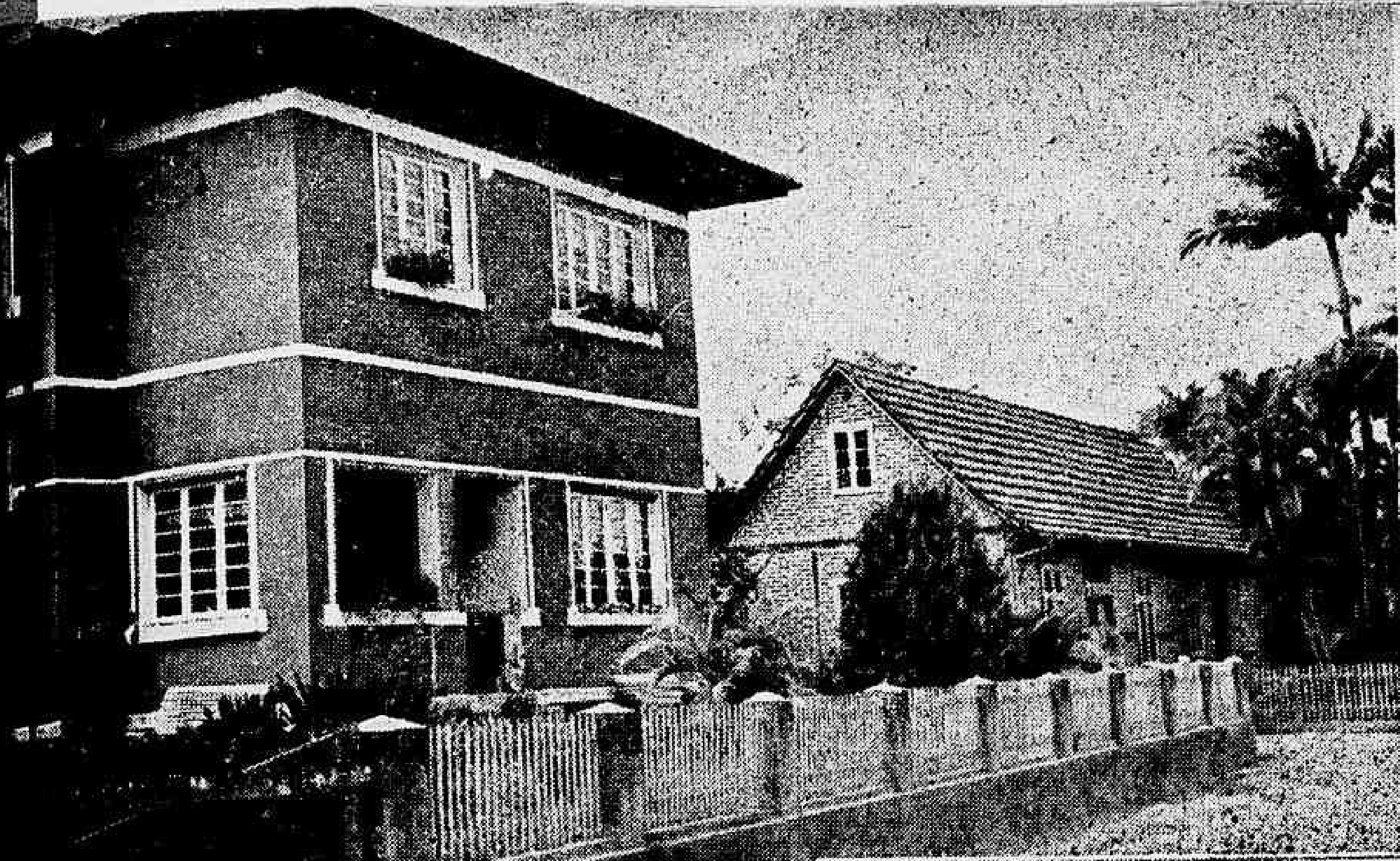
Entretanto, a guerra do Paraguai veio entravar a colonização do município. Isso aconteceu também em mercê da declaração de guerra da Prússia à Austria, em 1866. Foi quando o dr. Blumenau se apressou em embarcar para a Alemanha, disposto a evitar o estacionamento da corrente emigratória. Mas o número de indivíduos en-



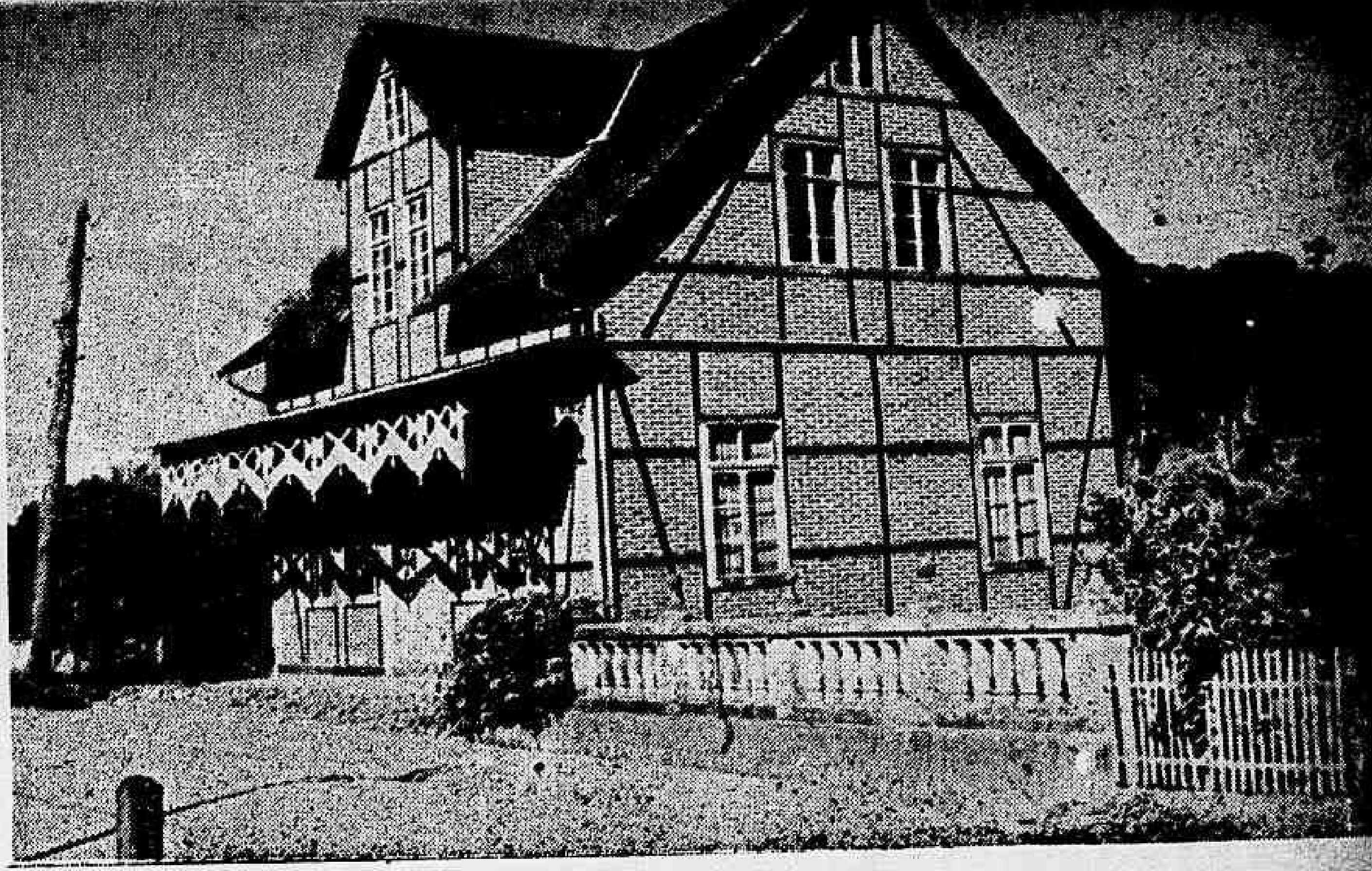
O CAIS DE BLUMENAU, simples e despretensioso, serve para o embarque e desembarque de mercadorias transportadas pelo rio Itajaí-Açú. O movimento é pequeno, mas o cais tem grande utilidade



TEATRO CARLOS GOMES, um dos mais confortáveis do interior do Brasil. Tem palco giratório e foi construído há dez anos. Nele já trabalharam algumas boas companhias nacionais e mesmo estrangeiras



O COLONO, habitualmente, tem três casas: a palhoça, que não se vê na gravura, a de um pavimento, quando sua situação econômica melhora e, finalmente, a instalação confortável da fase definitiva



RESIDÊNCIA de colono, tipicamente européia: telhados em decaída, construção em tijôlo a descoberto, alpendres, «puxados» e coberturas que emprestam um toque garrido à vivenda da gente de campo



OUTRO MODÊLO clássico de casa de colono, sempre rodeada de vegetação: árvores e jardins são imprescindíveis. E' gente de campo, de condição humilde, a que encontramos habitando essas casas



«CASA DE NEGÓCIO», quer dizer: estabelecimento comercial anexado à residência do seu proprietário. Na loja, compra-se de tudo, desde a fazenda e a perfumaria aos gêneros alimentícios. Muitos telhados

trados no país foi relativamente insignificante por muito tempo.

Aproveitando sua presença na Europa e a realização da Exposição Universal de Paris, em 1867, ali compareceu o dr. Blumenau, orientando a organização das mostras de produtos da colônia do seu nome, de dados estatísticos em quadros bem elaborados, que serviram, ao mesmo tempo que de atestados da pujança da colônia e da atividade de seus habitantes, de um veículo de propaganda inteligente e eficiente. Em consequência, o júri supremo da Exposição conferiu à colônia de Blumenau um dos doze grandes prêmios: Diploma de honra, medalha de ouro e 10.000 francos em dinheiro, que não foram recebidos senão anos mais tarde.

E a terra de Blumenau avançava em progresso. Plantada, como estava, a boa semente, cuidada carinhosamente por mãos hábeis e dedicadas, não havia como obstar ao seu crescimento. Rebentara a guerra entre a Alemanha e a França, e, como consequência, a imigração entre 1870-71, foi quase nula. Mesmo assim, o solo de Blumenau ia para a frente. A agricultura e as pequenas indústrias faziam constantes progressos. Havia bom entendimento entre os colonos dos diversos credos religiosos, de sorte que se auxiliavam mùtuamente na construção de seus templos e igrejas. Promoviam-se concursos e exposições de produtos regionais, repartindo instruções de plantio e mudas de plantas. Nesse ambiente de interêsse pelo cultivo sempre mais aperfeiçoado da terra, pela ilustração do espírito e perfeição moral, os colonos mantinham suas reuniões de caráter recreativo na Sociedade de Atiradores, nos bailes públicos e particulares, de que os alemães gostam profundamente.

★

Quando indagamos de Frei Ernesto qual a religião predominante na terra, êle esclarece:

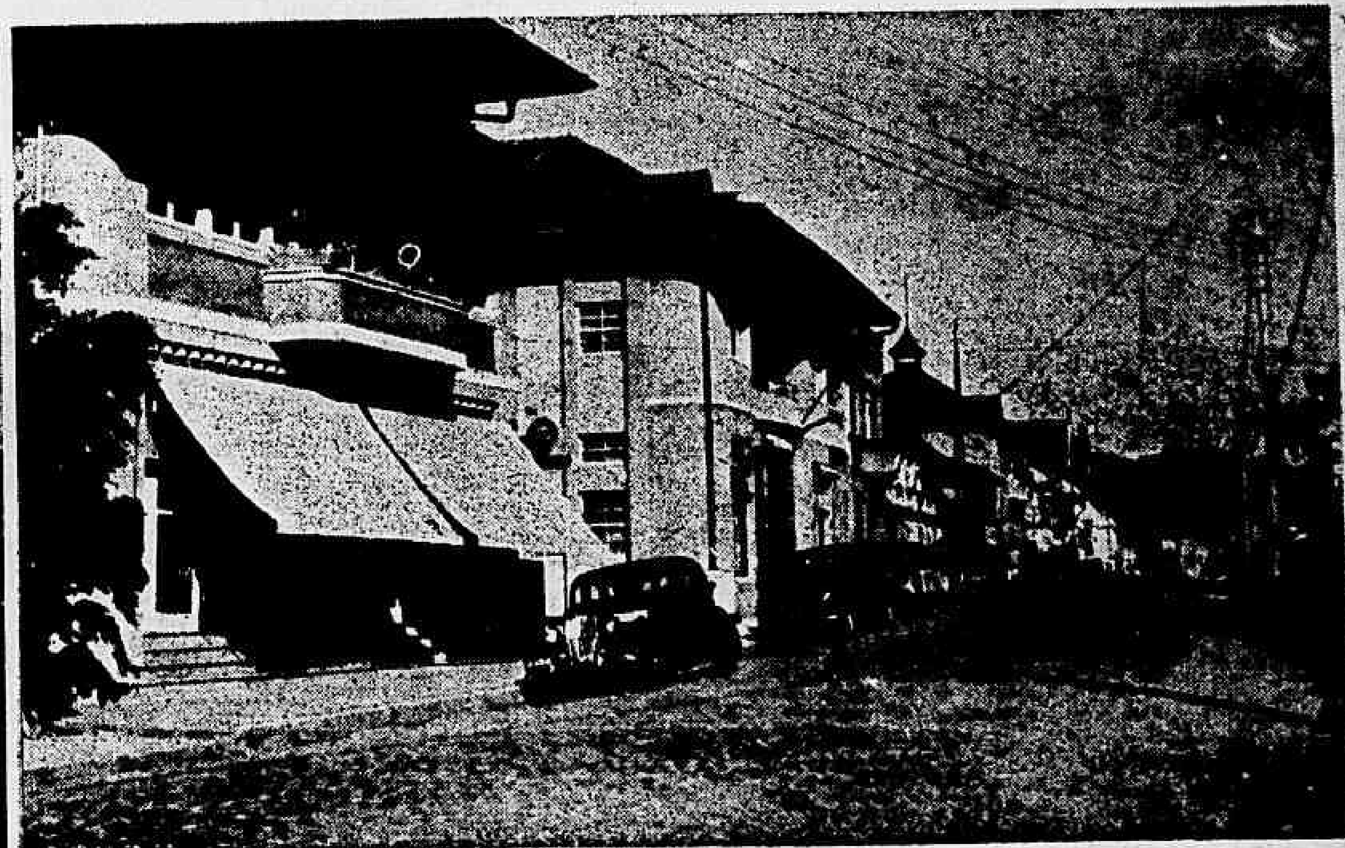
— Atualmente, católicos e protestantes dividem-se em partes iguais. O número dos católicos tem aumentado, é certo. Mas o que convém frisar é o bom entendimento, o espírito de fraternidade reinante entre uns e outros. Não raro, quando a nossa igreja carece de qualquer auxílio, êste se faz sentir em igual vulto, partindo tanto dos católicos como dos protestantes.

★

Claro que nem sempre a corrente imigratória se fêz dentro de uma rigorosa seleção de elementos. Os maus não podem deixar de existir, embora cuidando-se sem demora de os eliminar da terra. Em 1875, o número de imigrantes aumentou, em levas superiores a mil, e muitos vinham com maus precedentes. Sucediam-se bebedeiras e brigas, algumas até resultando em homicídios. Isso alarmou as autoridades, perturbando a vida normal da colônia. Providências foram tomadas para a presença de um oficial de polícia que se incumbiu de construir uma cadeia, e pela primeira vez, na emancipação da colônia e sua elevação a município, houve presos. Depois tudo serenou.



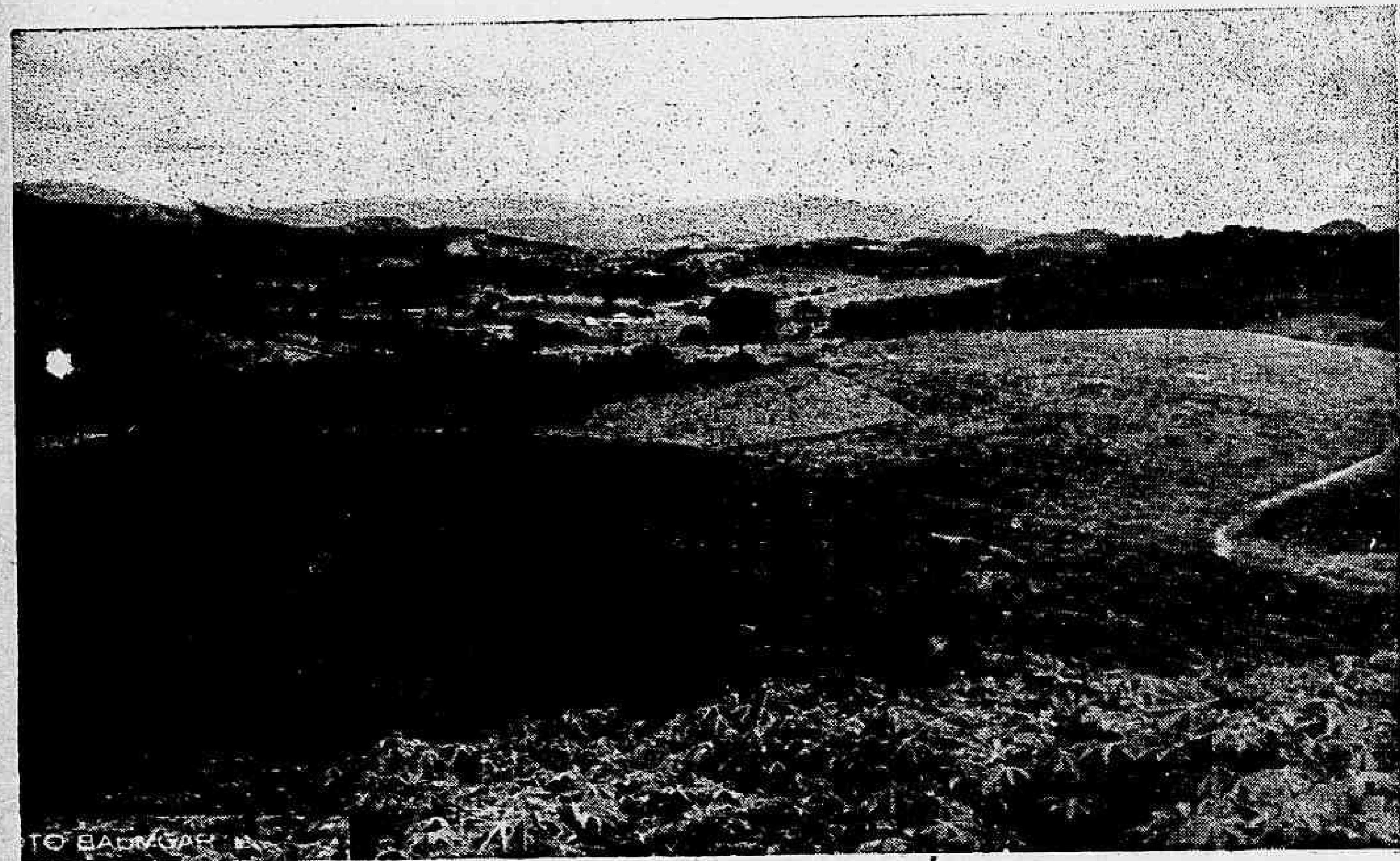
REMINISCÊNCIA preciosa de Blumenau: a rua 15 de Novembro, em outros tempos, longe de ser, então, a bonita artéria da cidade do Vale do Itajaí. Êsse local é, hoje, o coração de Blumenau



O MESMO trecho da rua 15 de Novembro, «sala de visitas» de Blumenau, tal como se oferece ao visitante nos dias atuais. Bonitas edificações, comércio moderno e elegante, iluminação caprichada



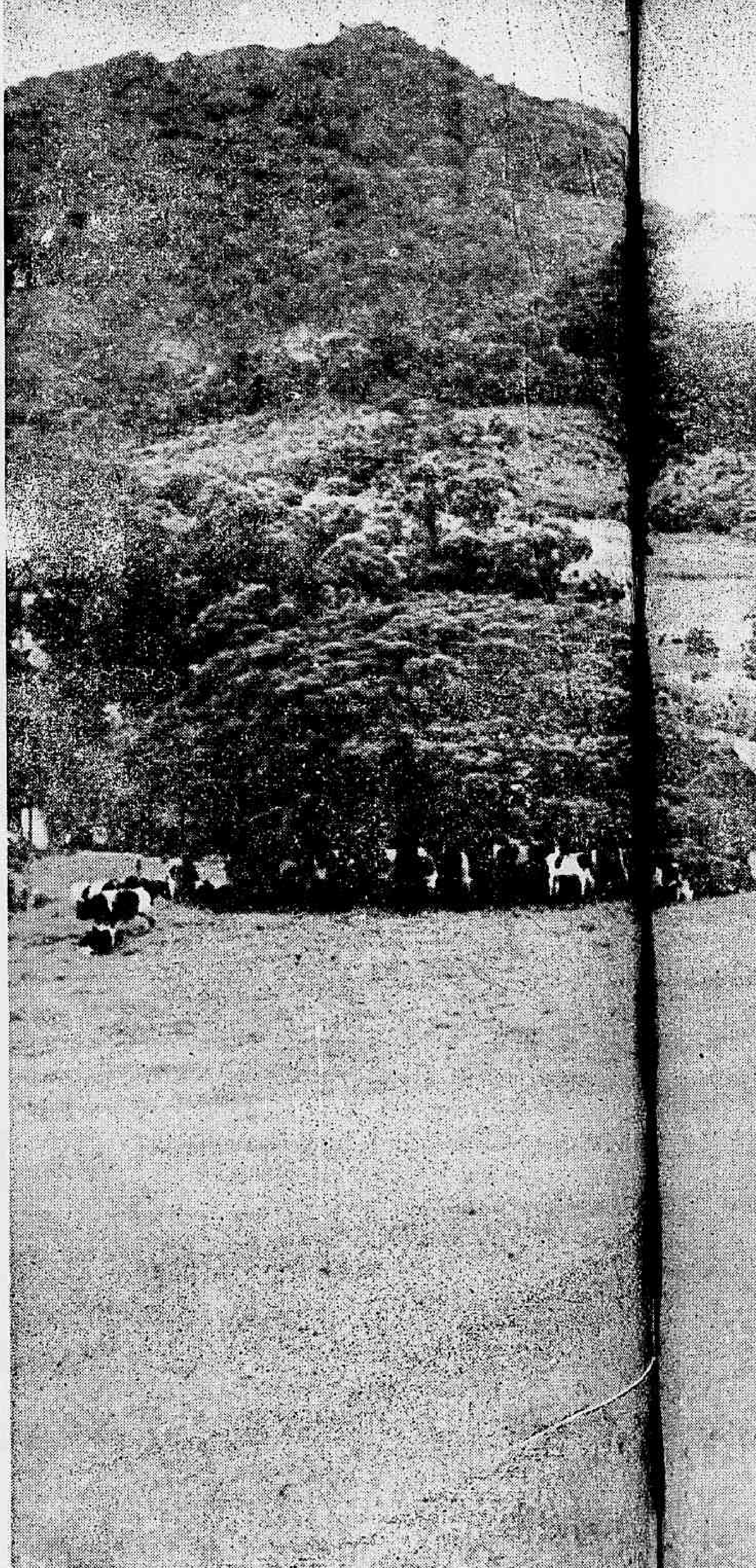
CARROÇAS TÍPICAS, protegidas contra o vento e o sol pelas coberturas clássicas de idênticas viaturas européias e norte-americanas, muito usadas ainda pelos colonos, que as aproveitam para o leva-e-traz de mercadorias dos campos para o mercado consumidor



PLANTAÇAO DE AIPIM, no vale de Itoupava, fértil e compensadora se ra lavrada pelos colonos. A preparação da terra faz-se com todos os modernos processos, e o adubo é condição predominante para um rendimento máximo da colheita anual, sempre maior



PLANTAÇAO DE FUMO, outra riqueza do exuberante solo de Blumenau. Agricultores especializados dedicam-se à tarefa de plantar e colher os tipos mais apurados de fumo. A vista estende-se pelo campo raso, coberto da exuberante planta, num panorama de matizes que empolgam



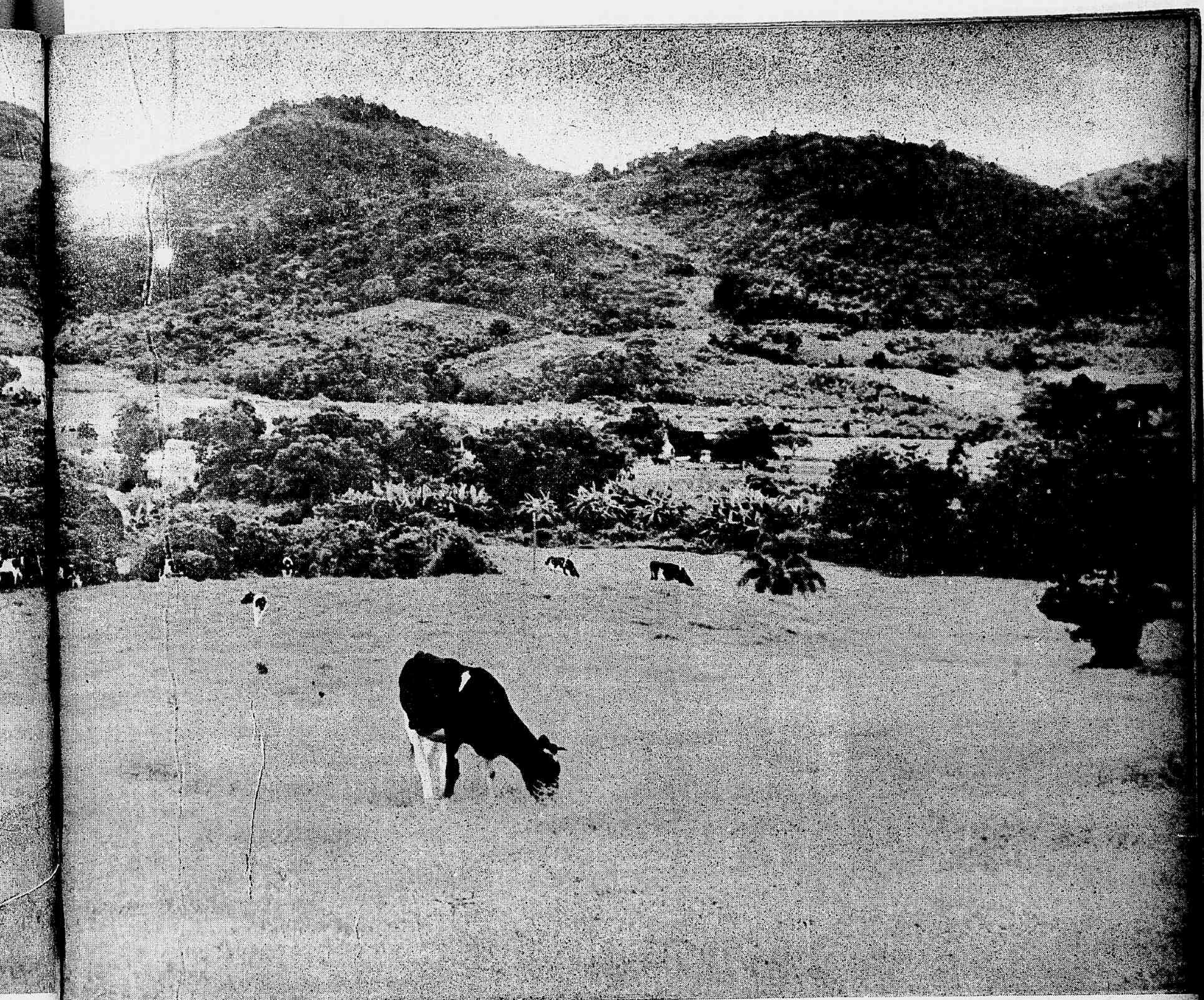
O CAPIM MAIS MIMOSO, o gado comeu. Em Blumenau, o gado se alimenta, com o capim da melhor qualidade. Basta

Com o predomínio da colonização germânica, o govêrno federal resolveu estacionar em Blumenau um Batalhão de Caçadores, no propósito de concorrer para uma nacionalização mais célere da população do interior. Por motivos fáceis de compreender, ela se mantinha, quase que na sua totalidade, ignorante da língua e costumes nacionais.

E quanto às escolas do município, louvando-nos ainda em apontamentos do prof. Ferreira da Silva, obtivemos êstes resultados: Em 1949, num grande esfôrço de pesquisa, conseguiu-se levantar dados estatísticos, mais ou menos exatos, sôbre o importante problema das escolas. Prestaram informações 112 estabelecimentos de ensino, entre êles as quatro únicas escolas do govêrno existente no município, sendo duas na cidade de Blumenau e duas no Gaspar. Ensina-se a língua vernácula em 73 escolas, o que representa uma percentagem de 66%. Tomando em consideração o número de alunos, resulta que dos 3.972 alunos que frequentam escolas no município de Blumenau, 2.866, ou 72%, recebem ensino da língua vernácula. Faltam, entretanto, professôres e livros aptos.

A respeito das línguas em que se leciona, diz a exposição em que nos louvamos:

Em português	4 escolas
Em português e alemão	5 "
Em italiano e alemão	1 "
Em polaco e alemão	4 "
Em italiano apenas	17 "
Em alemão apenas	81 "
TOTAL	112 escolas



dizer que êle foi plantado, na estação mais própria do ano. Capim não dá ao acaso, feito mato, nessa região, e segundo nos informaram os entendidos, essa seria a única, do Brasil, onde o homem seleciona, apura e planta capim para o gado bovino. Os resultados aparecem na qualidade do gado, prevalecendo o tipo holandês, e na qualidade requintada do leite que êle produz

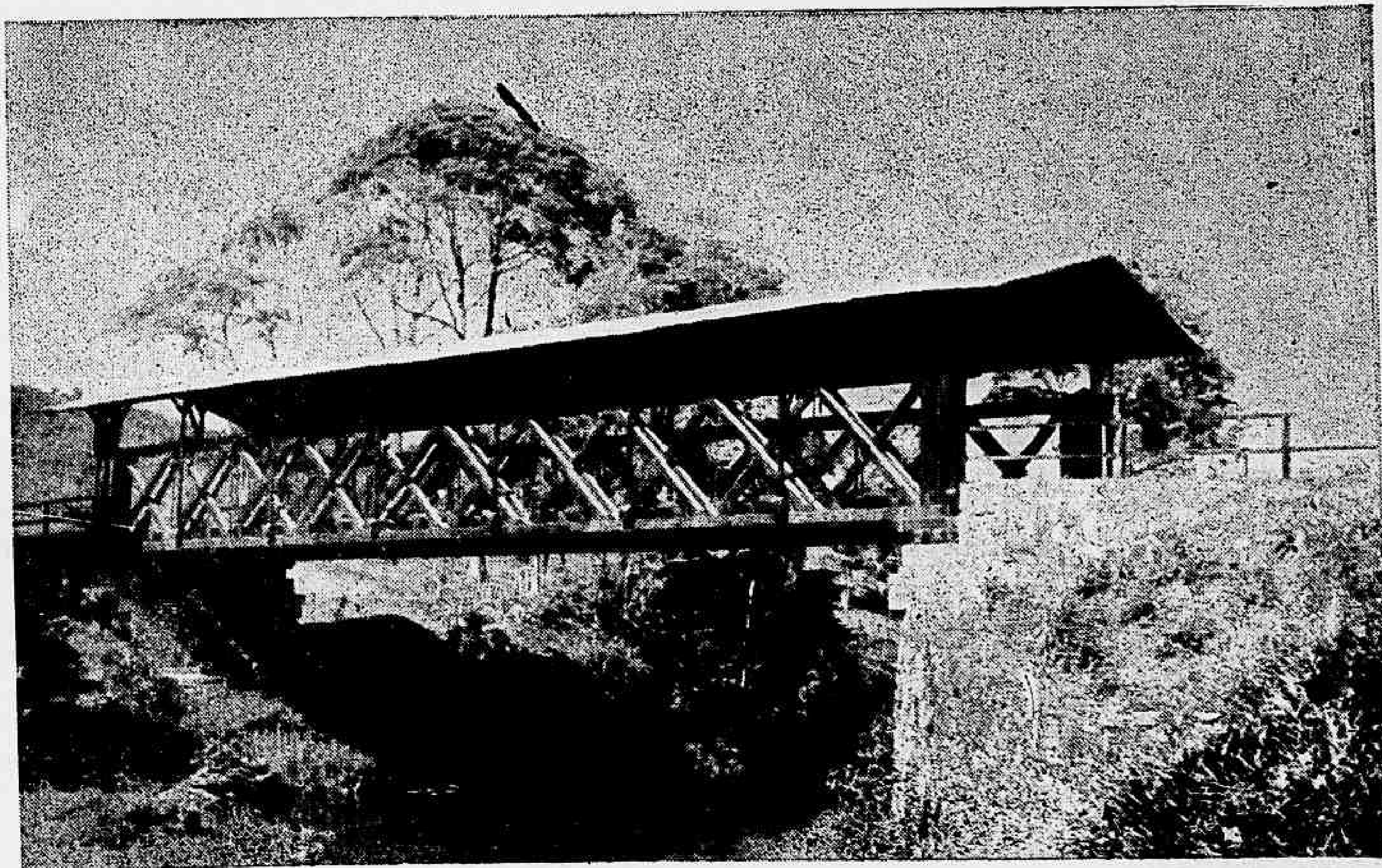
Como se vê, a iniciativa particular em Blumenau é saliente, no espírito da instrução. Essa estatística, é claro, deixa ainda muito a desejar, e os algarismos aí ficam, para quem de direito.

★

Blumenau tem, atualmente, dezenove hotéis. Mas todos os clubes desportivos colocaram à disposição da Comissão do Centenário seus amplos salões com tôdas as dependências para hospedagem dos visitantes da cidade. Nada menos de nove bons restaurantes ali encontramos, alguns dos melhores que se podem exigir em cidade de interior. Tem um excelente teatro, o Carlos Gomes, e três cinemas; 19 templos católicos e 24 evangélico-protestantes. Em Blumenau circulam três jornais e uma revista hebdomadária. Conta ainda com uma estação radiofônica, a Rádio Clube de Blumenau. Possui vinte associações desportivo-recreativas e uma associação artística; seis bibliotecas e um museu; sete associações de caridade e três de beneficência mortuária; quatro agências de Bancos e uma filial de casa bancária; 384 automóveis comuns, 49 ônibus, 153 motocicletas, 3.690 bicicletas e 264 veículos de tração animal. Sem contar 237 caminhões, 131 caminhonetas e 3.222 carroças para serviço de carga.

★

No programa oficial de festejos do Centenário, comemorações que devem estender-se de 2 a 10 de setembro,



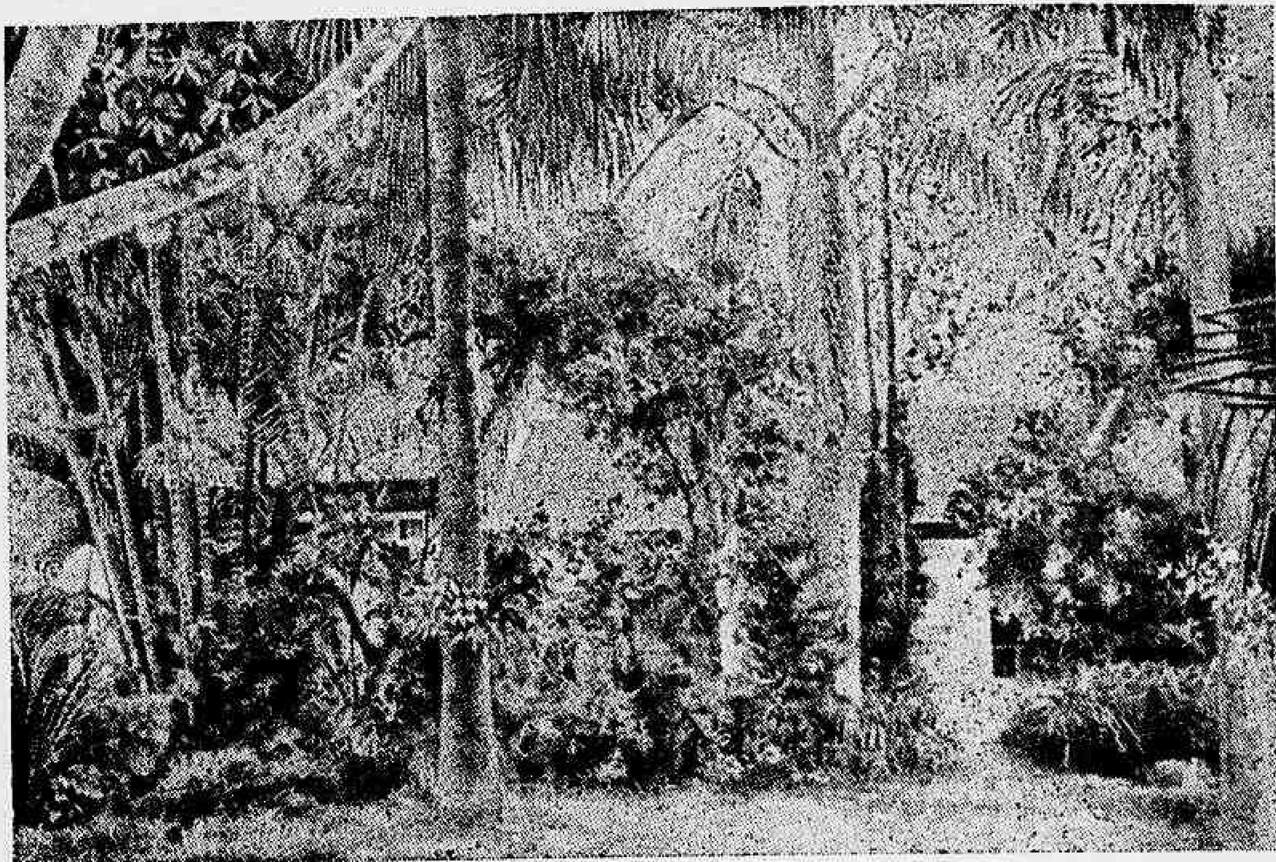
PONTES COBERTAS, protegendo o viajante do sol e da chuva, são outra característica de Blumenau. Por elas passam as viaturas, mesmo as de maior pêso, sem o menor risco. E convenhamos que emprestam ao conjunto panorâmico, um certo quê de beleza paisagística



A FESTA DO COLONO caiu de moda e deixou de ser comemorada. Aqui está uma reminiscência dessa pitoresca festividade de outros tempos. Êste flagrante evoca a festa do colono há trinta anos passados



O C'RNAVAL com tôdas as características, à moda européia, era assim antigamente em Blumenau. Êste «carro de crítica» percorreu as ruas de Blumenau, no ano de 1900 e deve ter causado forte sensação . . .



RESIDÊNCIA do sábio dr. Frederico Muller, em plena selva, a quem foi cedido o lote nº 1, no ano de 1852, com a superfície de 49,5 hect., pela quantia de cem mil réis — tal como existia então

constam: Exposição Industrial do Vale do Itajaí-Açu, que ficará aberta até novembro; Exposição Agro-Pecuária; Exposição Museu da Colonização; Exposição de artes; Exposição filatélica e numismática; Préstito histórico com desfile de alegorias, bandeiras, bandas de clarins e militares com participação do Comércio e da Indústria; apresentação da ópera "Anita Garibaldi", escrita pelo historiador blumenauense José Ferreira da Silva e musicada pelo maestro Heinz Geyer, da Sociedade Dramático-Musical Carlos Gomes, com a cooperação de artistas de renome nacional que irão do Rio; conferências pelos srs. Pedro Calmon, Valentim Bouças e outros, sôbre sociologia, economia e história-geografia; concurso de letra e música de um hino a Blumenau e de monografia e romance sôbre a cidade, com distribuição de valiosos prêmios; Campeonato Brasileiro de Tiro ao Prato; competições desportivas (regatas, futebol, motocicletas, etc.); publicação do Livro Comemorativo do 1º Centenário; sêlo e carimbo postal comemorativos; grandioso parque de diversões; lançamento da pedra fundamental da Casa Dr. Blumenau; edições especiais de revistas, guias, anuários e jornais; missa campal e nos tempos; fogos de artifício, concertos e bailes, "boites" e outras diversões.

★

Como se vê, aquêle pedaço de Brasil, tão brasileiro como os que mais o sejam, aprestava-se magnìficamente quando o visitamos, faz três semanas, para as festividades do seu primeiro século de vida. Fomos encontrar Blumenau estuante de vitalidade, sem preconceitos, vinculada ao espírito de nacionalidade e integrada no espírito da nossa terra e da nossa gente.

Seu povo é amável, prestativo, acusando um índice de educação pronunciado. Seus costumes são os de indivíduos sadios, com um padrão de vida equilibrado e, senão alto, pelo menos aceitável. O clima da terra, o contacto assíduo com a vegetação majestosa do Vale do Itajaí, a fertilidade do solo, tudo condiz com o que afirmamos: sente-se brasilidade, e uma dedicação, talvez regionalista, mas proveitosa para a terra e o povo.

No tocante ao espírito dos homens que povoaram as margens do Itajaí e de seus descendentes, do seu amor à Terra que tão carinhosamente os acolheu, da sua gratidão à Pátria que adotaram também como sua, tanto quanto nos foi possível observar — tudo está intacto. E cabe aos homens do govêrno federal cuidar do resto. Não parece que seja difícil em face do clima favorável, prestimoso e amável com que deparamos em todos os setores.



NÃO HÁ MAIS ÍNDIOS em Blumenau, mas existiam em profusão nos tempos do desbravamento. Aqui está um grupo silvícola do pôsto «Duque de Caxias», banhando-se nas águas do Itajaí, em tempos primitivos



EVOCAÇÃO de um movimento popular em Blumenau, de protesto à divisão do primitivo município. «Conservai a obra do dr. Blumenau», «Viva o valente povo!», diziam os cartazes que desfilavam pelas ruas centrais

REVISTA DA SEMANA
ANO LI ★ Nº 34 ★ 26-8-50

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..	Cr$ 140,00
Seis meses	Cr$ 70,00
Registrada — Um ano ...	Cr$ 170,00
Seis meses	Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 270,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da «Agência Zambardino», à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição nº 58, 1º andar, sala 101, telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: «Interprensa», Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente:
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

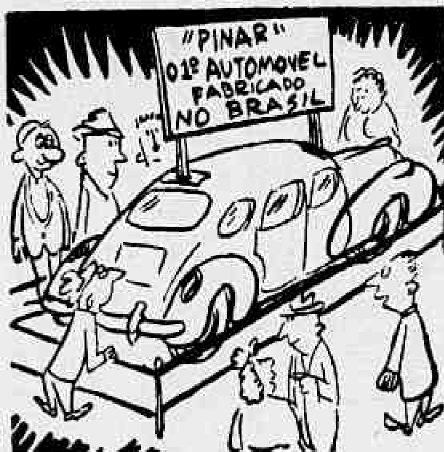
A SEMANA EM REVISTA

Cr$ 28.631,00



A semana que se foi trouxe aos meios políticos de Niterói algumas horas de agitação e mesmo de angústia. Não se trata de competições partidárias ou de escolha de candidatos a isso ou àquilo. O assunto é mesmo grave: uma denúncia muito séria. Em resumo é êste o episódio: a sete de agosto corrente, deu entrada na Secretaria do Tribunal de Justiça do Estado do Rio, uma representação assinada pelo cel. Asdrubal Gwyer de Azevedo, do Exército Nacional, contra a Câmara de Vereadores de Niterói. De que constava o documento? Constituía o mesmo sensacional denúncia contra os senhores vereadores fluminenses. A representação tomou o número 1482 e foi distribuída, ouvido o desembargador procurador geral do Estado. O oficial do nosso Exército, nome conhecido em todo o país por suas atitudes corajosas e mesmo porque também já ocupou várias funções de destaque na administração do Estado do Rio, aponta graves irregularidades praticadas pelos atuais legisladores municipais da capital do Estado, afirmando que os mesmos estão recebendo dos cofres municipais uma média mensal de Cr$ 28.631,00, tudo em flagrante desacordo com as leis vigentes. Deixou o reclamante de dirigir sua representação à Assembléia do Estado, porque julga ser êsse recurso absolutamente inoperante, "por faltar àquêle legislativo autoridade moral para apreciar o caso". São estas as suas considerações, êste o motivo por que se dirigiu diretamente ao Tribunal de Justiça do Estado. O caso estourou como uma bomba nos meios políticos de Niterói, uma vez que o coronel Gwyer pede sejam convocados os suplentes como medida de moralização.

O PRIMEIRO AUTOMÓVEL



Não se trata do primeiro automóvel que veio ao Brasil, e sim de acontecimento muito mais importante e memorável: o primeiro automóvel totalmente fabricado neste país, inclusive o motor. Mas, será isto possível? Esta pergunta deverá ter saído de muitas bocas brasileiras. Se não dispomos de uma indústria pesada capaz de tais realizações, como desejar tamanhos feitos? Pois fiquem os leitores sabendo que êsse milagre já se operou no Brasil. Um grupo de técnicos e engenheiros fundou esta admirável e patriótica organização a que deram o nome de "Pinar" ou seja a sigla formada pela designação por extenso de "Pioneiros da Indústria Nacional de Automóveis Reunidos", tendo construído o primeiro automóvel nascido totalmente no Brasil. Até agora os carros que apareciam como sendo brasileiros, não o eram exatamente, uma vez que, se umas peças eram nacionais, outras, como os motores, vinham de fora, da Itália especialmente. Com o auto "Pinar", entretanto, realizou-se esta proeza inacreditável: um automóvel de passeio, com acomodações para seis pessoas, acabava de ser apresentado ao povo carioca, todo êle fabricado no Brasil e por engenheiros e técnicos nacionais.

Os heróis dessa façanha que passará à história, são os srs. Edvaldo Santos e Domingos Otolini, auxiliados por outros patrícios. O carro é acionado por um motor de setenta cavalos, com dezesseis centímetros de cilindrada, quatro cilindros e dois tempos, consumindo quinze litros de gasolina para cada duzentos quilômetros. O brasileiro começou. Falta agora que o govêrno ajude.

CASA UNIVERSITÁRIA



O idealismo é ainda a grande alavanca de todos os progressos. Quem, para realizar alguma obra que se afigura a estranhos, coisa inexequível, não se empenha a fundo, a afrontar tôdas as dificuldades até ver o seu triunfo? E' isso o idealismo. E' sacrifício, renúncia, destemor, confiança nas suas energias, dedicação sem interesses materiais de lucros. O idealismo cria os mártires, os heróis, os patriotas. Vejam os leitores o que acaba de suceder no Recife. Pequeno grupo de moças estudantes de medicina da capital pernambucana, reconhecendo que lhes faltava um "lar" estudantil, começaram a pensar na solução dêsse problema. E meteram mãos à obra. Criariam a Casa Universitária Pernambucana, uma espécie de clube em cujo seio pudessem estudar, trocar idéias, fazer suas refeições, realizar suas festas, seus esportes, suas diversões, tudo com autonomia e independência. De início, fora daquela turminha, ninguém acreditou na realização dêsse ideal; mas, quando a mulher quer uma coisa ou vai ou há uma revolução, e, desta maneira, as jovens Carmen Gama, Maria Weydes e Maria Lúcia, conseguindo a cooperação de outras colegas, chegaram a convencer o governador Barbosa Lima Sobrinho e êste doou a sede para a Casa Universitária de Pernambuco. O resto, porém, depende de várias coisas. Para conseguir o restante, se acha nesta capital uma comissão de universitárias recifenses a fim de pleitear do Congresso Federal e do ministro da Educação, os meios necessários para que a obra admirável chegue a seu fim. Mas a Casa das estudantes já está inaugurada, em funcionamentto, mas precisa consolidar-se e enfrentar o futuro.

LANCHAR FORA? NÃO!



A noção de direito é muito diversa de indivíduo a indivíduo, mesmo entre as pessoas de sólida cultura, de conhecimentos gerais na seara da filosofia, de cursos superiores. Quanto aos indivíduos de poucas letras ou os definitivamente analfabetos, nem se fala. A noção de direito é pior do que chapéu de mulher ninguém se entende. Na última semana o juiz Elmano Cruz, da 1.ª Vara da Fazenda Pública, teve oportunidade de apreciar um dêsses curiosos casos de direito ferido. Mas de direito individual... O funcionário do Instituto dos Bancários Nelson Sílvio de Faria, julgou-se prejudicado em seus direitos de lanchar por uma portaria do presidente daquele Instituto, na qual determinara que os empregados da casa não poderiam mais fazer seus lanches fora do estabelecimento. Quem quisesse enganar a fome das três horas da tarde, fôsse ao restaurante do Instituto, situado no mesmo edifício e ali comesse sua média com pão. Sucede, porém, que psicològicamente, fazer lanche assim não produz efeito. O que se quer é saír à rua, mesmo que o café esteja no andar térreo do estabelecimento em que se trabalha. Por isso o sr. Faria não esteve pelos autos e impetrou mandado de segurança contra o presidente daquela autarquia, a fim de que lhe fôsse assegurado o direito de continuar a fazer seu lanche onde bem quisesse, desde que não ultrapassasse o limite regimental da meia-hora. Mas o juiz denegou o pedido. Não é curioso isso? Quem estará com a razão? O presidente, o juiz ou o peticionário?

A PERSONAGEM DA SEMANA

NÃO se pode falar em abastecimento dágua no Rio, sem vir à baila o nome de Paulo de Frontin; ninguém se refere à transformação urbana do Rio colonial para a Cidade Maravilhosa dos tempos atuais, sem citar o mágico que conseguiu êsse milagre: Pereira Passos. Em matéria de higiene, não se pode falar em redenção nacional no campo da profilaxia das pestes e endemias, sem pronunciar o nome do seu grande herói: Osvaldo Cruz. Comemora-se no momento em que sái a público esta edição, uma das maiores datas nacionais, a da fundação do antigo Instituto de Manguinhos, o famoso estabelecimento de ciências e pesquisas microbiológicas que tem hoje o nome do maior higienista brasileiro de todos os tempos: Osvaldo Cruz. Passa agora o cinqüentenário da inauguração de Manguinhos e o Rio hospeda as maiores sumidades na matéria procedentes de numerosos países do mundo. Reunem-se êles para realizar o V Congressa Internacional de Microbiologia, tendo sido eleito para tão memorável acontecimento o nosso país, escolhendo-se a data do cinqüentenário do Instituto de Manguinhos. Sábios e professores de Estambul, Roma, Viena, Madrid, Montevidéu, etc., representando os seus respectivos países, estão afluindo em delegações brilhantes, recebidas pelas comissões de recepção que o nosso govêrno escolheu de forma que os visitantes se vejam cercados de todo confôrto e assistência. Mais uma vez o nome de Osvaldo Cruz ocupa as atenções do mundo, tanto o científico como o profano, recordando-se o seu nome augusto com as demonstrações de carinho e admiração que merecem os verdadeiros gênios e patriotas de sua têmpera. Osvaldo Cruz, o médico que, aos trinta anos já era citado e lembrado nos maiores centros de pesquisas e combate a endemias no mundo, e que conseguiu com ingentes sacrifícios acabar com a febre amarela no Rio, em quatro anos, extinguindo também a bubônica e a varíola, mediante a vacina obrigatória e a campanha de saneamento domiciliar. Todos os sábios que hoje visitam o Rio e realizam o V Congresso de Microbiologia, comemoram os 50 anos de fundação de Manguinhos tendo diante dos olhos a imagem de um dos maiores cientistas e médicos da América: Osvaldo Cruz, nome que encheu o nosso século.



OSVALDO CRUZ



UMA SIMPLES RODA METALICA QUE TEM SOB SUA RESPONSABILIDADE A GUARDA DE MIL ALMAS. GIRA POR VÊZES ABRINDO UM MUNDO NOVO AOS QUE LÁ PERMANECERAM POR ANOS QUE SOUBERAM A SÉCULOS. FECHADA, ENCERRANDO UMA EXISTÊNCIA QUE, UM DIA, SEM SENTIR, FALSEOU



A recuperação se faz lentamente. Uma zazá de longa piteira e meia máscara, saiote e belas pernas se exibe num «show». Três detentos componentes do Regional olham para a piteira

ALI, NA RUA FREI CANECA

UM tremendo libelo às sociedades, se poderia fazer após a visita a uma penitenciária, onde reside uma cifra de mil homens, não fôra o receio da pecha que sempre acompanha o nome de quem aponta os erros de uma coletividade que se degrada a pouco e pouco, arrastando consigo, nessa vertiginosa decaída, o esteio das sociedades humanas, a mantenedora dos preceitos clássicos da educação, da integridade da família, da solidez da estrutura social — a classe média. Essa classe média leva uma existência honesta, amando e sofrendo sinceramente, partilhando dos pesares do próximo, como se próprias fôssem. E' ela quem se alça a um muro de condomínio, na ponta dos pés, a fim de saber se a coqueluche do menino mais novo da casa já sarou, se anda por bom caminho de cura, ou se o reumatismo do vovô melhorou das últimas horas da madrugada para o dia. Não são êles, membros de uma camada que ri por tudo ou por nada; que se prostitui e deturpa em gozos recíprocos e vis; que fala alto, ostentando uma excessiva franqueza; que beija sonoramente e com hipocrisia; que regateia quando compra, a fim de pagar o mínimo possível e lançar nas mesas redondas de jôgo as economias que o estômago sofreu. Em antagonismo a essa classe coloca-se um novo grupo social. E' um amontoado de gente que reside com a prostituição involuntária, a fome e a imundície. E' um povo que se acostumou a ver o crime e a venda de corpos ainda em tenra idade.

★

Essa oposição de sistemas de vida, e mordacidade do povo cunhou na música popular (a válvula de escape do sentimentalismo em face das situações sociais) através um seu autor, na eterna sabedoria do regional:

Nunca vi filho de rico,
Que mãe não ache engraçado.
Amarelo, magro, feio
E' bonito e admirado,
Mas, porém, filho de pobre,
Não foge dêste riscado:
Se faz graça é enxerido
Se está gordo 'tá inchado

A HISTÓRIA DE UM VELHO SEXAGENÁRIO QUE HÁ VINTE E TRÊS ANOS RESIDE NAS CELAS DO BRASIL. ★ "OS CONDENADOS NÃO SOMOS NÓS, SÃO AS NOSSAS FAMÍLIAS E AS DE NOSSAS VÍTIMAS" ★ UM CÔRO SOBERBO, ELOGIADO COMO DOS MELHORES VISTOS PELO MAESTRO AUXILIAR DE TOSCANINI ★ OS FRUTOS DE UMA SOCIEDADE CAÓTICA ★ EM DEFESA DA CLASSE

Texto de CARLOS TENÓRIO



Lá também se criam belos cães. Dois pensionistas da residência de Castro Pinto posam contentes com outros tantos deles

São a revolta e o recalcamento, nesse grupo, que proporcionam o advento da nova idéia (antisocial por excelência, não obstante acenando a bandeira da socialização).

Senhores, vamos olhar para essa gente humilde! O índice de criminalidade avoluma-se, dia a dia. As causas aí estão.

Foi de Magarinos Tôrres, presidente do Tribunal de Júri, àquela época, que lemos, num prefácio de uma obra, interessante período. Explicando o que, a seu ver, era a doutrina de Freud, dizia da censura (o resultado de nossa moral e educação), que se denomina também super-ego, e do inconsciente, o que iremos transcrever:

..."o inconsciente, fundo remoto, amorfo, indefinido, da nossa animalidade (emogênese e infância), porão escuro e imenso onde dormitam os impulsos, sensações e desejos, hereditários de recalcados pela educação, e que um guarda severo, o superego, impede de subirem; mas que às vêzes sobem, não obstante, disfarçadamente, por meio de sonhos e símbolos, ou pela violência, — crime ou loucura, — "...

Como se vê, um jurisconsulto, em palavras sucintas, mas de grande profundidade, explica o crime pela psicanálise.

O crime é sempre um sintoma. Sintoma de uma impressão desfavorável, de uma educação faceta criadora de desajustamentos — por via de regra, da fase juvenil. E o sintoma é o delito, sendo o indivíduo dominado pelo instinto.

As teorias impressas nos livros que tratam da Psicanálise como a única maneira de ceifar, em grande escala, o crime da sociedade, já que a impossibilidade de uma vida coesa e plana entre os grupamentos humanos é quase total — porque o homem será eternamente êsse ambicioso vulgar, um ser cheio de vaidades e instintos deturpados e mau dirigidos; e a vida constituída sempre do que malha e do que é malhado; do que domina ou se deixa dominar, seja por qual sistema político ou social — como dizíamos essa teoria, sem que se veja uma penitenciária e se pales-



Sua pena é muito longa? Ah, vai demorar um pouquinho . . . Num salão onde se servia um lanche após um «show», palestravam damas da sociedade e detentos. Belo exemplo . . .

tre com inúmeros detentos, parecerá constituida de simples palavras sem proveito e explicação provável. Era o que ouviamos quando tentávamos a explicação de tudo isso e foi também o que começamos a sentir. Simples sonho impraticável. Mas assim não é, senhores. Realmente, essa doutrina aplicada como profilaxia, surtirá os mais risonhos efeitos.

Conversamos com um detento condenado por um crime de natureza sentimental, e êle nos confessou, instado, após uma promessa de não divulgarmos seu caso:

— "Não conheço isso que se chama regeneração, ou êsse sentimento. Continuo a ser o mesmo homem que era e o que serei quando daqui sair."

E, ao que soubemos, sua conduta é exemplar, uma das melhores de tôda Penitenciária.

Um homem conduzindo-se normalmente dentro dos preceitos legais, ditados pela sociedade, um dia forçado pela dor, dá um passo para o crime.

— "Não faria o que fiz, jamais" — e explica: — "Eu sempre digo a meus companheihos: Vocês, lá fora, por qualquer coisa, julgam-se ofendidos, por um só homem. Sacam de uma arma e matam. Daí para cá são espezinhados por mais de cem homens. Desde as delegacias, no presidio, na colônia e depois na Penitenciária. Creio que é preferivel ser insultado por um homem só que por centenas."

Notem agora, como explicava a psicanálise: quando um individuo comete um crime influenciado por uma dor profunda, raramente é capaz de reincidir no mesmo. Isto se explica porque os impulsos instintivos inconscientes não se atrevem a penetrar, novamente, na consciência, pois estão profundamente recalcados pela dor.

Como bem nos disse, a solidão de uma cela dá tempo a que o homem medite e sonhe, aquêle principalmente, cremos. E por isso "filosofa" inapelàvelmente:

— Os condenados não somos nós, são nossas familias e as de nossas vitimas. Nós aqui estamos sob um teto, sem apanhar chuva. Pela manhã — café e pão. Almôço, lanche, jantar e ceia. Cama e uma parcial liberdade. E os de nossa familia? Os dias de visita aqui vêm, às vêzes sob temporais, sem dinheiro para a condução, e sem nos dizer se estão comendo ou não, para não nos martirizar. Em tudo isso somos egoistas; esquecemos se os membros de uma familia, da qual, muitas vêzes, matamos o chefe, estão passando fome. O que o Código Penal deveria estabelecer era uma colônia, na qual os criminosos primários trabalhassem, vivendo com sua familia, em lavouras ou indústrias manufatureiras, e o dinheiro ganho, seria dado à familia da vitima.

Vejam quanto de aproveitável ainda existe no caráter dêsse homem. Acrescentariamos: uma colônia de cura, com assistência de psiquiatras e, se possivel, de psicanalistas, onde não houvesse pena determinada.

Se o crime é um mal psicológico, por que estabelecer a condenação em anos?

Como poderão os juizes saber se um homem irá curar-se e se julgar apto a reingressar na sociedade em sete, quinze ou trinta anos?

Tudo isto cuida de um estudo mais apurado, que, embora já se venha fazendo há tempos, não foi até hoje, sequer, tentado.

Passemos, portanto, sôbre tudo isso, e vamos de encontro ao que mais de perto interessa ao leitor.

Não iremos aqui tecer loas ao tenente Castro Pinto, digno administrador da Penitenciária do Distrito Federal, coisa que a imprensa sobejamente o fêz, aliás justamente, visando a direção humana e correta que ali êle exerce. Focalizando a vida do prêso, seu roteiro e comportamento dentro da penitenciária, suas atividades profissionais lá dentro, trabalhando em oficinas (mecânica, alfaiataria, sapataria, porque tudo isso lá existe), participando de shows, cantando e meditando — êsse aspecto já foi abordado, o que frustra qualquer desejo nesse sentido. Visaremos, então, uma história, o relato de uma vida que a sociedade de si alijou, para, após êle cada um de nós fazer um auto-exame na consciência e pensar fraternamente em nossos semelhantes que, por vêzes, com uma excessiva e zelosa justiça deslocamos, com um solavanco, do caminho que todos deviamos trilhar. Lembremo-nos que muita gente cá fora existe, as quais, por lá, deveriam residir uma temporada. Muita gente que fêz com que o cifrão de suas notas fôsse impresso no cérebro de quem os poderia salvar legalmente.

A HISTÓRIA DE PAULO CARVOEIRO

Justamente com o primeiro passo que dei para entrar na sala de visitas da Penitenciária e o primeiro olhar mais atento que nêle pude fixar, insinuou-se uma frase









Uma parte do côro que o maestro auxiliar de Toscanini classificou como dos mais perfeitos que já ouvira. Fruto do prof. Osvaldo Barreto que se vê ao lado, em plena ação de regência

de Edgard Allan Pöe: "Quão extraordinária deve ser a história escrita naquele peito!"

Não que o meu personagem possuisse as mesmas caracteristicas fisicas do de Pöe. O dêle era uma versão nova de Satanás. O meu era um prêto velho, mineirão sexagenário, espigado, e as pontas do bigode grisalho, levaniadas em antena. Simples como todo humilde. Por quê, não sei como a frase de Pöe ocorreu em meu cérebro, simultânea ao primeiro olhar atento.

Paulo Carvoeiro, como se vê, não é nome de gente que se presa. Era êle quem reclamava isso, vejam bem. Paulo, porque teve um amigo muito parecido com êle que êsse prenome possuia. Carvoeiro: pois se era essa sua profissão lá fora. "Lá fora", é o designativo desta terra que pisamos, das ruas que cruzamos, dos prazeres que os privamos. De uma coisa sublime que se chama Liberdade.

Seu nome real é Alfredo Batista Júnior. Prêto e semi-analfabeto. Provindo do interior. Ai estão três indices. O alicerce de tôda crua e dolorosa história. Não há preconceitos em nossa terra. Aparentemente diria. Vejamos sòmente quando o sôgro de José do Patrocinio consentiu em lhe dar a filha por espôsa. E como a mão de Carolina foi dada a Machado de Assis, que além de mulato, esforçava-se por ser um "dandy". Perguntemos qual abastado senhor branco das mais finas elites (ou que não o seja) daria em matrimônio sua filha, jovem e branca, se ela se apaixonasse por um negro.

Até nossos hotéis rejeitam gente de côr!

Pois bem, o nosso Paulo cresceu. Em 1907 trabalhava como carvoeiro na Ilha do Viana. Um dia venderam-lhe na Ilha um revólver novinho, um "Colt", por setenta cruzeiros. Não sei se foi no mesmo dia 19 de agôsto (Paulo parece ter mêdo de reviver o caso, de publicidade em tôrno de seu nome, como alegou, porque não quer ser reconhecido quando de lá sair). No dia 19 de agôsto de 1927 rebenta uma greve na Ilha em represália à eletrocução de dois comunistas na América do Norte, Sacco e Vanzetti. Dela não querendo participar, saiu da Ilha e veio para a cidade. Dirigiu-se à Saúde, na Pedra do Sal. Com o movimento perigoso as rondas da policia se redobraram. E por lá havia uma. Provàvelmente reconhecido (pois já possuia algumas entradas na policia por vadiagem), foi abordado. Era a época dos bengalões. Avós dos atuais "casse-têtes" (quebra-cabeças), maiores e menos estéticos que os de hoje, para o mesmo efeito, porém. Acercaram-se dêle, tentaram prendê-lo e começou a atividade dos bengalões.

— "Eram quatro a me bater" — vai dizendo. Sacou da arma e alvejou um dos investigadores. Atirou noutros que se dispersaram e fugiu. Perseguido, foi prêso perto de um frigorifico no cais do Pôrto. Dali foi conduzido ao segundo distrito, na rua do Acre.

Julgado, foi sua pena pedida para quarenta anos e logo após comutada para trinta, dos quais cumpre vinte e três. Veio prêso em 1927. Em fevereiro de mil novecentos e trinta, Paulo arquitetou sua primeira fuga. Era diretor, por essa época, Muniz Filho. Foi pela manhã cedo. Era no prédio antigo do presidio. Arranjou na oficina do ferreiro uma corda e, por trás do prédio, com a ajuda da corda, alcançou o muro. Já em cima dêle foi visto e dado o alarma. Pulou para o lado da rua e correu em direção ao morro de São Carlos. Atravessou-o, descendo pela rua Haddock-Lôbo. Rumou para a estação de Alfredo Maia. Comprou uma passagem para Minas. Tudo isto fazendo, ainda vestido com a farda do presidio. Alcançado aquêle Estado por lá ficou cêrca de quatro meses, trabalhando em fazendas. Em maio tem noticia de uma doença grave que acometia sua mãe. Tentado e confiante pelo passar do tempo, voltou ao Rio para rever sua mãe. Isto feito, saiu e, em Vila Rosali foi baleado e prêso, sendo recambiado à prisão. Os jornais e a sociedade se haviam esquecido de Paulo Carvoeiro, do seu drama intimo, esquecendo-se que êsse homem também era passivel de um sentimento amoroso filial e fraternal, como qualquer de nós. Morre, então, sua mãe. É-lhe concedido vê-la. Volta, e, ao entrar na penitenciária, trazia, calçados, um par de sapatos brancos de sola de borracha. Isso, conta numa descrição minuciosa sem ao menos atinar na disparidade do falecimento da mãe e os sapatos brancos. Não creio que Paulo Carvoeiro o fizesse com um desejo sádico, como pode parecer à primeira vista. O que se nota em si é um grande apêgo à familia, o que, aliás, contrastaria com qualquer julgamento apressado que se fizesse.

Aquilo foi motivo para que o jogassem na solitária. A revolta assola seu peito diante da situação que se criara. Sua mãe sôbre uma mesa, cercada de cirios indecisos, inerte e fria, e êle jogado numa cela estreita e úmida. Maquina nova fuga. Ganha campo êsse desejo com a morte de um irmão. Dirige-se à diretoria e pede permissão para sair e ver pela última vez o irmão que falecera, mesmo que fôsse escoltado. Negam-lhe.

— Eu sabia de prêso que até dormia em Copacabana e voltava de manhã.

Permanece naquele estado em que a revolta rumina e arquiteta novos planos. Em certo dia de 1941, pelas oito



Alfredo Batista Júnior, mais conhecido como Paulo Carvoeiro é a encarnação do prêto velho das histórias que conhecemos. Simples como todo humilde



Condessa (é assim mesmo que é conhecido, ué) estendeu sua atividade de mordomo que cá fora exercia. Muito delicado

horas da manhã, pára um caminhão de óleo no pátio da Penitenciária. Paulo Carvoeiro andava por aí acompanhado de mais outros companheiros. Enquanto se fazia o abastecimento para a bomba local, aproxima-se do carro grande, que encobria a visão dos tripulantes da viatura, e dos guardas, que conversavam. Dá uma pequena volta, chega-se até onde estão as rodas traseiras, agacha-se e introduz-se para baixo do caminhão. Ali procura o tambor de óleo e, entre êle e uma chapa existente, se coloca. Permanece quieto, prendendo a respiração, prêsa de um nervosismo que lhe paralisava a ação. Terminado o transporte do líquido do carro, palestram ainda um pouco os funcionários e os tripulantes do caminhão. Entram no carro e o movimentam. Os solavancos e a insegurança do lugar escolhido vão-lhe imprimindo uma sensação misturada de expectativa, de receio de ser "pêgo", o vislumbre da liberdade que se avizinha! Transposto o portão o carro se dirige por outras ruas. Corta bondes, penetra novas vias e se encaminha para S. Cristóvão, onde, em Santo Cristo, é o depósito de óleo. Tôda a esperança de sucesso da fuga quase que já se concretizara. Aproveitando uma distração do "chauffeur", Paulo Carvoeiro sai do caminhão e se põe em fuga. Dirige-se para Coqueiros à residência de uma irmã. Facilita, entretanto, permanecendo no Rio. Por isso, à noite, a polícia ràpidamente agia localizando-o e pendendo-o para devolvê-lo à prisão. Daí para cá nunca mais tentou a fuga. Sempre calmo, Alfredo Batista Júnior conquistou a amizade dos companheiros de prisão, dos guardas e diretores. Todos lhe querem bem. Disso tivemos confirmação através de outras pessoas.

Tudo nos relata a custo, sempre receioso de uma intenção má de nossa parte. Transcrevemos tudo que nos contou sem verificarmos se era verídico o que dizia, sem procurarmos em sua ficha a história que a justiça conta. Não que a desprezemos, mas, para sabermos, posteriormente, se Paulo foi sincero e, portanto, se já está devidamente curado para a vida cá fora.

Perguntado se deseja dizer alguma coisa independente do que era interrogado disse:

— Cansado de tirar cadeia, queria que a justiça me desse uma oportunidade de liberdade porque creio que já estou apto para voltar à sociedade.

Vinte-e-três anos! A extensão de uma vida! Uma existência consumida inùtilmente. Nesse espaço de tempo quanta revolta se poderia introduzir num espírito! Quanto desprêzo pelos homens e suas leis sociais!

Senhores, vamos fazer um retrospecto em nossas arcaicas leis? Vamos rever certos processos? Vamos fazer uma visita, disfarçados de vossas indumentárias de juristas? Passear pelos pátios, conversar com os presos, ouvi-los cantar e contar suas histórias?

EM DEFESA DA CLASSE

Já se faz tempo de acabar de uma vez por tôdas com certas coisas injustas que se ouvem a cada dia, em cada entrevista.

— O jornalista mente muito — disse-nos um dos senhores, amigàvelmente.

E' devido à sua posição, que lhe pode proporcionar a missão dêste conceito por constantes vêzes, que faz jus aqui, uma resposta.

Todo jornalista não é mentiroso. Esta afirmação peca, a priori, pelo aspecto de totalidade de que vem revestida. Por mais identificado que esteja um grupo, jamais se poderá julgar as individualidades quando vistas por um só ângulo. Cada qual recebeu na infância um tipo de

(Cont. na pág. 47)



O sentimento paternal é característico em qualquer homem. Num dia de visita o menino brinca com o papai sem se aperceber da dolorosa situação em que se encontra

ESTA E' A PRIMEIRA FOTO DE PROCOPINHO NA PENITENCIARIA. RECLAMAVA DO SECRETÁRIO "AD-HOC" DO TENENTE CASTRO PINTO O DESPRÊZO PELOS SEUS DOTES ARTISTICOS. "EU SOU UM ARTISTA, VOCÊ SABE MUITO BEM. VOCÊS ORGANIZAM TEATRO POR AÍ, E NEM ME CHAMAM, A MIM, IRMÃO DE PROCÓPIO!"

Maria Mingonga

CRIEI-ME com duas tias velhas no bairro de Campo Grande, ali em Recife. Um misto de criado e parente que trocava préstimos por estudo. Minhas poucas lembranças de meu pai, são a um tempo confusas e nítidas. Eu, pequeno no engenho, era cuidado pelas amas da Casa Grande. Triste e franzino, abria uns olhos desmesurados para o mundo, no espanto de quem contemplasse os primeiros mistérios.

Aquêle homem grandalhão, de barba por fazer, tinha o dom de mandar em tudo. Gritava, esbravejava e parecia estar sempre zangado. Repetia a cada passo:

— O dono aqui sou eu! Eu sòmente!

Ai de quem duvidasse. Corria o risco do ponta-pé ou safanão e era logo expulso de lá sumàriamente. Para sêo Belarmino, senhor de Mata Grande e meu pai, o melhor era fazer o que faziam — servir com presteza, em humildade e silêncio. Nunca consegui compreender porque se cansava tanto no trabalho. De manhã, saia a cavalo pelos canaviais, e voltava pouco antes do almôço. De tarde, ficava deitado na rêde do terraço, lendo jornais ou dormindo. Numa mesinha perto, o inseparável garrafão de pinga, a pinga do seu precioso alambique de pau.

Tinha um violão e muitas vêzes ficava a dedilhá-lo, cantarolando modinhas antigas:

O tatu subiu no pau
E' mentira de mecê...

Estou a vê-lo tão bem como naqueles tempos. Meio entediado, sempre rude, a chamar-me, no seu vozeirão:

— Ô coisa ruim, vem cá!

Era comigo, e Frosina dizia-me apressada:

— Teu pai tá te chamando. Corre, menino!

Eu ia rápido e amedrontado:

— O sinhô me chamou?

— Há muito tempo! Que tavas fazendo?

— Ajudando Quitéria.

— Qual! Não dás prá nada mesmo. Estavas mas era estorvando ela. Precisas tomar jeito de gente.

Virava-se para o outro lado e estava encerrada a conversa. Eu, mais que depressa, sumia para os fundos da casa.

Na cozinha esquecia as mágoas assuntando com as empregadas. Quitéria, cozinheira tão antiga ali como o cosarão, punha-me ao colo e alisava-me os cabelos, às vêzes, num suspiro sincero:

— E' isso, te tratam como herva má, embora não tenhas culpa nenhuma...

Quando lhe perguntava por minha mãe, dizia apenas:

— Morreu, faz pouco tempo. — e fechava-se de vez, enquanto eu adormecia de manso, entorpecido de mágoas...

★

O que não consigo esquecer é aquela bofetada — um cancro de injustiça a me roer a alma.

Eu fôra tomar banho no rio, com alguns companheiros. Um dêles, atrevidaço e maldoso, empurrou-me não sei por quê.

— Anda mulato ordinário! — disse.

Respondi com um desaforo.

Foi o suficiente. Os quatro caíram em cima de mim aos murros e ponta-pés, apesar da minha reação.

Eu apanhava — era evidente — e assim tive que fugir. Não sei como, a história chegou aos ouvidos do meu pai.

Chamou-me de tarde no terraço:

— Então, apanhado e corrido, não é?...

— Meu pai, eu... — comecei a dizer entre lágrimas.

Não me deixou concluir. Vibrou-me uma bofetada e caí com os lábios em sangue.

Fiquei ali esmagado e humilde, a chorar em silêncio.

Ódio, vergonha e impotência misturavam-se em tumulto dentro de mim. Passei a olhá-lo como um algoz, um implacável algoz e foi Quitéria quem se socorreu afinal.

Levou-me pela mão, desfigurado, e lembro-me então do que disse:

— Quer vingar-se em ti da tua mãe que fugiu:

★

Os tempos passaram, estudei, trabalhei, mas a frase ficou.

Minhas tias, Clara e Sinhá, duas solteirenas de meia idade, um dia decidiram levar-me:

— Nós educamos o garôto, Belarmino. Assim é melhor.

E fiquei ali em Recife, ajudando-as no que podia e recebendo em paga educação.

Beatas fervorosas, as duas pareciam viver num mundo de prece e abstração. Tudo se lhes reduzia ao Todo Poderoso e ao Diabo, e era de ver a indignação com que reverberavam o pecado.

Enquadravam as coisas numa fórmula simples — pecar por ação ou omissão, com escalas nas faltas leves e graves.

Econômicas, quase avaras, viviam dum parco montepio e de alguns bens que possuiam.

Foi-me fácil compreendê-las e aceitá-las. Numa prudência precoce, revesti-me de piedade e fervor a tôda prova. Se no primário era o "anjo", no ginasial — um colégio de padres — passei a ser o "santo". Não havia mesmo associação religiosa a que eu não pertencesse, e num pôsto de relêvo.

Presidente de uma, vice-presidente ou secretário de outra, atravessei aquêles anos todos como o aluno-modêlo.

Minhas tias, essas se rejubilavam com meus triunfos. Num indisfarçado orgulho, apontavam-me aos pais dos demais colegas:

— Pois o Antoninho só tem merecido louvores. E tratavam-me a velas de libras, como a um cavalo ganha-prêmios, aliás...

Eram tacanhas — coitadas! — mas bondosas. No intimo, bem no intimo, louvavam em mim apenas a si mesmas. Eu que viera do nada — julgavam — devia tudo à esclarecida orientação de ambas.

Naturalmente que eu o percebia e fazia o máximo para exaltá-las ainda mais.

Quando, porém, entrei na Faculdade, já as coisas cantavam doutro modo. Estudava pela manhã e trabalhava à tarde, aceitando-lhes o jugo simplesmente proforma. Era independente.

Queria então ler, compreender, pensar por mim mesmo. Visando destacar-me entre os demais, chegava a assombrá-las com minhas idéias. Mas calavam prudentes, desculpando-se tímidas:

— Não temos tanto estudo para isso...

Terminei por descambar num panteismo lírico, absurdo. Exaltando coisas e animais num êxtase de primata...

Bons tempos... Bons tempos...

★

Mas me formei e prossegui.

Meu pai, êsse é que nos visitava pouco. Lá uma vez ou outra aparecia com seu chapelão branco e seu tipo de dono de engenho.

Ria, cheirando a álcool, e perguntava:

— Como vai o menino?

— Bem, Belarmino, bem — respondiam minhas tias. — E' o melhor aluno da escola.

— Tem meu sangue, está visto.

Uma vez, entretanto, eu já na Faculdade, um colega me disse:

— Teu pai está bêbedo, num antro!

— Como sabe? — perguntei-lhe indignado.

— Êle mesmo me disse quem era.

Assim, fui buscá-lo numa profunda vergonha.

Achei-o bêbedo, semi-inconsciente e le-

(Cont. na pág. 46)

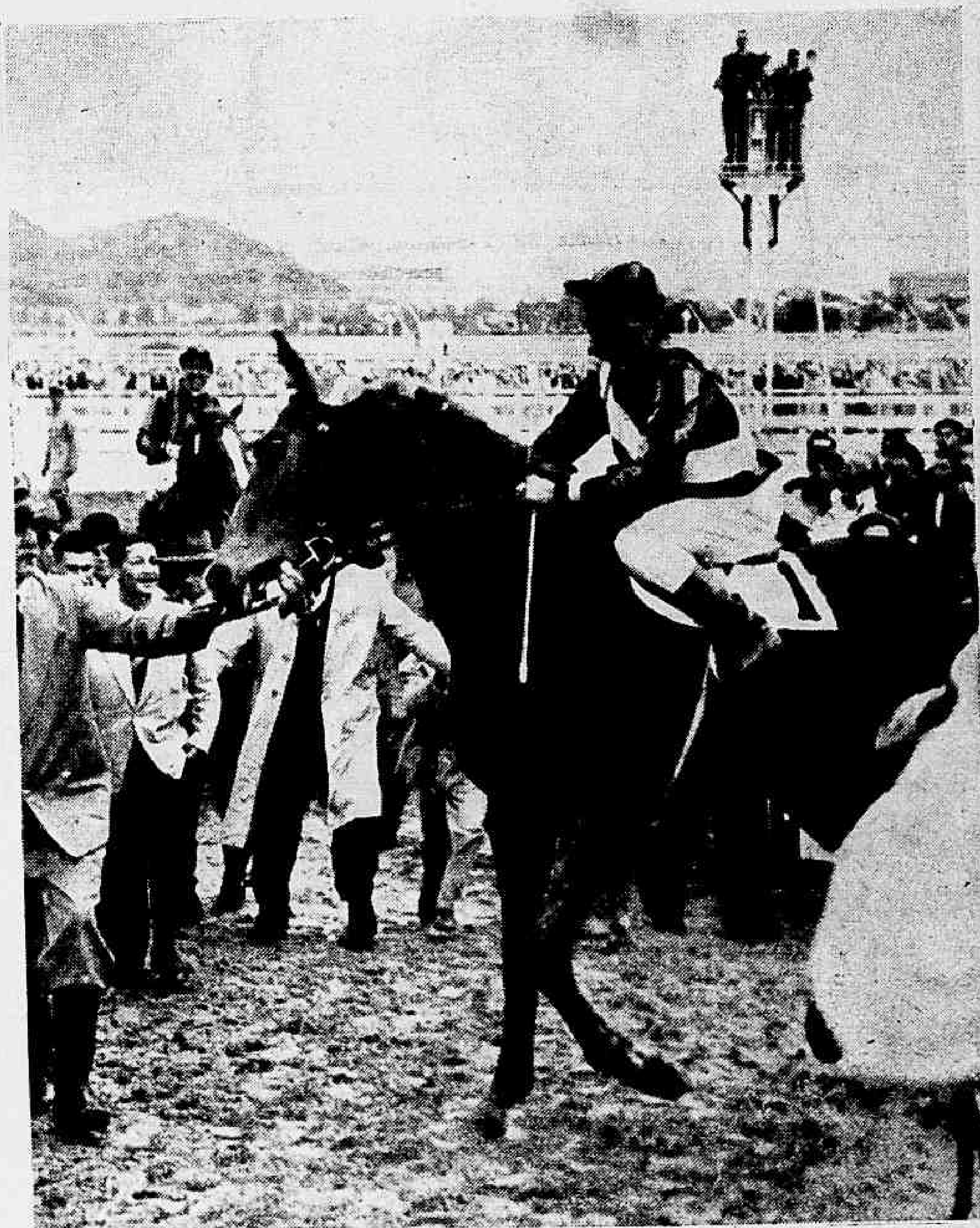
CONTO DE C. EUSTACHIO
ILUSTRAÇÃO DE A. ZALUAR



ASPECTO DA TRIBUNA SOCIAL e parte da «pelouse», literalmente cheias. Assim também estavam tôdas as dependências do belo Hipódromo Brasileiro na tarde majestosa do Grande Prêmio Brasil de 1950, abrigando uma multidão calculada em mais de setenta mil pessoas

O GRANDE PRÊMIO BRASIL DE 1950

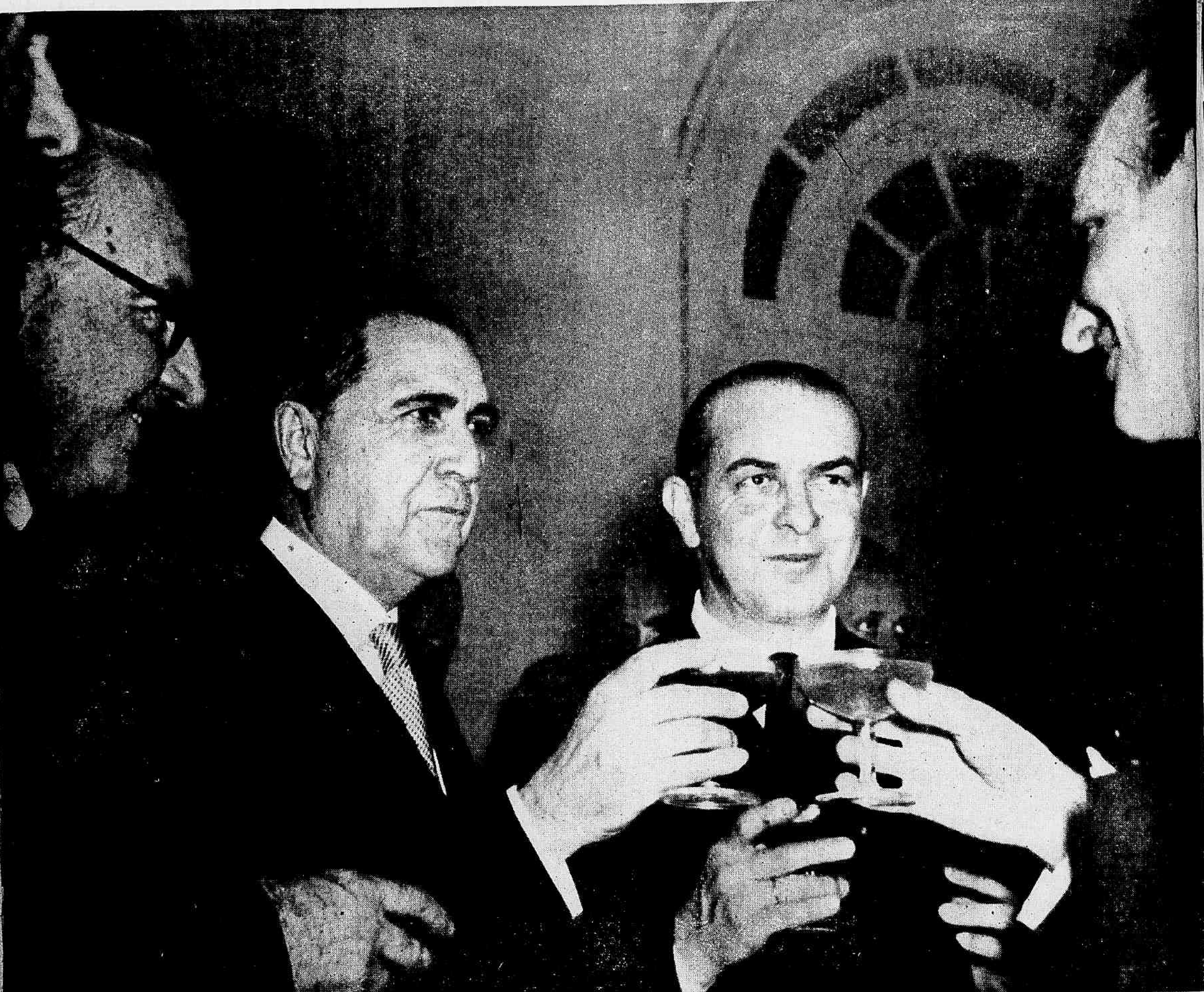
A MAIOR FESTA DA CIDADE RATIFICOU O SEU PRESTÍGIO ★ UMA PARADA DE ELEGÂNCIA, BELEZA E DISTINÇÃO ★ MAIS DE SETENTA MIL PESSOAS NO MAGNÍFICO HIPÓDROMO DA GÁVEA ★ MOVIMENTO "RECORD" DE APOSTAS ★ ESPETACULAR VITÓRIA DA ÉGUA TIROLESA, LEVANTANDO O 18.º DERBY NACIONAL DE PONTA A PONTA



TIROLESA, a valente filha de Fox Cub, volta triunfante da pista, rodeada pelo entusiasmo da assistência, tendo no dorso, sorridente, o popular jóquei Domingos Ferreira, pela primeira vez laureado no Grande Prêmio Brasil. Tirolesa pertence ao Stud Seabra

O Rio de Janeiro acaba de assistir, maravilhado, a mais uma disputa do Grande Prêmio Brasil, a famosa carreira internacional que é, sem favor, a maior festa da Cidade Maravilhosa, a par de ser um dos grandes acontecimentos turfísticos mundiais. O magnífico Hipódromo da Gávea viveu outra tarde esplendor, e embora o tempo estivesse frio e ameaçador, o belo campo de corridas foi pequeno para conter a enorme massa humana que se comprimia por tôdas as suas dependências, num espetáculo de rara beleza e congraçamento, registrando-se um novo record no movimento total das apostas, que atingiu a mais de dezesseis milhões de cruzeiros. E como acontece em tôdas as tardes do nosso "Sweepstake", o elemento feminino colaborou decisivamente para o êxito social da reunião, promovendo um brilhantíssimo desfile de moda, de elegância e bom gôsto, difícil de ser igualado em qualquer outra ocasião.

O Grande Prêmio Brasil, a carreira máxima do nosso turfe, com a dotação de um milhão de cruzeiros, e no percurso de 3.000 metros, foi ganho pela primeira vez por uma



DEPOIS DA GRANDE vitória de Tirolesa, o sr. Nelson Seabra, um dos proprietários do Stud Seabra, ao qual pertence a égua campeã, é saudado pelo sr. João Borges Filho, presidente do Jockey Club Brasileiro, sendo, nessa ocasião, cumprimentado pelos seus numerosos amigos

égua, Tiroleza, a valente defensora do Stud Seabra, que no ano passado havia secundado Carrasco na famosa competição. Correndo em parelha com o grande favorito Cruz Montiel, a notável filha de Fox Cub, lançada para a ponta, desde o pulo, a fim de facilitar a tarefa do seu irmão paterno, não mais entregou a posição de honra até o espelho de sentença, deixando o platino Nimrod "seu runner-up" a mais de seis corpos, enquanto Cruz Montiel finalizava em terceiro lugar.



O ELEMENTO FEMININO mais uma vez deu a nota de elegância e bom gôsto à maior reunião turfística sul-americana



POR TÔDA A PARTE repetia-se o espetáculo de encanto e beleza, que sòmente as mulheres nos sabem proporcionar








LINDAS MULHERES, belíssimas «toilettes», plumas e agasalhos custosos, formando um conjunto encantador, uma festa para os nossos olhos. O lado social do Grande Prêmio Brasil é realmente uma das maiores atrações da grande reunião carreirista, que anualmente empolga o povo carioca

Carrasco, o vencedor do Grande Prêmio de 1949, finalizou em quarto lugar, enquanto Coraje antecipava-se ao nacional Manguari, em quinto.

As fotografias ilustrativas desta reportagem dão uma idéia do que foi a tarde de 6 do mês em curso no Hipódromo Brasileiro, destacando-se a participação feminina, que transformou a grande festa turfística sul-americana num dos maiores acontecimentos sociais dos nossos tempos.



O PRESTÍGIO SOCIAL do Grande Prêmio Brasil manteve-se intacto, mercê da decidida colaboração feminina



E NO INSTANTE supremo da carreira, os binóculos completam, nas mãos femininas, um quadro de inexcedível graça

VIDAS DE MULHERES CELEBRES

A VIDA DE JOANA D'ARC

1412 — 1431

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Pôrto Alegre

C[illegible] Miguel [illegible]

— [illegible] Joana [illegible] igreja com freqüência.

[illegible] São Miguel [illegible] muitas vêzes a imagem na parede da igreja. [illegible]

[illegible] linguagem dos anjos.

Assim é que [illegible] São Miguel [illegible] Santa Catarina. Também [illegible] Joana. [illegible]

Joana tinha [illegible] São Miguel [illegible] França.

— Filha de Deus — disse êle, pois êsse era o nome que lhe dava — é chegado o tempo em que deves deixar tua aldeia e ir em socorro da França.

Agora não pareciam mais ilimitados [illegible] seus sonhos.

II

No século XV quase todos "conversavam com os anjos" [illegible] "com Deus". [illegible] Tomaz Conecte, que, conforme [illegible] dos santos do céu, pregou na Bélgica e na França para multidões de quinze e vinte mil pessoas de cada vez. Na Bretanha, uma moça de nome Pierrette [illegible] que se achava em constante comunicação com o próprio Jesus. Um jovem pastor francês informou ter [illegible] Cada província tinha seus homens e mulheres inspirados que acreditavam, e faziam outros acreditar, ter visto e conversado com os espíritos do céu.

Foram essas histórias miraculosas de visões celestes que nutriram a imaginação da pequena Joana durante sua infância. Nunca lhe ensinaram a ler ou escrever. Sua educação consistia quase exclusivamente em mitos e lendas, que era levada a aceitar como verdade. "Nascida entre as próprias paredes da Igreja" — estamos citando o historiador francês Michelet — "embalada pelo som dos sinos e alimentada de lendas, ela tornou-se uma lenda viva para si mesma". Não longe da casa de seu pai havia uma floresta na qual se acreditava morarem fadas. Nas altas árvores ela via os anjos pairarem por sôbre ela. No horizonte longínquo, as montanhas dos Vosges erguiam-se acima das nuvens até o trono de Deus. Se ao menos ela tivesse bastante coragem para escalar aquêles cumes que mostravam o caminho do céu! Muitas vêzes, quando seu pai estava ausente no campo e sua mãe estava trabalhando em casa, ela se sentava no umbral da porta, a sonhar e a escutar os ruídos da aldeia. Um murmúrio confuso, impreciso, esquisito; não era a verdadeira voz dos anjos conversando com ela? A linha divisória entre êste mundo e o outro era muito vaga. Os anjos e os homens, para a sua imaginação infantil, podiam falar lado a lado tão naturalmente como dois vizinhos que se encontram na rua. Ouvir um anjo chamar do alto não era mais surpreendente do que ouvir a mãe chamar de dentro de casa. Não havia milagre nisso. Ao contrário; Joana julgaria um milagre que os anjos não falassem aos filhos de Deus na terra.

Em suma, vivia num mundo em que lhe era impossível distinguir entre o irreal e o real. Os anjos podiam baixar até ela; e ela, eventualmente, podia ser elevada até êles para os ver no céu.

Uma linda e celestial existência foi a dela, ou antes, podia ter sido, não fôsse o ogro daquele exército invasor. Os "Goddams" inglêses, chamados "Goddons" pelos franceses, tinham ocupado o reino da França. Estavam ceifando as plantações dos camponeses franceses. Estavam queimando suas casas e lhes arrebatando o gado. Às vêzes, durante a noite, Joana era acordada pelos gritos dos fugitivos das outras aldeias. Duma feita, seus próprios pais foram obrigados a fugir do invasor. Quando a família voltou ao lar, encontrou a aldeia saqueada, a casa pilhada, e a igreja em chamas.

A bondade dos santos no céu, e o lamentável estado do reino de França — tais eram os dois fatos essenciais na vida da jovem camponesinha de Domrémy. Sua mãe fazia continuamente por convencê-la de que a França era cara aos santos e que êles fariam o que estivesse ao seu alcance para expulsar os "salteadores inglêses" do solo sagrado [illegible] donzela [illegible] França [illegible] Maria [illegible] uma santa [illegible] com [illegible] E, [illegible] Joana d'Arc a [illegible] — *la Pucelle* — [illegible] para a salvação da França.

[illegible] seus pais.

— [illegible] amortalhado São Miguel — que [illegible] casa [illegible] auxílio do [illegible]

III

Quando Joana [illegible] permanecer em casa. [illegible] que sua filha [illegible] fa- miliarizado [illegible] Joana só podia significar uma [illegible]

— [illegible] minhas próprias mãos.

Querendo [illegible] casá-la com um dos camponeses da localidade. Chegou mesmo a forjar contra a filha, em conluio com o candidato à mão dela, um processo por quebra de promessa de casamento. Mas ela desmentiu o pai, rejeitou seu pretendente, e convenceu os juízes de que nunca tinha prometido casamento a quem quer que fôsse.

— Em obediência às vozes do céu, eu me consagrei a uma vida de castidade e à missão de libertar meu país.

Mas como empreender sua missão? Expôs seu embaraço aos seus santos protetores.

— Não sou mais que uma pobre moça. Não sei montar nem combater. De que modo, então, posso ajudar a França?

Em certa noite, São Miguel aconselhou que ela se dirigisse a Robert de Baudricourt, governador do distrito de Vaucouleurs e da aldeia de Domrémy. O arcanjo lhe garantiu que êsse homem lhe forneceria os homens e os meios para a viagem a Chinon, onde o delfim Carlos, herdeiro do trono francês, vivia timidamente no palácio, como rei não coroado numa terra conquistada.

Joana pôs-se a caminho de Vaucouleurs guiada por um primo idoso, um certo Durand Lassois, único membro da família que tinha confiança nela. Os outros viviam muito perto dela para a conhecer. Ninguém suspeitara que um anjo estivesse descascando batatas na cozinha. Os pais e os irmãos de Joana nada viam nela de divino. Para êles ela era simplesmente uma empregada de cozinha que se deixara levar por um louco sonho de aventura.

Também para Baudricourt ela pareceu nada mais que uma estouvada aventureirazinha. Êle não tinha fé na missão de que ela se incumbira por si mesma. Era ridículo considerar aquela rapariga do campo, rústica e ingênua, de feições tôscas e falar grosseiro, como libertadora do povo francês!

As camadas humildes do povo, porém, pensavam de modo diferente. Nada de estranhar que uma libertadora surgisse de uma classe inferior. Bons cristãos medievais que eram, acreditavam na história dela sôbre os anjos justamente por parecer inacreditável. Compraram para ela um cavalo e um uniforme de soldado, e lhe deram uma pequena escolta de homens armados. Baudricourt, contagiado afinal pelo entusiasmo do povo, presenteou-a com uma espada.

E assim, no comêço da primavera de 1429, Joana d'Arc, com seus dezessete anos, acompanhada por sua escolta, e vestida de homem, partiu para a sua estranha missão de remediar "o lastimável estado da França".

JOANA D'ARC

IV

Seu primeiro objetivo era alcançar o palácio do delfim em Chinon. O delfim Carlos era um palhaço sem energia, hesitante, crédulo, estúpido e supersticioso. Quando Joana d'Arc foi admitida à sua presença, êle se achava cercado por um grupo de cortesãos. Ela não teve dificuldade, entretanto, em distingui-lo dos outros, pois que êle era o homem mais feio do palácio. Apresentou-se humildemente, como convinha a uma mulher da sua condição social.

— Nobre delfim — disse ela, prosternando-se — meu nome é Jehanne la Pucelle. O Rei dos Ceus ordenou-lhe, por meu intermédio, que seja coroado rei de França.

O delfim deu pronto ouvido à história de Joana d'Arc. Porque era um fervoroso crente nos milagres e na magia do século XV. Também êle tinha sido inspirado pela profecia de Merlin e de Maria de Avinhão. Uma donzela salvaria a França. E ali estava a salvadora prometida diante dêle, armada com uma ordem do Senhor e pronta a guiá-lo à vitória e à coroa! O ardente desejo da jovem camponesa tornou-se a vontade do delfim Carlos.

De acôrdo com os planos dos anjos, declarou Joana, ela estava encarregada de cumprir duas solenes missões. Devia libertar a cidade de Orléans dos godemes inglêses; e devia conduzir o delfim à cidade de Reims, ungindo-o com o óleo sagrado que fôra usado na coroação do rei Clóvis, o fundador cristão da estirpe real de França.

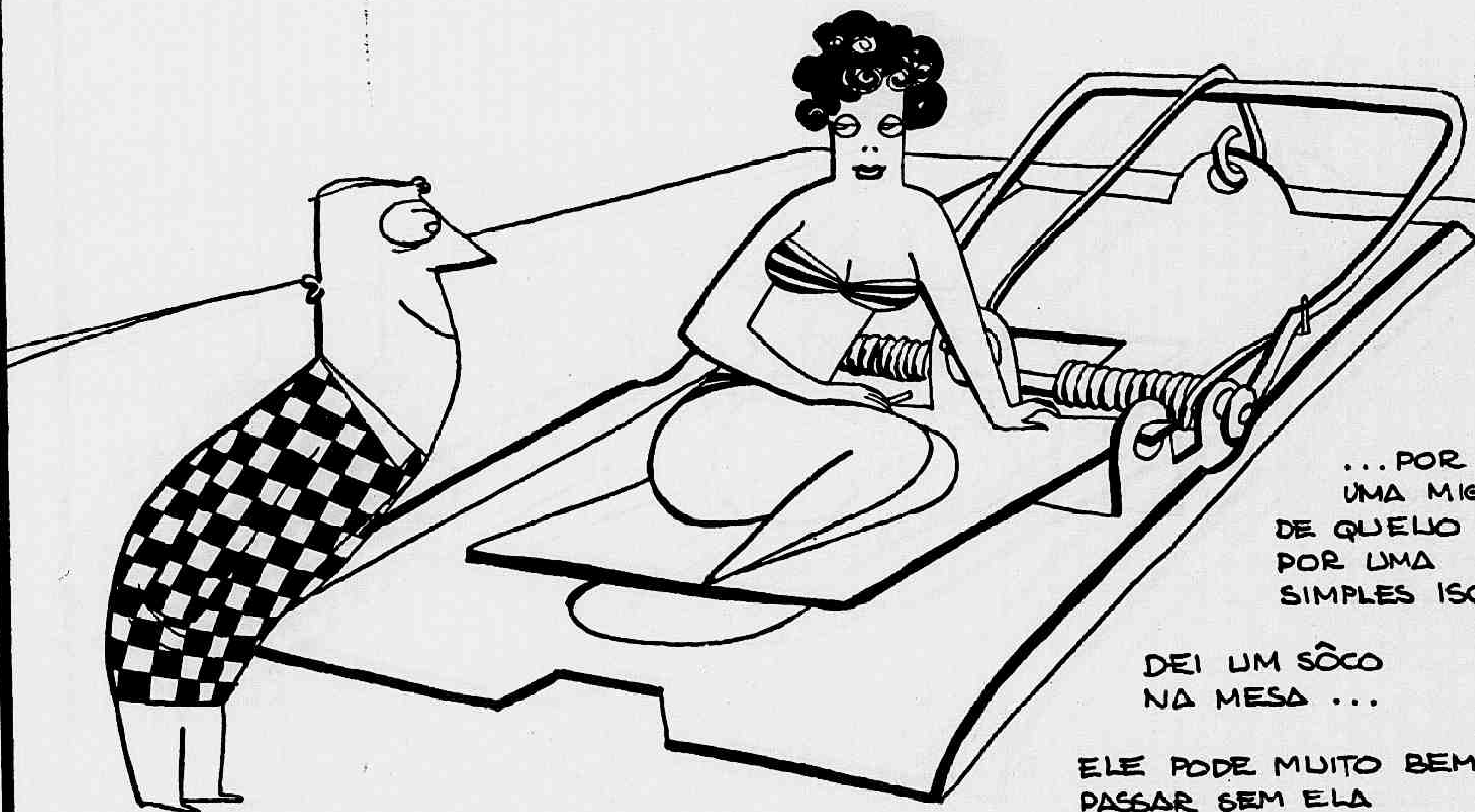
O delfim assentiu na missão dela e a nomeou comandante-em-chefe do pequeno exército que conseguira formar em tôrno da sua bandeira. Naqueles tempos não era raro que as mulheres combatessem lado a lado com os homens. Na batalha de Amiens houve

(Cont. na pág. 53)

Nicodemus SE IRMANIZA COM O NOSSO IRMÃO

O RATO

UM HOMEM
E' UM HOMEM !
UM RATO E' UM RATO !
O HOMEM
NÃO PODE SER
COMO O RATO
QUE
CAI
NA
RATOEIRA . . .



. . . POR
UMA MIGALHA
DE QUEIJO
POR UMA
SIMPLES ISCA !

DEI UM SÔCO
NA MESA . . .

ELE PODE MUITO BEM
PASSAR SEM ELA
SEM A ISCA
E LANÇAR – LHE ENTÃO
NA FACE A BOFETADA
DE UM OLHAR DE DESPRESO . . .

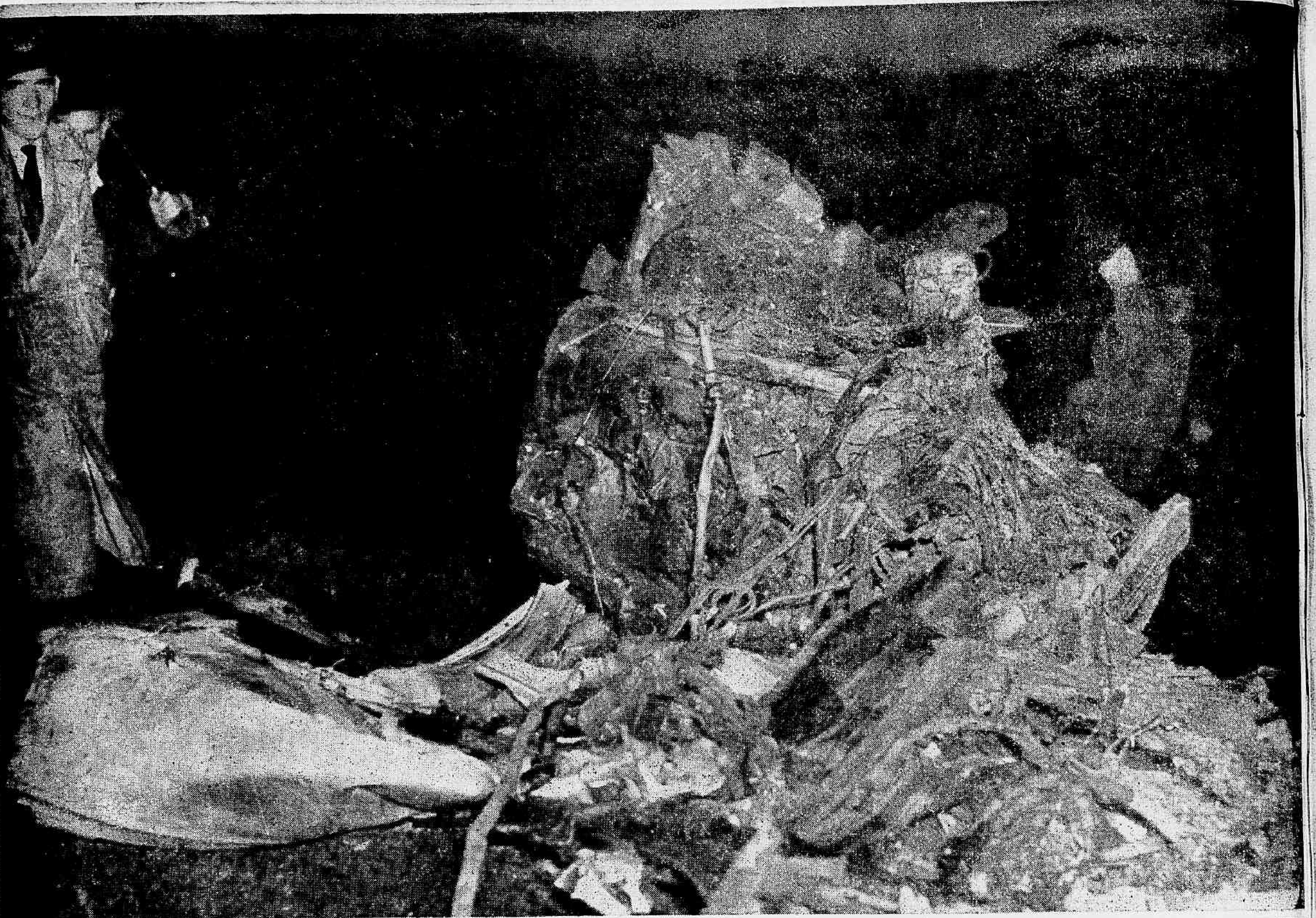


DEI OUTRO SÔCO
NA MESA . . .



QUE O DIABO ME CARREGUE
SE DE AGORA EM DIANTE
QUERO SABER MAIS DAS MULHERES !

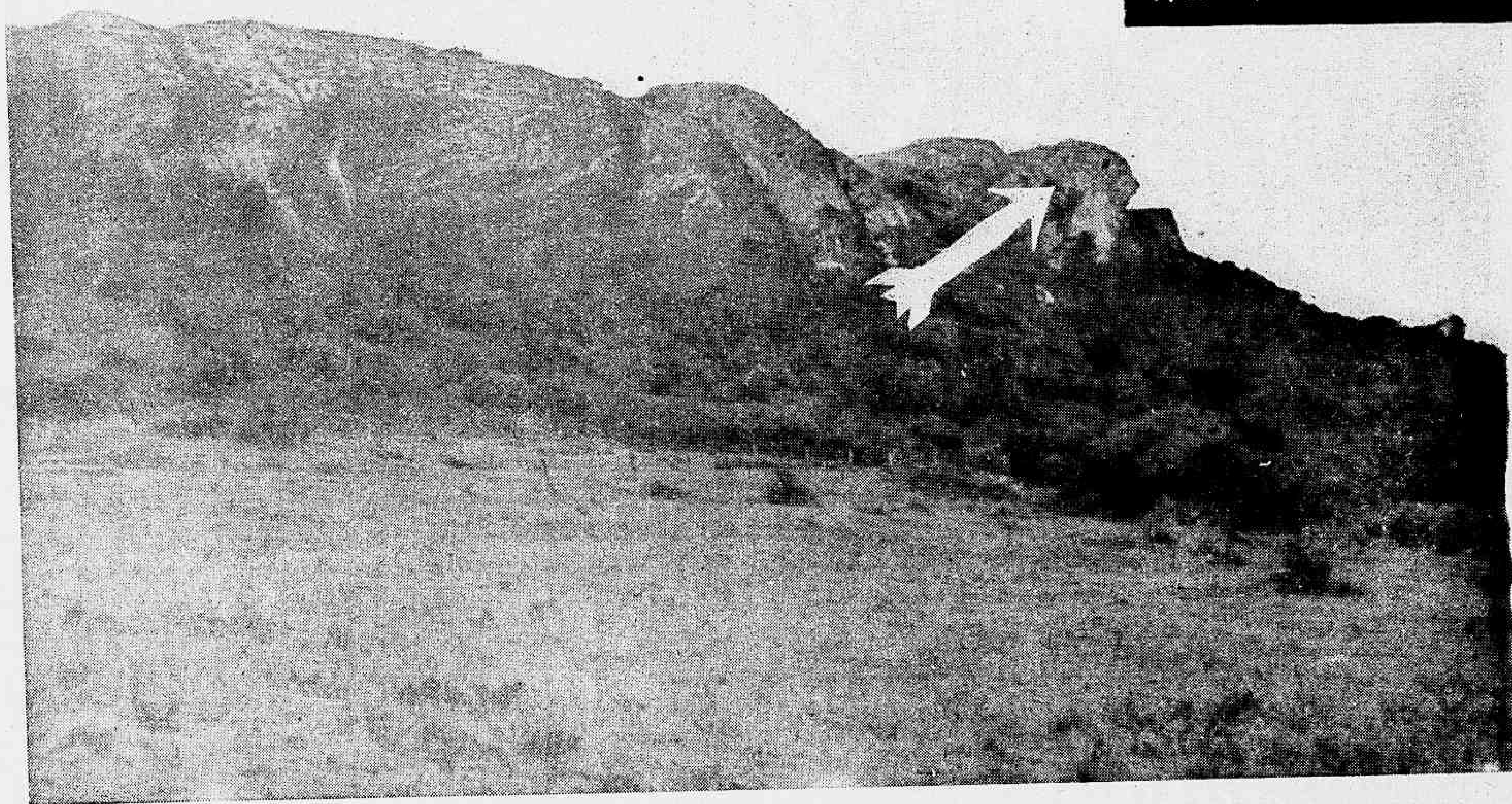
E O DIABO
ME CARREGOU . . .





DESTROÇOS DO GRANDE QUADRIMOTOR, O "CONSTELLATION" DA PANAIR DO BRASIL, RESTOS DE SUA FUSELAGEM E DE MOTORES

A MAIOR TRAGÉDIA AÉREA DO BRASIL



O MORRO do município de S. Leopoldo, nas proximidades de Pôrto Alegre, vendo-se indicado pela seta o ponto exato em que bateu o grande avião, local conhecido como o morro do Chapéu, separado por uma garganta, do outro pico, o morro das Cabras. Local de difícil acesso, especialmente com um tempo horrível como aquêle de 28 de julho

OS FÚNEBRES DIAS DE JULHO

SESSENTA PESSOAS TRAGADAS EM DOIS SINISTROS DE AVIAÇÃO ★ DESAPARECE UMA FAMÍLIA INTEIRA ★ O "CONSTELLATION" PP-PCG E O "LODESTAR" PP-SAA CAEM NO RIO GRANDE E COBRE-SE DE LUTO O PAÍS ★ MORTE DE SALGADO FILHO

OS três últimos dias de julho de 1950 marcaram em nosso calendário os dois fatos mais lutuosos de todos os tempos, nas atividades de nossa aeronáutica civil.

Voara do Rio para Pôrto Alegre, no seu horário habitual, em carreira que se inaugurara não fazia muito tempo, um dos "Constellations" da Panair do Brasil, levando a bordo, entre tripulantes e passageiros, sessenta pessoas.

Dentre essas muitas se destacavam pela posição social, pela cultura, reservas com que a pátria poderia contar no futuro. Casais já encanecidos, marcados pelo pincel do tempo, com as cabeças coroadas de cãs e nas faces os sulcos dos anos que se foram; crianças que, talvez, pela primeira vez, faziam, empolgadas, a primeira excursão aérea, o primeiro passeio pelos ares.

As condições atmosféricas, porém, estavam hostis lá no sul. O grande aparelho, já ao término da viagem, sobrevoava o aeroporto de Gravataí, dando voltas e mais voltas, à procura de uma brecha entre a cerração, que lhe desse chance para descer à pista encharcada.

Os que estavam à espera, não podiam ocultar a ansiedade. Olhos e corações que se sobressaltam, aflitos, prevendo uma catástrofe. O comandante da aeronave é considerado um dos mais perfeitos dirigentes de grandes aviões e, aquêle mesmo, já êle o havia levado até Pôrto Alegre, por noventa e nove vêzes, sem qualquer sobressalto.

Mas, a fatalidade havia escrito que aquêle seria o último vôo do PP-PCG, o possante quadrimotor da Panair do Brasil, encerrando-se com êle a vida de cinqüenta pessoas. Depois de tentativas frustradas pela má visibilidade, foi projetar-se o grande avião entre alcantis do morro do Chapéu, no município de S. Leopoldo, consumando-se a tragédia que os corações pressagos anteviam.

Com o choque tremendo entre o aparelho que ia numa velocidade superior a quatrocentos quilômetros por hora e os cabeços da elevação alcantilada, motores e ferragens foram projetados a grandes distâncias, os corpos mutilados pelo violento choque e, em seguida, lavra o incêndio nutrido por mais de dez mil litros de gasolina que havia nos tanques do "Constellation", destruindo os



TERCEIRO MOTOR do «Constellation» atirado a vários metros de distância do ponto do choque do avião com os cimos da serra. Seu estado nos dá uma impressão do sinistro



UM OUTRO dos quatro motores da aeronave de fins tão trágicos, arremessado sôbre a serra. À direita, o ponto fatídico do morro contra o qual se chocou o «Constellation» da Panair



EM MEIO de destroços ainda fumegantes jaziam os restos de grande parte do bojo do colossal avião que não conseguira descer na pista de Gravataí, batendo nos alcantis do morro do Chapéu em terras do município de S. Leopoldo, Rio G. do Sul



SOLDADOS DO CORPO de Saúde das guarnições do Rio Grande procuram os corpos despedaçados dos passageiros e tripulantes do «Constellation», encontrados a 200 metros do local do sinistro. Irreconhecíveis, são transportados em sacos



VISÃO MACABRA de uma procissão sinistra. Por entre as rochas e o mato nas cercanias do morro trágico, os soldados do nosso Exército prestam seus piedosos serviços conduzindo os despojos dos que iam a bordo do PP-PCG da Panair



CENA TRISTE de uma tarde horrível. Depois de chegados ao local da tragédia, soldados e civis rebuscam os arredores à cata de sobreviventes, só encontrando os retraços de corpos

que estavam ao alcance das chamas, cremando os corpos, muitos deles reduzidos a carvão.

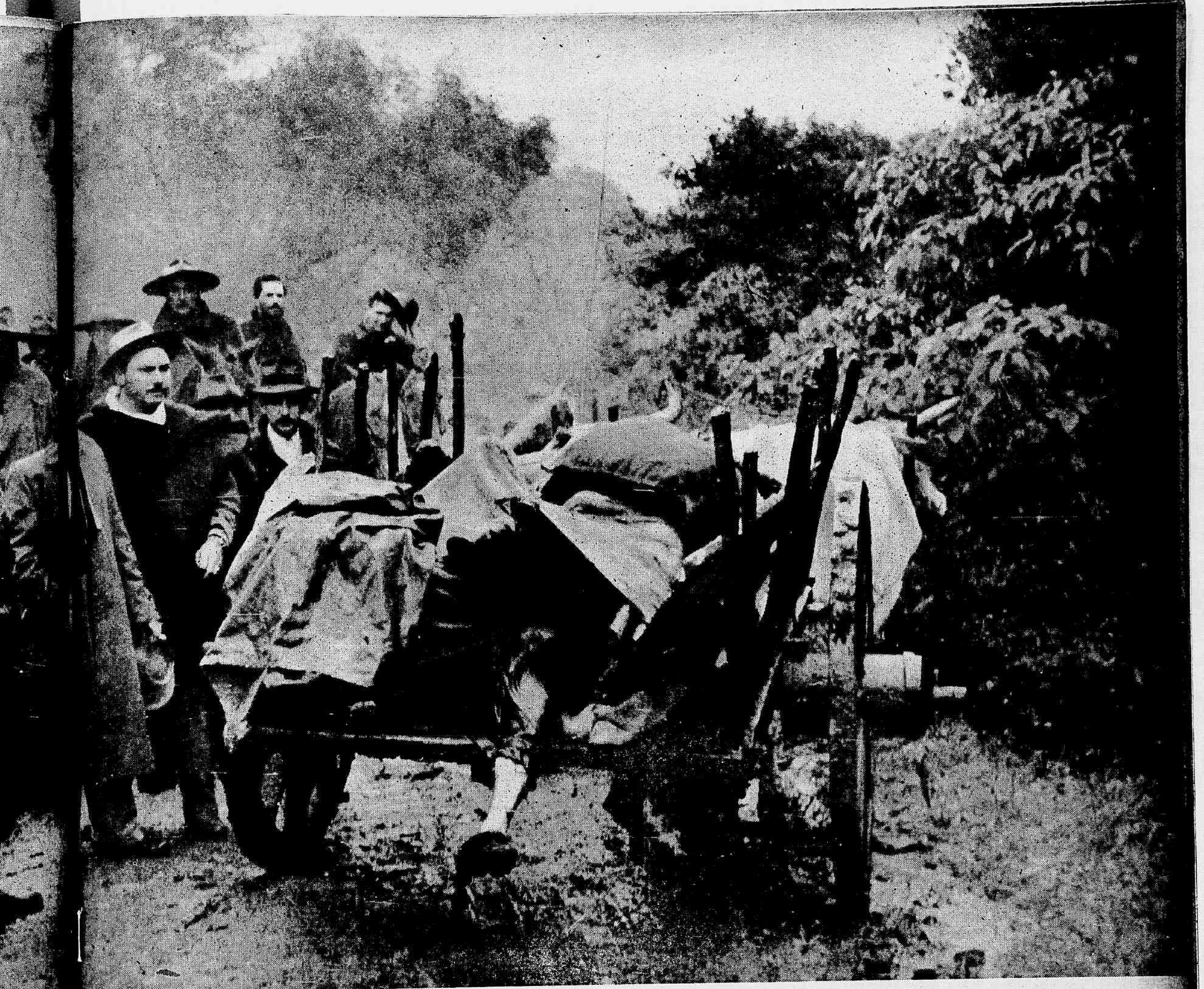
A notícia da tragédia comoveu todo o país. Aquêle crepúsculo a que a tristeza de uma tarde sombria e chuvosa ainda mais imprimia as tintas da desolação, assumira para os riograndenses do sul o aspecto de Juízo Final. E a dor que penetrava profundamente em todos os corações gaúchos, em face da extensão da catástrofe, atingiu a alma de todo o Brasil, cobrindo a nação de luto, diante dos destroços humanos que a desgraças levara de roldão.

Sexta-feira trágica, essa de 28 de julho de 1950. Famílias inteiras foram destruídas pelo desastre, como sucedeu com a família Rocha Fernandes, composta de: dr. João Rocha Fernandes, químico do Departamento Estadual de Saúde, de 47 anos de idade; sua espôsa, d. Carmen Rothfuchs Fernandes, com 40 anos de idade; as três filhas do casal, Carmen Sílvia, de 18 anos, Nora Helena, de 14 anos e Iliana Amálio, de 13 anos, tôdas estudantes, já a encerrar cursos ginasiais e de química industrial.

Pois bem. Mal se enxugavam os olhos do pranto provocado pelo indescritível desastre de Morro do Chapéu, é novamente abalada a nação com o outro sinistro, ocorrido com o avião "Lockeed-Ladestar" prefixo PP-SAA, batisado com o nome de "Cidade de São Paulo" e pertencente à emprêsa de navegação aérea SAVAG, com sede no Rio Grande do Sul.

Era nesse avião que viajava para Itu, o senador Salgado Filho acompanhado de sua comitiva, com o fim de estabelecer os últimos retoques na próxima campanha presidencial no lançamento em comícios e excursões, do nome do sr. Getúlio Vargas.

Segundo testemunhos de pessoas que estavam com o



mutilados e queimados pelo incêndio de 10 mil litros de gasolina. Em baixo: Cadáver carbonizado de uma das vítimas do «Constellation», sendo içado dentre matos e destroços do avião sinistrado, por meio de cordas, horas depois de ter-se dado o doloroso e inesquecível sinistro que chocou todos os brasileiros e enlutou o país. O maior até hoje registrado

ex-ministro da Aeronáutica, foi-lhe lembrado o perigo que havia para a viagem naquele dia, domingo, 30, dêsse mesmo fatídico mês de julho. O tempo continuava ameaçador, chuvoso, nuvens baixas, não oferecendo "teto" favorável para descidas nos campos de pouso. Mas o senador Salgado Filho teria respondido que não havia tempo ruim para o presidente da Campanha da Aviação Civil.

Homem animoso, disposto a encetar o mais breve possível a campanha eleitoral do PTB aliado ao PSP de São Paulo, achou que o avião bi-motor da SAVAG, comandado por profissionais de grande confiança, não seria derrotado pelo mau tempo e todos chegariam a Itu sem maiores novidades.

Com efeito, essas catástrofes se dão sem qualquer causa determinada, pròpriamente, pelo mau tempo. Um grande avião pode enfrentar certas borrascas, desde que não seja envolvido por fortes correntes aéreas que o desgovernem ou comprometam os centros vitais de sua instalação de comando e de comunicação com as tôrres e estações nos aero-portos. E' verdade que os próprios comandantes evitam arriscar vidas e material e, muitas vêzes, aqui mesmo no Rio, cidade que conta com diversos campos de pouso, uns menores, outros vastos e bem aparelhados, vemos aeronaves se aproximarem do aroporto Santos Dumont e voltar para as cidades de onde procedem, em face do mau tempo, não tentando os seus pilotos a descida com teto baixo e pista encharcada. A vigilância da tôrre do DAC é permanente e tem evitado muito desastre fatal, se não interditasse o campo até que as condições do tempo permitam a aterragem.

Mas, infelizmente, nem tôdas as tragédias podem ser evitadas, e, por mais perícia e técnica de vôo que tenha um pilôto, as surprêsas da vida destroem todos os sentimentos de precaução e de conhecimento profissional.

O desastre com o avião do senador Salgado Filho foi obra da fatalidade, repetindo-se o lutuoso episódio do PP-PCG, dois dias antes. Como o "Constellation", segundo tudo faz crer, a causa do sinistro teve sua origem num desarranjo de aparelhagem de rádio do próprio aparelho de onde o comandante não podia comunicar-se com a torre de Gravataí. Com o aparelho da SAVAG, verificou-se o desejo de aterragem de emergência com que lutava o comandante, procurando um lugar favorável em terraas planas do município de S. Francisco de Assis, quando, inesperadamente, se deu o choque fatal com o Morro Cortellini a cêrca de 25 quilômetros da sede do município.

O avião deixara a capital do Estado às onze horas de domingo, 30 de junho, e se mantivera em contacto com o Serviço de Proteção de Vôo mantido pelo Departamento de Aeronáutica Civil, até duas horas depois, quando já o aparelho passara por Santa Maria. O tempo continuava chuvoso, nuvens baixas, má visibilidade.

Presume-se que, em face do agravamento das condições atmosféricas, o comandante Gustavo Ernesto Cramer achara prudente interromper a viagem e descer nalguma fazenda que lhe oferecesse possibilidade de pouso forçado.

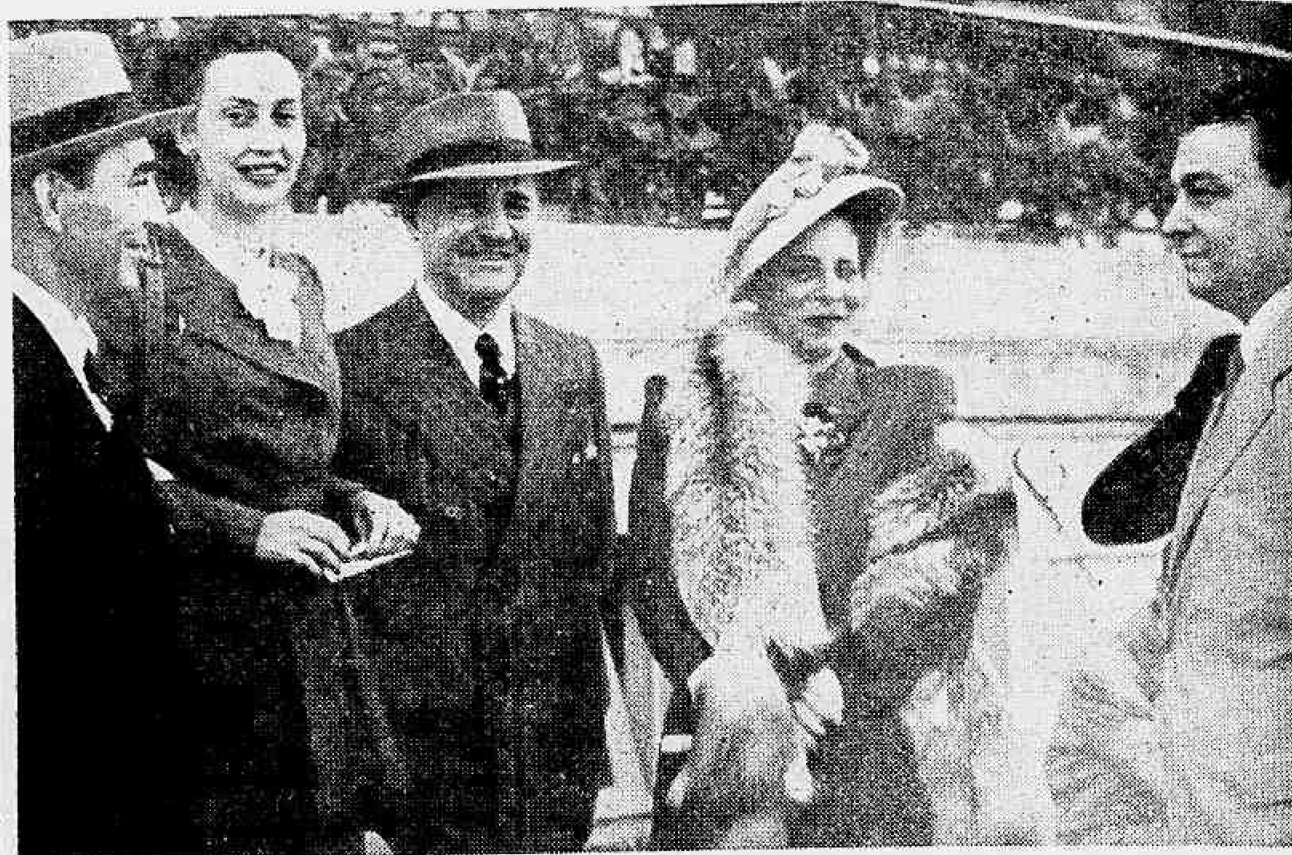
A má visibilidade, porém, precipitou a tragédia e o avião se espatifou envolto em chamas. Era outro desastre de grandes proporções no qual pereciam, tràgicamente, um dos mais admirados vultos da República e uma pleiade de homens de valor. Dez pessoas perderam a vida nesse segundo e lutuoso acontecimento, cobrindo-se de luto a nação.

Nossa reportagem esteve no local do sinistro e dali trouxe as fotos que publicamos nas páginas desta edição. Pelas mesmas poderão verificar os leitores o que





FOTOGRAFIA TIRADA a 29 de janeiro de 1941, no Ministério da Aeronáutica, vendo-se o titular da pasta ora desaparecido tràgicamente, tendo ao lado o Brigadeiro Eduardo Gomes



ERA O DR. JOAQUIM Pedro Salgado Filho um dos aficionados do turfe. Vemo-lo aqui ao lado de sua espôsa e de amigos numa tarde do Hipódromo da Gávea, em julho de 1946

foi a fatalidade em dois desastres de tão grandes conseqüências.

O "Lodestar" da SAVAG caíu às 13 horas sôbre uma capoeira de mato mais ou menos denso e, na violência da queda, foi arrancando árvores de grande porte numa extensão de cêrca de cem metros, abrindo uma clareira no seio do mato, que bem indicava a velocidade em que ia. Dentre os destroços foi encontrado um relógio de pulso que se presume pertencia ao senador Salgado Filho. Marcava precisamente 13,05.

Nota das mais comoventes foi a do encontro do "Diário" de Nora Helena, pequeno volume que escapara da destruição total do "Constellation".

Recolhido por um dos militares da guarnição da cidade de S. Leopoldo, que prestava socorros no local do sinistro, o conteúdo dêste "diário" de viagem de uma criança de 14 anos se converteu em nota das mais dolorosas entre as tristezas nacionais.

Eis alguns dos seus apontamentos:

"Dia 27 — Foi o dia mais formidável do mundo. Fiz passeios, apreciei pela última vez a maravilhosa viagem que fiz a esta encantadora cidade, e aprontei as malas para voltar ao Rio Grande e rever minhas amiguinhas. Estou louca de saudade.

"Dia 28 — Hoje é a viagem de volta. A saída estava marcada para as oito horas da manhã. Levantamo-nos às seis e trinta, porém às sete fomos avisados de que o avião só sairia às 13 horas. O vovô fêz tudo o que pôde para conseguir passagem no "Constellation", mas mesmo apesar da boa vontade dos serventes da Panair, nada foi possível fazer, de sorte que êle teve que ficar no O. K.. Às 13 horas recebemos novamente aviso de que o avião só sairia às 14.

"Agora são 18,15 horas. Ja..."

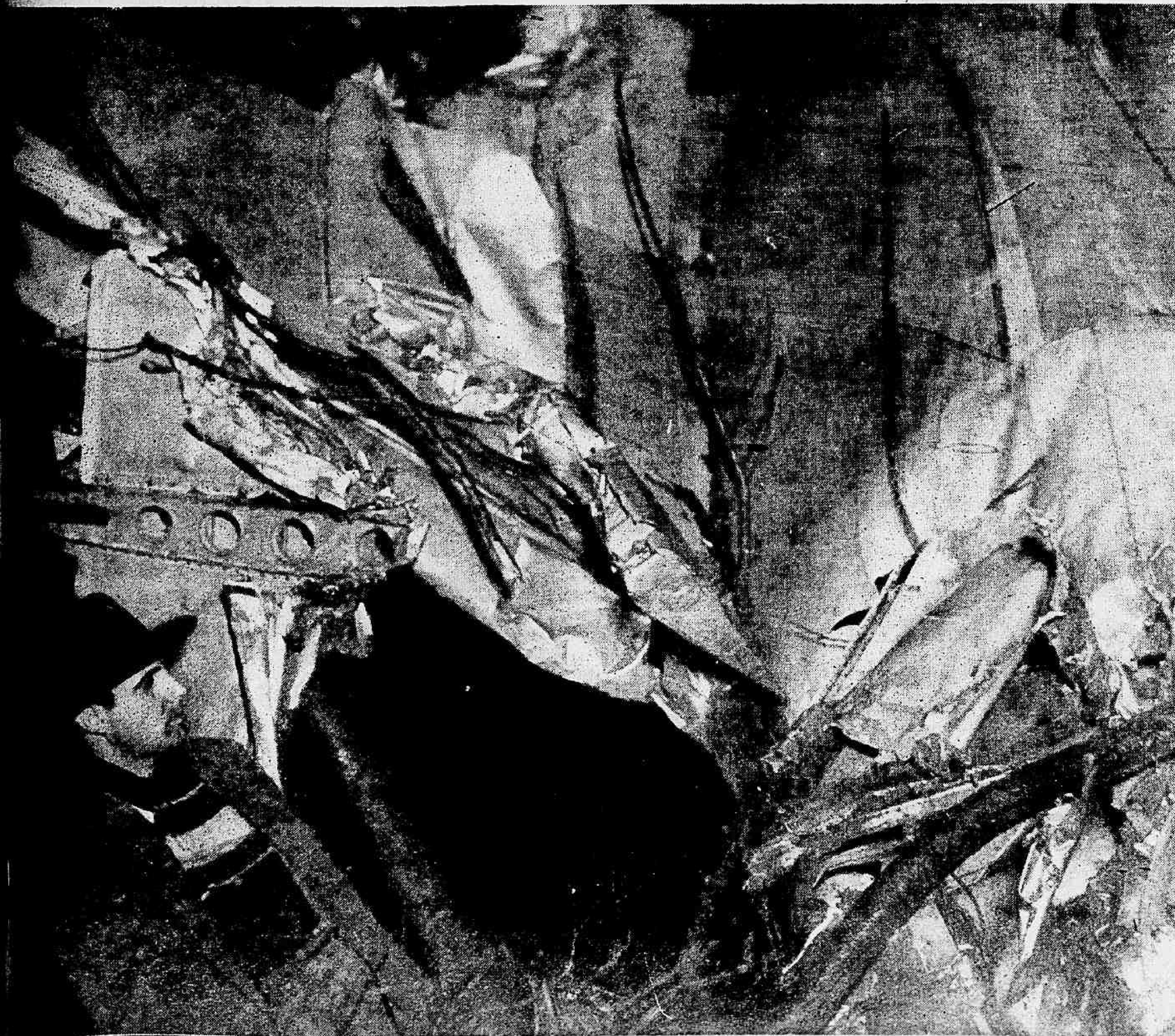
O restante não foi possível ler. As chamas haviam enegrecido algumas páginas do "diário" da turista de 14 anos que mal sabia estar sua vida por minutos. Aquela expressão "Fiz passeios, apreciei pela última vez a maravilhosa viagem..." tinha um sentido profético. Fôra, infortunadamente, a última viagem que fazia a inteligente ginasiana, a mais jovem das filhas do casal Rocha Fernandes.



SEGUNDO INFORMA a «Folha da Tarde», de Pôrto Alegre, ao estampar esta foto, foram encontradas junto a êste cadáver, duas cartas do sr. Salgado Filho, uma para o sr. Valter Jobim e outra para o sr. Getúlio Vargas. O cadáver trazia, ainda, uma correntinha de ouro e, ao que afirma aquêle contrade, foi identificado como sendo o do sr. Salgado Filho

UMA ASA DO "LODESTAR" DESGARRADA DA FUSELAGEM, COBERTA DE GALHOS E TRONCOS DE ÁRVORES ARRASTADAS NA QUEDA





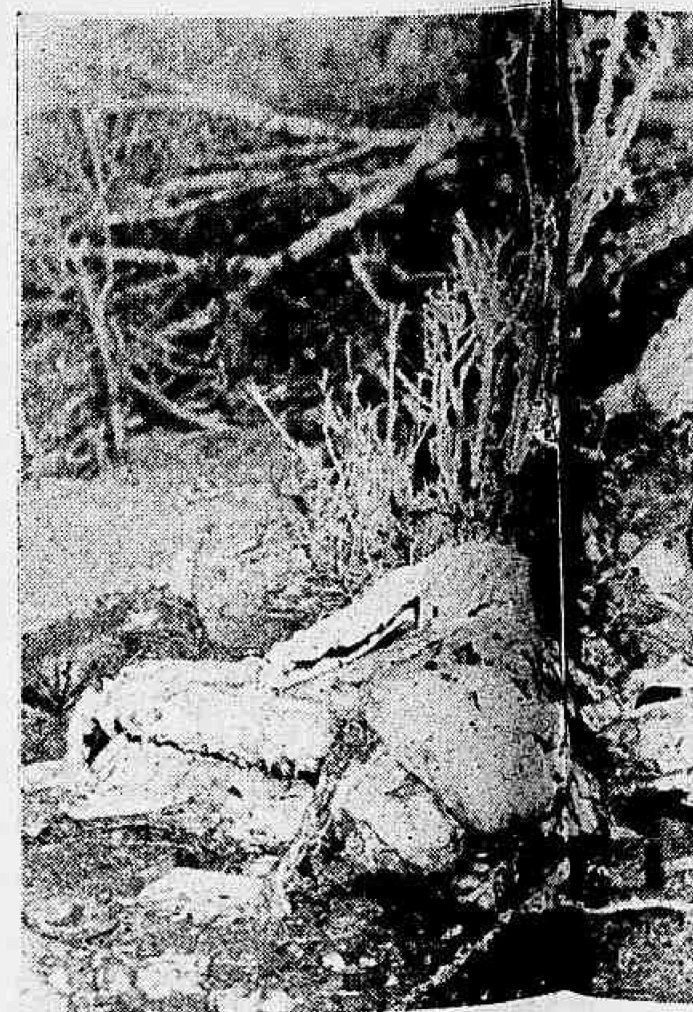
A TRAGÉDIA DO "LODE



MAL PROCURAVA a nação refazer-se das angústias da
28 de julho p.p. e novamente registra a cidade outro
cias. Era o «Lodestar» da SAVAG que se destroçava num
cisco de Assis, no Rio Grande, onde encontra a morte S
Aqui vemos o leme do avião, seguindo-se destroços da



destroços com um emblema da emprêsa a que pertenci
abrir a clareira na mata, vendo-se uma das rodas do tr
no morro do Cortelini, onde foram encontrados os corpo
de um companheiro de trabalhos de busca dos restos
lação, mostrando o que resta de ossos ...ados no



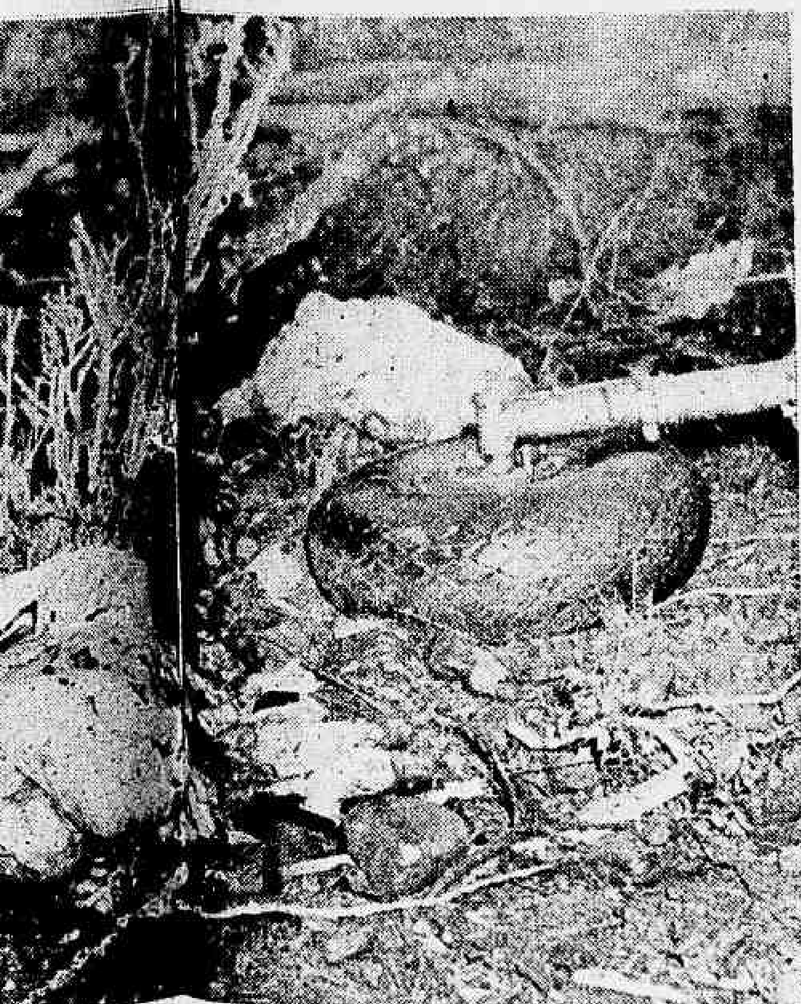
RAGÉDIA DO "LODESTAR"



o refazer-se das angústias da tragédia com o «Constellation» a
te registra a cidade outro desastre de dolorosas conseqüên-
SAVAG que se destroçava num morro do município de S. Fran-
de, onde encontrara a morte Salgado Filho e mais nove pessoas.
o, seguindo-se destroços da cauda, os réstos de uma das asas,

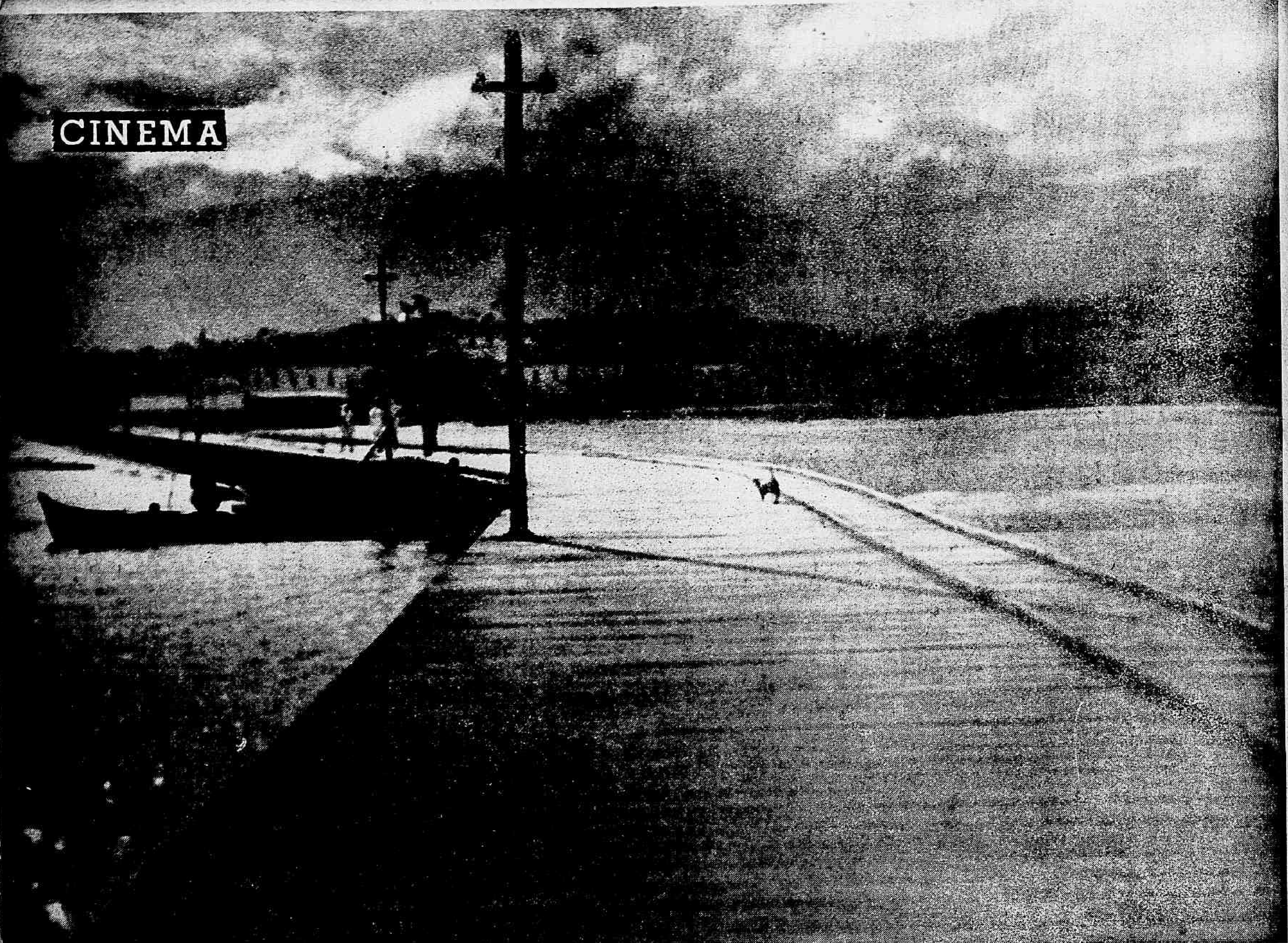


, da emprêsa a que pertencia, duas vacas mortas pelo avião no
endo-se uma das rodas do trem de aterragem, local do acidente
e foram encontrados os corpos e, por fim, o dr. Toscano no lado
balhos de busca dos restos mortais de passageiros e da tripu-
esta de ossos achados no local fatídico pelo mesmo médico

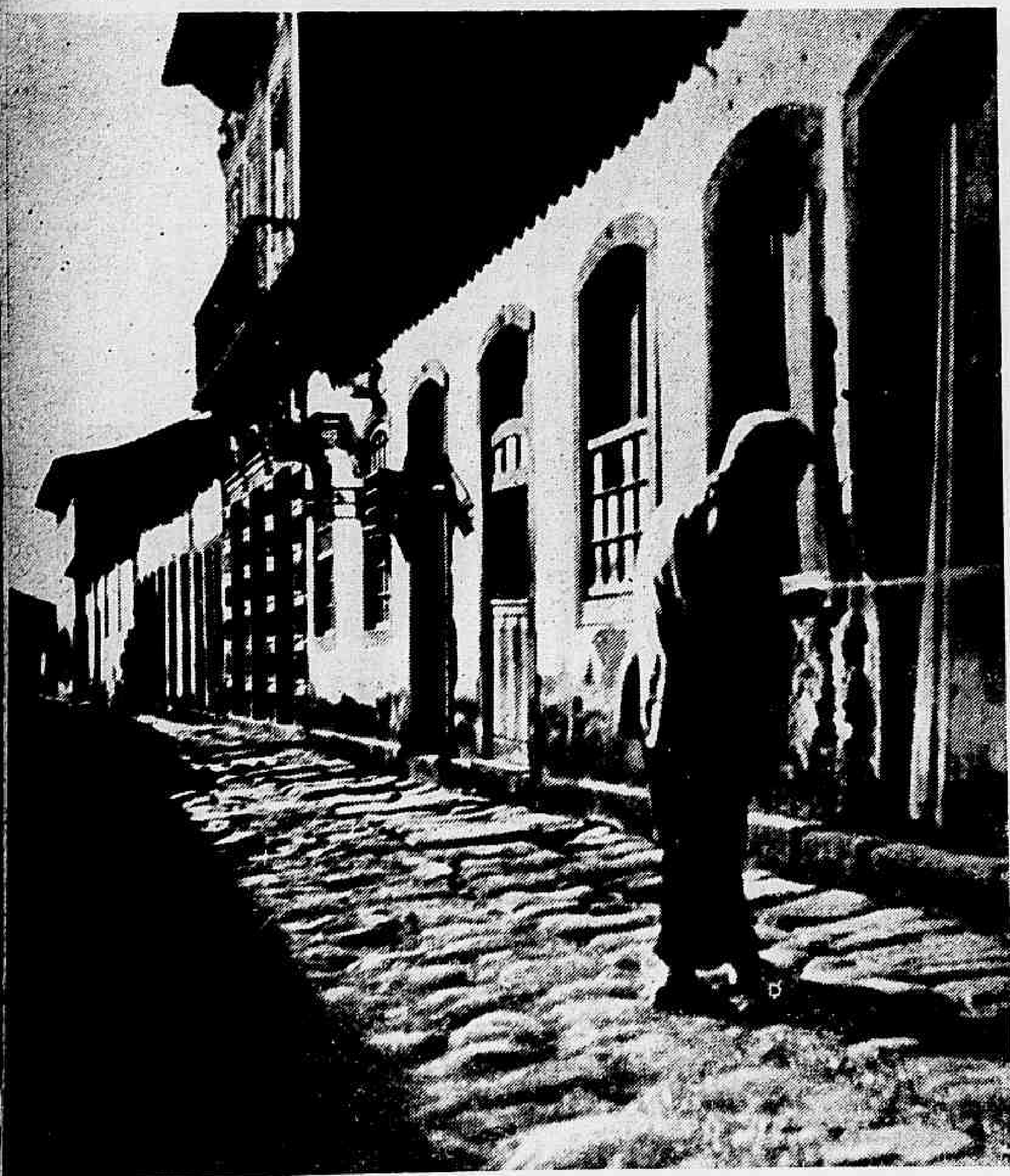








AGUAS LINDAS, Itacurussá, Restinga da Marambaia, Bicuí, Mangaratiba e Ponta Negra, com seu farol, foram os lugares onde se filmaram os exteriores, bem fotogênicos, desta realização



O PRÓPRIO piso des ruas de Paratí, geralmente inclinado, conserva o aspecto dos tempos do Império. À direita, Paulo Gracindo e Doris Duranti, intérpretes de Sérgio e Tiü, protagonistas

PAISAGEM E FOTOGRAFIA EM "ESTRÊLA DA MANHÃ"

COMO FOI NORTEADO O SENTIDO PICTÓRICO DO FILME, ATRAVÉS DE REGIÕES POUCO CONHECIDAS NO BRASIL ★ O TRABALHO FOTOGRÁFICO ★ A MONTAGEM ★ O PERFIL DOS CARACTERES

Por JONALD

O SENTIDO PICTÓRICO

ANTES da filmagem de "Estrêla da manhã", o litoral brasileiro foi alvo de cuidadoso estudo. Relativamente ao livro escrito por Jorge Amado, a situação ideal encontrada foi a costa sul-fluminense.

Realmente, a orla marítima que parte de Itacurussá e segue até Parati é a mais linda do Brasil. E os locais escolhidos foram aquêles que melhor combinavam com a adaptação do livro.

O ponto básico da filmagem foi a cidade de Parati. De aspecto eminentemente





«NUNCA se conseguiu atingir uma tão grande e integral transposição», escreveu Otávio de Faria, referindo-se à fotografia do filme de Jonald. Aqui está belo efeito — o entêrro na roça

colonial, é uma das mais curiosas situações do Brasil. Basta dizer que a Prefeitura local, desde o começo do século, não permite qualquer construção que não seja a do estilo colonial.

Em consequência, há um aspecto sombrio em suas ruas — há muitas casas em ruinas — que combinava muito bem com o sentido nostálgico de diversas sequências. Depois, as suas ruas são sinuosas e o próprio piso, geralmente inclinado, conserva o aspecto dos velhos tempos do Império.

A colaboração da Prefeitura, da sociedade e dos pescadores foi realmente excepcional. Um particular, o Dr. Moura Brasil, industrial na cidade, colocou graciosamente duas enormes residências à disposição da equipe. As senhoras da elite local figuraram como "extras", o mesmo acontecendo com os pescadores.

As outras situações que são expostas no filme favoreceram muito o belo sentido pictórico e foram escolhidas em Águas Lindas, Itacurussá, Restinga da Marambaia, Bicuí, Mangaratiba e Ponta Negra, com o seu farol.

Todavia, é bom frisar, as paisagens funcionam apenas como fundo de cena das ações. Tôdas as cenas em que era dispensável a apresentação das mesmas ou quando influiam no ritmo das ações, foram eliminadas na montagem definitiva do celulóide.

A FOTOGRAFIA

Referindo-se à fotografia de "Estrêla da manhã" escreveu Octávio de Faria, grande homem de cinema no Brasil e fundador do Chaplin-Club, a primeira entidade cultora de cinema que se fundou no Brasil, aí por volta de 1929:

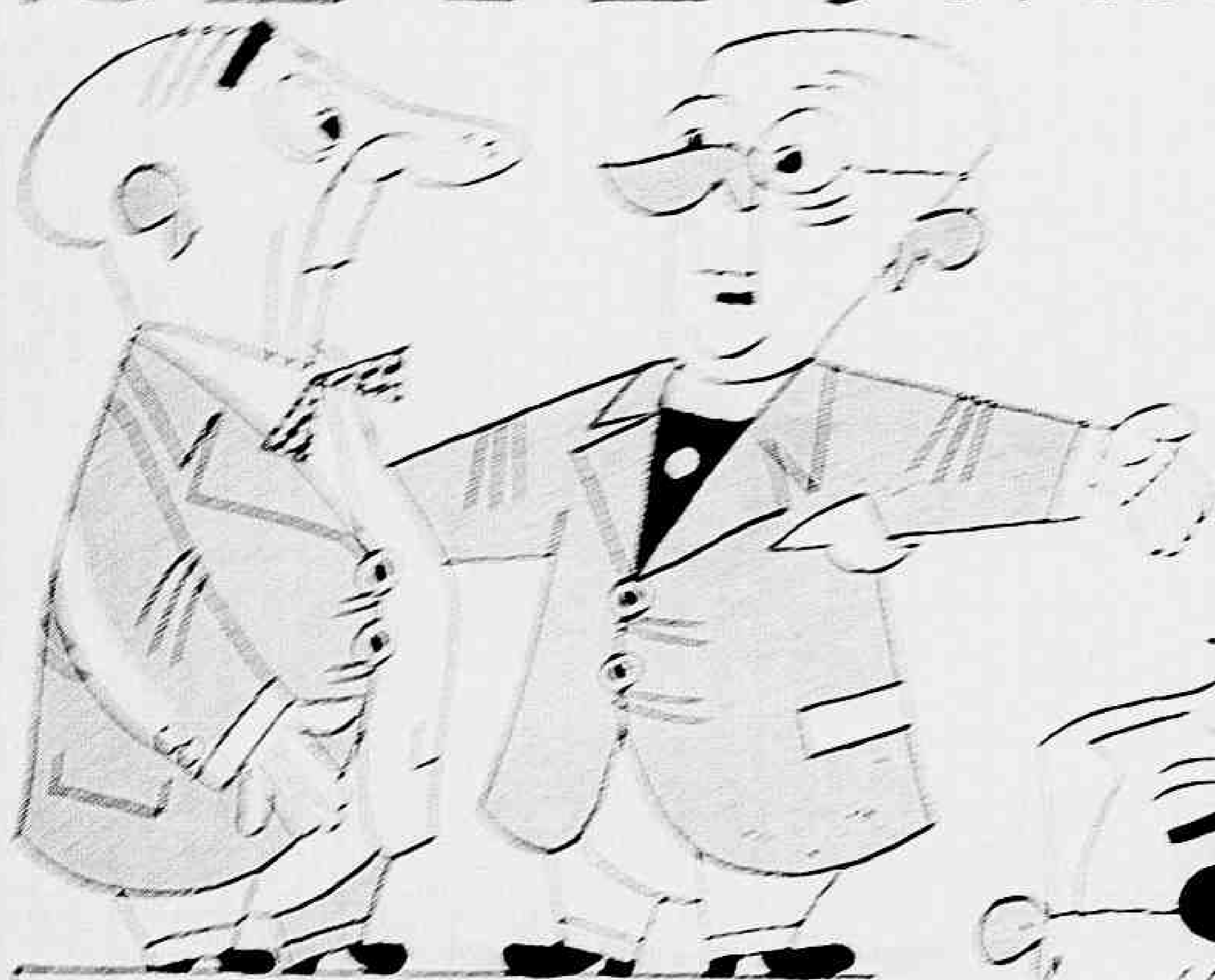
(Cont. na pág. 46)





DORIVAL CAYMMI e Dulce Bressane, à esquerda, vivendo os papéis de Lúcia, a moça da província, e Manuel, pescador típico do litoral fluminense. Em cima, um pescador de Parati

SETE dias EM REVISTA



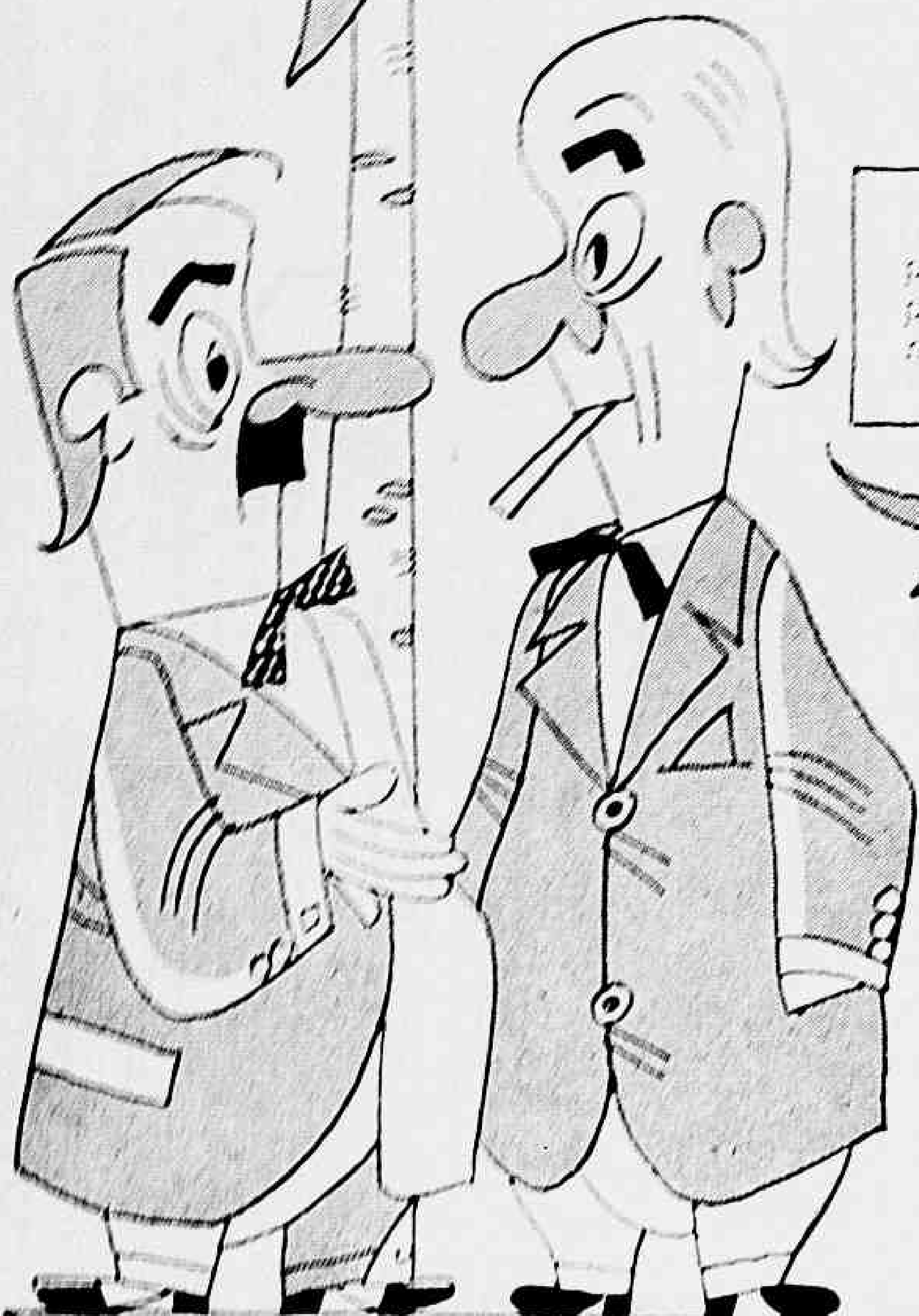
— Foi esta a tela famosa que vai ser incorporada ao Museu de Arte?
— Não, meu caro. Já estou velho e receio que me tomem por peça de museu...



— Ateu não pode votar!
— Ora, essa! Por quê?
— Porque não é um cidadão de-voto!



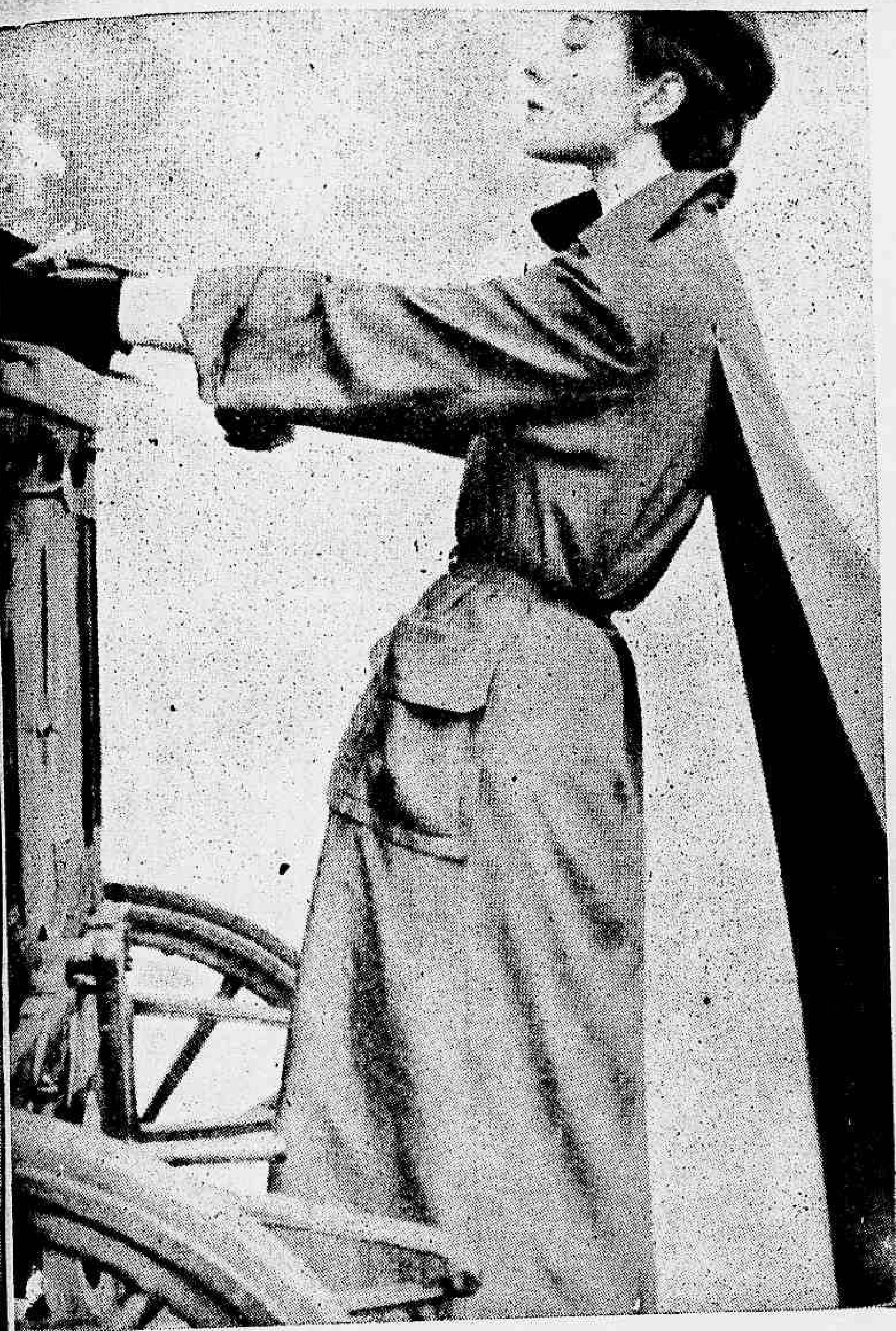
— Ando cheio, cheio de tanta trapalhada! Vou estacionar em lugar proibido para que o major Côrtes me esvazie... os pneus!



— E' preciso fazer um cartaz, maestro, anunciando o seu concêrto.
— Cartaz, nesta época?! São capazes de me eleger vereador!...



— Que me diz a senhorita da Coréia?
— Não conheço. Conheço a Edméia...



VESTIDOS DE LÃ

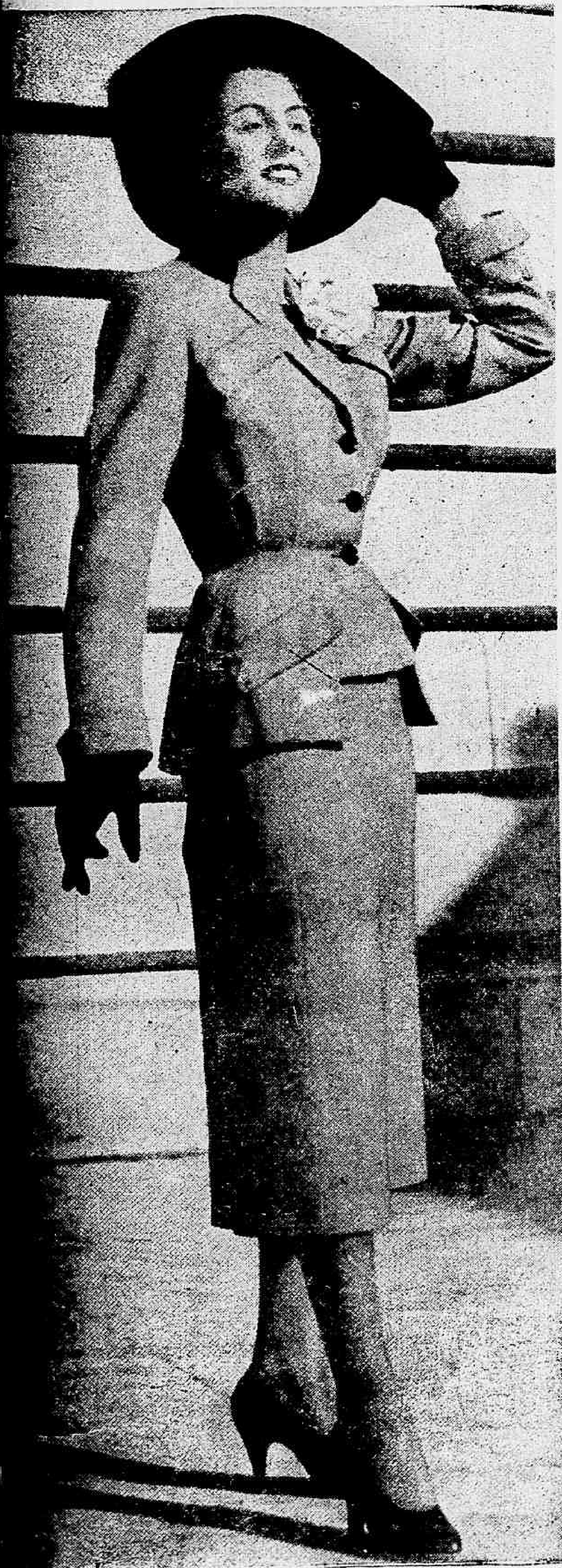


PARA as manhãs frias, quando não há necessidade do uso de casacos, são práticos os vestidos de lã, que sòzinhos constituem agasalho. Em cima, elegantíssimo êste modêlo em fina lã, de Pierre Balmain, capa sôlta, atrás e bolsos aplicados. À direita, Germaine Leconte emprega lã em dois tons, saia em pregas, botões dourados em três carreiras. Em baixo, ainda à direita, sugestivo modêlo em lã quadriculada, saia justa abotoada do lado esquerdo, bolsos do casaco em diagonal.

UM PUNHADO DE TÂMARAS

MINHA doce amiga de olhos tristes, que me estende as mãos aflitas com uma grande amargura sôbre os lábios finos que não querem sorrir, com uma imensa dor da alma que sinto no seu gesto, nas suas mãos frias e melancólicas... Dor ou revolta? Tristeza ou desprêzo? Sim, desprêzo da maldade mesquinha e rasteira que teima em tomar parte no espetáculo da vida para afear a vida? Maldade que procura amarrar e aniquilar o destino humano, como certa vez quiseram os anões de Swift fazer a Gulliver? Que se compraz em crestar, como um bafo do inferno, as delicadas pétalas da flor da existência que é um sonho de beleza? Ouça, minha doce amiga. Nada merece sua tristeza. Que um sorriso volte aos seus lábios finos, que serenem seus olhos tristes. Nada merece nem sofrimento, nem desprêzo. Ponha suas mãos frias e melancólicas nas minhas mãos e ouça. Há um apólogo oriental que nos conta a história de um beduino perdido no deserto, vagando por muitas luas, entre os areais sem fim e a solidão sem limite. Por último, estava já sem alimento e sem água. Esvaziara-se o farnel de provisões e o cantil ia secar-se. Só, no alto do seu camelo, sentindo a fome devorar-lhe as entranhas, afinal o beduino divisa à distância um saco tombado sôbre a areia. Desmonta e corre, adivinhando ali um saco de tâmaras que lhe mataria a fome, salvando-lhe a vida. Ao aproximar-se, ansioso, antes de tocar o saco, o beduino entreparou: e se o saco estivesse cheio de moedas de ouro? Que Alah o protegesse! E rezando para que fôssem tâmaras, o beduino abre sôfrego o saco: Miséria! Nem tâmaras nem moedas, continha aquêle saco: estava cheio, sim, de pedras preciosas. E, assim, o beduino, exausto, tombou sem vida sôbre o imenso tesouro que encontrara no deserto e que para nada lhe servia ali, que trocaria de bom grado por um punhado de tâmaras. Assim nos ensina, doce amiga, o conto oriental. Como aplicá-lo ao seu caso e a tantos outros casos? E' simples a alegoria nova que lhe encontro, além da outra, que êle contém: é que não devemos andar pelo deserto, nem sonhando com o ouro, nem procurando pedras preciosas: tôda a felicidade está em procurar, no deserto em que vagamos, sòzinhos e sem rumo — apenas um punhado de tâmaras. Mesmo porque o ouro e as pedrarias nada valem no deserto, entre as dunas e a solidão. — **LYSE.**

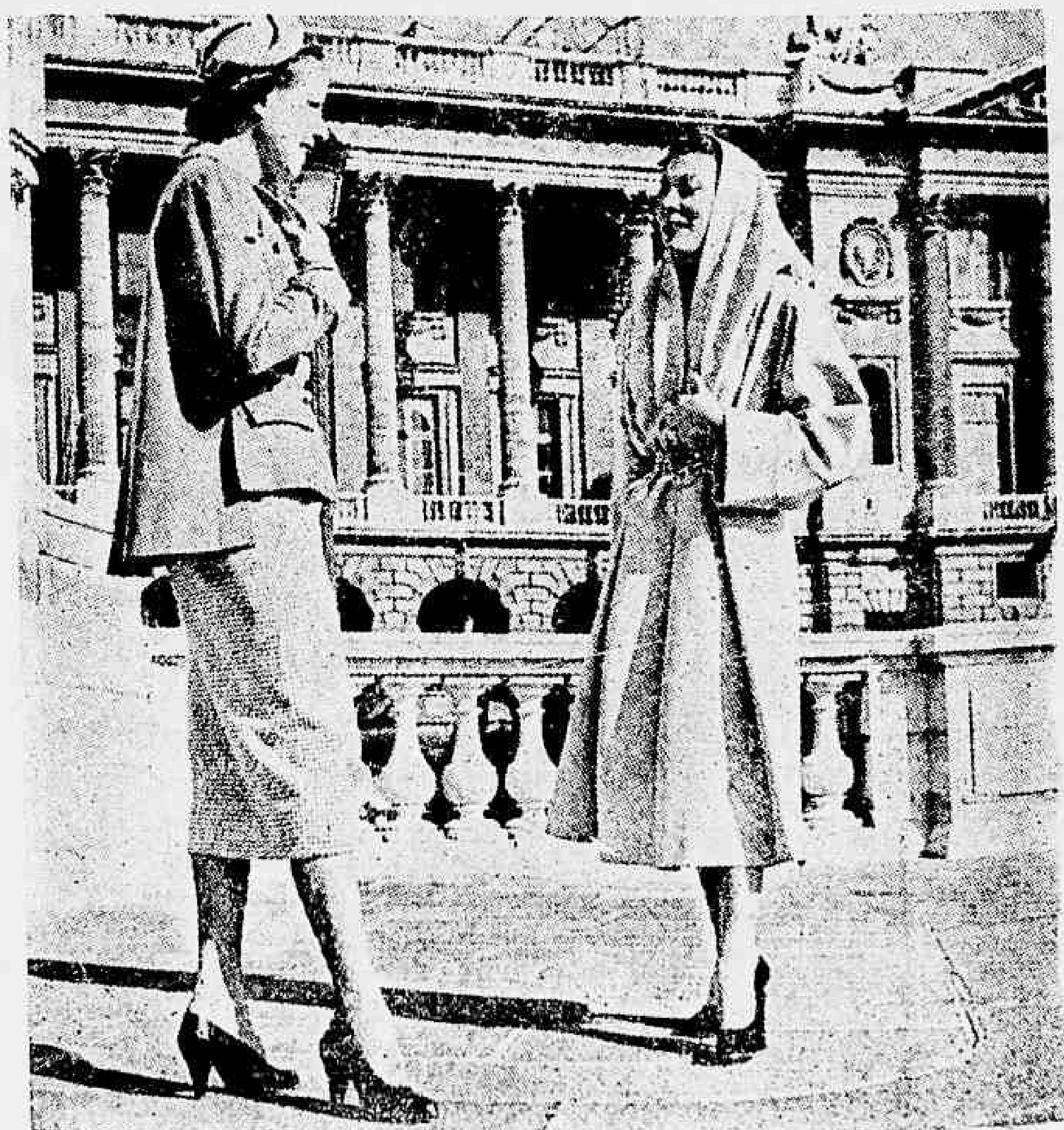






Elegância e Simplicidade

HÁ sempre a necessidade de modelos simples, mas elegantes que por sua sobriedade adaptam-se para diversas ocasiões. Sugestões de Marcel Rochas, Alwyn. e outros costureiros, são aqui apresentadas. Costume com original casaco recortado em baixo, saia de panos, criação Marcel Rochas. Elegante modêlo para tarde, de Alwyn. O corpo é plissado e a saia é justa com grande bolso e um pano plissado vindo do corpo. Jean Patou criou êste vestido simples em lã beige, com corpo japonês e saia justa. Conjunto de saia quadriculada e casaco cinza, godê atrás e mais comprido que na frente. Casaco formando capuz, criação de Hermés.





"TAILLEURS" ESTAMPADOS



OS tecidos estampados também são empregados na confecção de costumes, dando-lhes maior graça e diminuindo a sobriedade que geralmente os caracteriza. Casaco bem cintado em cetim, com decote baixo e saia plissada em sêda pesada. Encantador modêlo de mangas japonesas com uma pala e a gola em fustão branco. Casaco bem franzido, com mangas três quartos japonesa e saia bem justa, constituem êste modêlo em original estampado.





"POIS"

AS fazendas de «pois» são usadas em tôdas as estações na confecção de vestidos ligeiros ou mais «toilettes», como provam êstes modelos. Vestido de Mary Matté, sem alças, em faille. Uma capa godê com gola alta pode ser usada junto. Conjunto de Gambino. O casaco é forrado de sêda com «pois», da mesma sêda é a blusa e o chapéu. Encantador modêlo de Jean Patou. Saia bem justa, caindo uma cascata do cinto. Gola e punhos em sêda lisa. Vestido esporte em «shantung» com «pois» negros, enfeitado com fita preta.









MEIA-ESTAÇÃO



APRESENTAMOS mais alguns modelos de «tailleurs» de corte simples e muita elegância. Modêlo juvenil com casaco formando três abas superpostas. Casaco com grande gola, abotoado só na cintura e saia formando uma prega funda na frente. Costume com o casaco aberto até a cintura, abotoado só com um botão e a gola enfeitada com botões. Nas abas, dois grandes bolsos. Costumes de casemira com dois bolsos embutidos e larga gola, podendo ser abotoada.



VESTIDOS EM RENDA

A RENDA é um dos tecidos mais empregados na confecção de vestidos de baile, seja grossa ou não. Para a temporada da ópera, por certo serão de belo efeito os lindos modelos aqui apresentados, criações de Germaine Lecomte e Jeanne Lanvin dois dos mais famosos costureiros parisienses. Em alguns modelos a renda é empregada ao lado de organza, formando assim efeitos de maior vista.



WEEK-EN A CO

ARROZ COM PALMITO

200 gr de arroz, gordura, sal, tomates, cheiro verde e 1 palmito de tamanho regular. Refoga-se o arroz na gordura quente, juntamente com os tomates, cheiro verde, cebolas e sal. Quando estiver frio, bem frito o arroz, juntam-se os pedaços de palmito, deixando-se refogar mais um pouco, continuando-se a mexer bem. Junta-se então água fervendo, deixando-se cozinhar em fogo forte até secar quase a água. Retira-se a panela para o lado e deixa-se acabar de cozinhar em fogo brando.

NHOQUE A MODA DE PARIS

Prepara-se uma massa de nhoque comum. Com esta massa se enche um saquinho apropriado, feito de pano, em forma de funil, tendo na ponta um canudinho de fôlha. Segura-se êste saquinho sôbre uma panela com água fervendo e sal, vai-se comprimindo aos poucos o saquinho, à medida que os nhoques vão caindo na água. Quando estiverem cozidos, tiram-se os nhoques com uma escumadeira, colocam-se em um prato que possa ir ao forno, pulverizando-se antes com queijo ralado.

OVOS COZIDOS COM ESPINAFRE

Cortam-se os ovos no sentido do comprimento, extraindo-se-lhe as gemas, às quais se juntam cogumelos, língua ou presunto bem picado, ligando-se tudo com um pouco de môlho de nata. Com êste recheio enchem-se as claras. Arrumam-se os ovos assim preparados ao redor de um prato, no centro do qual se colocou espinafre já devidamente preparado. Rega-se tudo com môlho de nata, pulveriza-se com queijo ralado, sôbre o qual se derrama manteiga derretida. Leva-se o prato ao forno por alguns instantes. Servem-se como "hors-d'oeuvre", ou, com arroz, ao almôço.

SALADA A CAMPONESA

Tomam-se iguais quantidades de tomates, repôlho, branco e roxo, e alface, corta-se tudo em fatias bem finas, cobre-se com môlho maionese não muito grosso e arruma-se em um prato de vidro. Êste prato tem um aspecto muito bonito e alegre, sobretudo quando guarnecido com rodelas de ovos, tomates e pepinos em conserva.

GELATINA DE RESTOS DE CARNE

Cortam-se restos de carne em quadradinhos. Em uma fôrma untada com azeite, põe-se uma camada de geléia e, sôbre esta, arrumam-se rodelas de ovos, de tomates e de pepinos em conserva, dando-lhes uma disposição bem bonita. Em seguida, põe-se outra camada de geléia e, sôbre esta, outra de quadradinhos de carne, outra de geléia e assim por diante, até encher a fôrma. Deve-se ter o cuidado de colocar a carne, sòmente quando a camada de geléia anterior já estiver bem gelada.

CREME DE BAUNILHA
(5 a 6 pessoas)

½ litro de leite, ½ litro de nata, 250 gr de açúcar, 8 gemas, 50 gr de maizena, 1 fava de baunilha, ou 1 pacotinho de açúcar de baunilha. Dissolve-se a maizena em um pouquinho de leite frio. Batem-se as gemas. Levam-se o leite, o açúcar, a nata e a baunilha ao fogo. Quando levantar fervura, retira-se a panela do fogo, e, mexendo-se continuamente, deixa-se até levantar fervura. Despeja-se então o creme sôbre as gemas batidas, levando-se em seguida novamente o creme ao fogo, sem parar de mexer, até quase levantar fervura. Põe-se então para gelar, devendo-se ter o cuidado de mexer ainda de vez em quando a fim de não se criar a nata na superfície superior do creme. **Observação:** Em vez de nata, pode-se empregar sòmente leite. Pode-se empregar também 2 a 3 gemas, aumentando-se então a quantidade de maizena.

MASSA FOLHADA

500 gr de farinha de trigo, 500 gr de manteiga, 2/10 de litro de água, ½ colherinha de sal. Com a farinha (peneirada), 2 colheres de manteiga, o sal e a água, faz-se uma massa que se deixa descansar cêrca de 20 minutos em lugar bem fresco. Amassa-se a manteiga restante, enxuga-se e forma-se juntamente com a farinha um quadrado de 10 cm de lado e deita-se no centro da massa que se estendeu em uma tábua formando um quadrado. Dobram-se os 4 lados formando um envelope de tal forma que a manteiga fique completamente coberta pela massa. Depois da massa ter descansado cêrca de 20 minutos em lugar bem fresco, entende-se com muito cuidado até a



A COZINHA

espessura de 1 cm, não deixando sair a manteiga. Dobra-se em três, como se faz a guardanapo e deixa-se descansar mais 15 minutos. Repete-se isto 3 a 4 vêzes até e em seguida estende-se de novo a massa até ficar com a mesma espessura. Sòmente então, corta-se a massa do formato desejado. Pincelando-se a massa com gema, não se deve passar o pincel nas bordas externas, porque cobrindo a superfície do corte com a gema, esta impede o crescimento da massa nesses lugares.

Deve-se preparar sempre a massa folhada em lugar fresco e deve-se empregar manteiga gelada. Juntando-se ½ cálice de rhum, obtém-se uma massa mais delicada. A massa folhada requer forno bem quente.

TORTA DE MORANGOS

100 gr de manteiga, 100 gr de açúcar, 4 ovos, casca ralada de limão, canela, 50 gr de amêndoas raladas, 75 gr de farinha e um pouco de Arrak. Bate-se como creme a manteiga, o açúcar, as gemas, as cascas de limão, e a canela. Em seguida junta-se o pão bem esmagado embebido no Arrak, assim como as amêndoas, a farinha, e as claras batidas em neve.

Junta-se uma fôrma, polvilha-se com um pouco de semoline, põe-se a massa e assa-se depressa num forno quente. Prepara-se um creme de manteiga e adicionam-se os morangos com um garfo. Recheia-se a torta cortada em duas partes com 1/3 dêste creme, junta-se novamente, espalha-se o creme por cima, e enfeita-se êste com alguns morangos.

CONSOMME GELATINOSO DE TOMATES

Deite de môlho por uns 10 minutos 5 fôlhas de gelatina vermelha e 5 brancas, em 4 xícaras de água. Depois dissolva em 6 xícaras de água ou caldo a ferver. Leve a cozinhar em pouca água meio quilo de tomates bem rubros, espremidos para sair a água verde, 1 cebola regular cortada em rodelas, 1 pé de aipo, 2 cravos, cheiro e 1 fôlhinha de louro. Deixe em fogo fraco até ficar tudo bem cozido. Passe na peneira fina, junte a gelatina e 2 cálices de Madeira, tempere de sal e leve ao fogo por alguns minutos. Despeje numa vasilha chata e leve para gelar. Na hora de servir misture ligeiramente com o garfo, deite 1 colherada em cada xícara própria e deite em cima 1 galhinho de salsa crêspa sem o pé. Deve ficar como uma gelatina mole.

FIGADO A BRASILEIRA

Corte em fatias finas 1 quilo de fígado e deite, de môlho em 3 colheres de vinagre, sal, 1 pitada de pimenta do reino e ½ alho socado. Deite banha numa frigideira e frite 2 cebolas grandes em rodelas finas bem louras. Retire as cebolas, escorra os bifes, frite dos dois lados e deite num prato. Depois de todos fritos, despeje a vinha-d'alho na frigideira, ferva um pouco, junte 1 colher de chá de farinha, outra de môlho inglês, molhe com água, umas 3 colheres, junte o fígado e as cebolas. Despeje num prato e sirva com arroz, à parte.

PEIXE DE FORNO COM QUEIJO

Prepare um bom peixe, corte em postas, tempere de sal e limão e deite num prato untado de manteiga. Tome



2 colheres de farinha, 2 de manteiga, 1 pitada de paprika, 2 xícaras de leite, misture e leve ao fogo para engrossar. Retire do fogo, junte 2 xícaras de queijo ralado, mexa, deite um bocado em cima de cada posta e leve a assar no forno. Na hora de servir, retire as postas e arrume numa travessa. Coloque 1 ramo de salsa crêspa no centro e ao redor faça uma grinalda de batatas cozidas.

CARNE ASSADA COM TOUCINHO

Tome um pêso de colchão de dentro ou de alcatra, de 2 quilos, ponha no meio tiras de toucinho inglês, enrole sôbre ela própria, amarre com barbante e leve a tostar na panela, com quadradinhos de toucinho inglês e de cebola. Estando corada, junte ½ colher de massa de tomate desmanchada em 1 ½ xícaras de água, e leve a cozinhar em fogo fraco. Desengordure o môlho e sirva sem coar.

PÃO DE MEL COM GLACE

250 gr de mel, 250 gr de açúcar, 100 gr de banha, 500 gr de farinha de trigo, 250 gr de amêndoas raladas sem casca, 125 gr de cidra cristalizada bem picadinha, 2 ovos, 4 gr de canela, 4 gr de cravo, 4 gr de cardomone em pó, 15 gr de potassa e 4 gr de raspas de chifre de veado, êstes dois últimos ingredientes diluídos em rhum.

Ferve-se o mel, o açúcar e a banha; juntam-se ao mel ainda quente os temperos, as amêndoas e a farinha, mistura-se bem e deixa-se esfriar.

Adicionam-se então os ovos, a potassa e as raspas de chifre de veado e aperta-se bem a massa com as mãos. Quando estiver bem lisa e lustrosa, estende-se, cortam-se bolachas grandes e levam-se depressa ao forno quente em assadeira bem untada. Depois de frias, cobrem-se as bolachas com glaces diferentes, de chocolate, de limão, de framboeza ou de açúcar e espalham-se por cima amêndoas picadinhas e confeitos miudinhos.





CHAPÉUS EXÓTICOS



AQUI estão alguns modelos de chapéus de grande originalidade, completamente fora do comum. Em cima: chapéu de feltro com aba virada para cima e debruada, na frente um pequeno apanhado de plumas. Maud Roser criou para ser usado com «tailleurs» esta copa de palha com uma fita imitando pena. Ao centro: chapéu formado por dois quadrados de feltro rosa e azul, dispostos assimètricamente, criação de Rose Valois. Em baixo: copa de Pierre Levin, inspirada nas mantilhas espanholas. O tecido escolhido é o tule de «pois». Dos lados da copa, caem dois laços com grandes pontas.



A FORTALEZA

Só naquela tarde notara ela o cheiro de pescado, de salga, que tresandava da roupa do marido. E só naquela noite, à hora de deitar, reparara que os cabelos dêle estavam rareando e fazendo-se grisalhos. Durante o jantar ela já havia percebido o desleixo no vestir e os maus modos do espôso: lançava baforadas do cachimbo sôbre a mesa; debruçava-se sôbre os pratos, e para ilustrar suas digressões usava os braços como asas. E quando se sentava nas poltronas, seus bolsos ressaltavam atufados de tabaco e papéis.

Quão diferente o moço que ali jantara naquela tarde a convite do marido! Vestia-se com elegância, penteava-se com esmêro, trazia os sapatos polidos. E a gravata — que linda! — mostrava o nó bem ajustado ao vértice do colarinho da camisa de sêda côr de palha. Na mesa, portava-se como um cortezão inglês, tão comedido era êle; ao lado do visitante, o marido semelhava um afobado vendedor de bilhetes de loteria. E ela percebera que o convidado a mirava de soslaio, que a elogiara, embora indiretamente, ao referir-se a flores de estufa. Que era ela senão uma flor de estufa? Jamais lhe ocorrera pensar assim. Sòmente naquela tarde. E sòmente após aquêle jantar tivera ela a vaidade de remirar-se no espêlho, de frente e costas, como há tempos não fazia. E certificou-se de que realmente era jovem e dona dum corpo esbelto. O marido não sabia apreciá-la; os negócios absorviam-no. Peixe e mais peixe era o de que se tratava naquela casa. O moço que ali jantara representava uma companhia de São Paulo, interessada na compra da produção de um ano. Por isso, o marido o convidara.

O salgador de peixe estava radiante; começara com uma banca de peixe e hoje possuia uma indústria, e já era conhecido nos grandes centros comerciais do país. Em Rio Grande todos os admiravam e respeitavam.

— Olha, Henriqueta, o senhor Barbosa vem almoçar conosco amanhã. O negócio já está feito. Esperamos, apenas, a confirmação de São Paulo. Amanhã vai ser um grande dia! Também já é tempo de descansarmos um pouco. Só trabalho, só trabalho!... Acho que vou levar-te a Buenos Aires, Montevidéu... — disse êle, fitando-a para gozar o efeito que a notícia causaria à companheira. Tão abstraída estava ela que êle teve de despertá-la.

— Não ouviste, querida?! Buenos Aires, Montevidéu!...

— Ouvi, sim, Teodoro.

Êle saiu para o trabalho. Ela ficou a sós. Montevidéu e Buenos Aires eram o sonho de Henriqueta. Mas... Que felicidade não seria a dela fazer essas viagens, mas com um homem elegante, maneiroso e bem trajado, cheirando a lavanda, como o senhor Barbosa, em lugar de peixe salgado como o marido!

Seus pensamentos assustaram-na. Que era ela antes de casar com Teodoro? Uma enjeitada, sem família e sem nome, prêsa à caridade dum orfanato. Ali fôra Teodoro buscá-la, dera-lhe posição na sociedade, confôrto, tranquilidade — mais do que uma moça desamparada poderia desejar. Talvez não fôsse um galã, mas era um homem generoso e tolerante. Todos lhe queriam bem e estimavam. E ela, que a êle devia até as solas que lhe sustinham os pés, secretamente o traia.

Henriqueta correu ao quarto, apanhou o rosário e pôs-se a rezar, pedindo perdão por pecar em pensamento. O arrependimento aliviou-a.

O dia passou.

No almôço seguinte, como a prevenira o marido, o senhor Barbosa apareceu. Trajava um elegante terno azul listrado e trazia um gravata verde-negro, também listrada, que se perdia no vinco do colête. O mesmo perfume: lavanda. Almoçaram. Teodoro, palrador, contou suas lutas e dificuldades que tivera para alcançar a situação que desfrutava. Muito pouco, porém, admirava o representante aos *self-made-men;* preferia admirar a graça feminina. Não tirava os olhos de Henriqueta. O peixeiro não notava ou fingia não notar o atrevimento do hóspede. E ela, embora desviasse o olhar, fruia intimamente um prazer abrasante, uma satisfação que requeimava em lugar de enlevar. Teodoro teve de deixar a sala por instantes. O paulista não perdeu tempo.

— Não crê nas tentações da vida? — como ela não respondesse, êle prosseguiu: — As circunstâncias embaraçam-me as palavras, mas ouso fazer-lhe uma declaração: a senhora exerce sôbre mim uma estranha fascinação! Perdoa-me abrir-lhe assim meu coração...

— O senhor me ofende! Não fale mais...

— Sei que não lhe sou indiferente. Só o [illegible] lhe impede de responder-me. Enfrentemos o desti[illegible] Voemos para São Paulo. Fá-la-ei feliz! Você merece [illegible] grande cidade. São Paulo!

Tão direta proposta aterrou Henriqueta.

— Cale-se por favor ou deixarei a sala [illegible] ela, temerosa de que o marido surpreendesse [illegible] diálogo.

— Telefonar-lhe-ei do hotel.

Ela levantou-se bruscamente. O marido entra[illegible] sala, lançando baforadas de seu cachimbo côr de [illegible]. Êle notou a palidez da mulher. O senhor Barbosa [illegible] olhava os bolsos.

— Não encontro os cigarros...

— Vou até a cozinha... Já volto... — [illegible] ela para o marido, à falta de melhor justificati[illegible] pedira ao senhor Barbosa a licença que a cort[illegible] obriga. E saiu. Estava tonta. Embora aquêle moço [illegible] causasse mêdo, ela gostava de tê-lo presente.

Pouco depois Teodoro chamava a mulher. [illegible] senhor Barbosa retirava-se. Henriqueta tornou à s[illegible] sorriu como pôde, e estendeu, sem interêsse, sua mão, [illegible] pequenina e fria, ao galante senhor Barbosa.

— Bom sujeito êsse camarada! Facilitou tu[illegible] para fecharmos o negócio. Eu nunca me engano! Pel[illegible] cara conheço o sujeito!

Henriqueta olhou-o significativamente.

Teodoro apanhou o jornal, sentou-se na polt[illegible] e pôs-se a ler, como o fazia habitualmente após o al[illegible]

A mulher sesteava tôdas as tardes no divã, [illegible] quando êle lia. Ela deitou-se e caiu no sono. E sonh[illegible] Sonhou que chegara da rua e encontrara fechada a port[illegible] casa. Tinha perdido a chave. Fazia uma tarde côr d[illegible] chumbo. Bateu, mas ninguém atendeu. Tornou a bater, g[illegible] pelo nome do marido, mas êle não respondeu. Não [illegible] luz em parte alguma, embora já escurecesse. As ruas, [illegible] casas, pareciam desertas. Ela saiu a caminhar sem ru[illegible] Não via viva alma. Apenas uma atração irresistível [illegible] conduzia para um destino ignorado. Queria entrar em [illegible] qualquer casa, pôr-se a salvo, pedir socorro ,pois temia aq[illegible] quietude tenebrosa, mas tôdas as portas estavam fech[illegible] e a cidade morrera. Que teria acontecido? Que fôr[illegible] oculta a arrastava para o ignoto? Assim deambulou naq[illegible] angustiante marcha, até que, fora da cidade, foi [illegible] descendo por uma interminável escadaria. Lá em baixo [illegible] escuro e invisível. Desceu até um sitio onde uma ramp[illegible] parecia projetar-se nas entranhas da terra. Não tinha [illegible] Lançava-se num torva escuridão. Ao redor, mãos [illegible] femininas erguiam-se desesperadas, rígidas, como a procur[illegible] segurança. Deviam estar afundadas nalgum tremed[illegible] pois ululavam, choravam, clamavam tràgicamente p[illegible] misericórdia. Apavorada, Henriqueta vê diante de si, à beira do declive, a figura do senhor Barbosa. Seus olhos tinham perdido o encanto que seduzia; haviam-se transformado em duas brasas, e na bôca rasgada e sens[illegible] um riso sardônico enfeitava-lhe a máscara. Ela ten[illegible] evitá-lo. Quis escapar, mas as pernas não se movi[illegible] Barbosa agarrou-a e lançou-se a beijá-la com furor. [illegible] contacto dos beiços daquele homem, que ela desejara, era asqueroso; uma lesma em seus lábios não a repugnaria tanto. Henriqueta continuou a resistir. Travou-se luta entre os dois e ela caiu. Rolou no declive. Senti[illegible] que escorregava. A superfície era lisa e como impregnada de alcatrão, graxa ou lôdo. Tão lisa que, conquant[illegible] cravasse os dedos, não conseguia deter a queda para o precipício. Do fundo do pélago, mãos cansadas de mulher[illegible] procuravam agarrar-se a ela; em vão, porque seus [illegible] escorregavam, e elas permaneciam onde estavam. [illegible] quanto ela se debatia, aflita, deslizando pela rampa [illegible], Barbosa, lá em cima, ria-se da angústia da [illegible] do peixeiro. Algumas mãos já a roçavam. Se a [illegible], ela rolaria para o lodaçal, onde legiões de [illegible] desgrenhadas emergiam entre braços erguidos [illegible] céu, estaria perdida, feneceria seu último alento de [illegible]. Súbito ela gritou, clamou pelo nome do marido.

— Teodoro! — berrou, acordando-se num [illegible] convulso, de braços hirtos e mãos crispadas com[illegible] agarrar o marido.

— Ué! Estás sonhando, querida? — exclam[illegible], carinhoso, largando o jornal. Entrementes, ela [illegible] do divã e rojava-se aos pés do marido, ain[illegible] sob a ação do chôro que a crueza do sonho [illegible]. Abraçou-o, e depois beijou-o com emoçã[illegible]

— Bom seria que tivesses todos os di[illegible] sonho assim, querida — murmurou Teo[illegible] aludindo a inesperada prodigalidade de [illegible] da consorte. Dali a pouco êle aprontava e sai[illegible]

— Hoje, depois de fechar o negócio va[illegible] uma surprêsa. Escuta, querida, vê se prepara[illegible] bom palmito para o jantar. O senhor Barbosa [illegible] jantar novamente conosco... Só hoje, aman[illegible] vai embora... E êle gosta de palmito... N[illegible] te zangar, não? — concluiu êle, humilde, a[illegible]

Henriqueta pôs-se a meditar. O sonho [illegible]-lhe impresso na memória. Parecia uma pre[illegible]ção. E a idéia de deparar mais uma vez com [illegible] aquêle homem torturava-a. Passou a tarde numa [illegible] terrível, sem tomar providências acêrca do jan[illegible] Ao entardecer o telefone tilintou. Ela mesma foi [illegible]. Reconheceu a voz do senhor Barbosa. Mal o [illegible] desligou sem dar palavra.

Chamou a serviçal.

— Se alguém telefonar para mim, a não ser o senhor Teodoro, diga que não estou. Compreendeu?

A criada respondeu afirmativamente.

Henriqueta voltou a pensar no jantar. Faltava-lhe [illegible] posição para prepará-lo. E compreendeu que temia o paulista.

(Cont. na pág. [illegible])

Novela de J. M. BARCALA

PLANO DE MIKE DESPERTARIA CIUMES OU INTERESSE EM RALPH?



















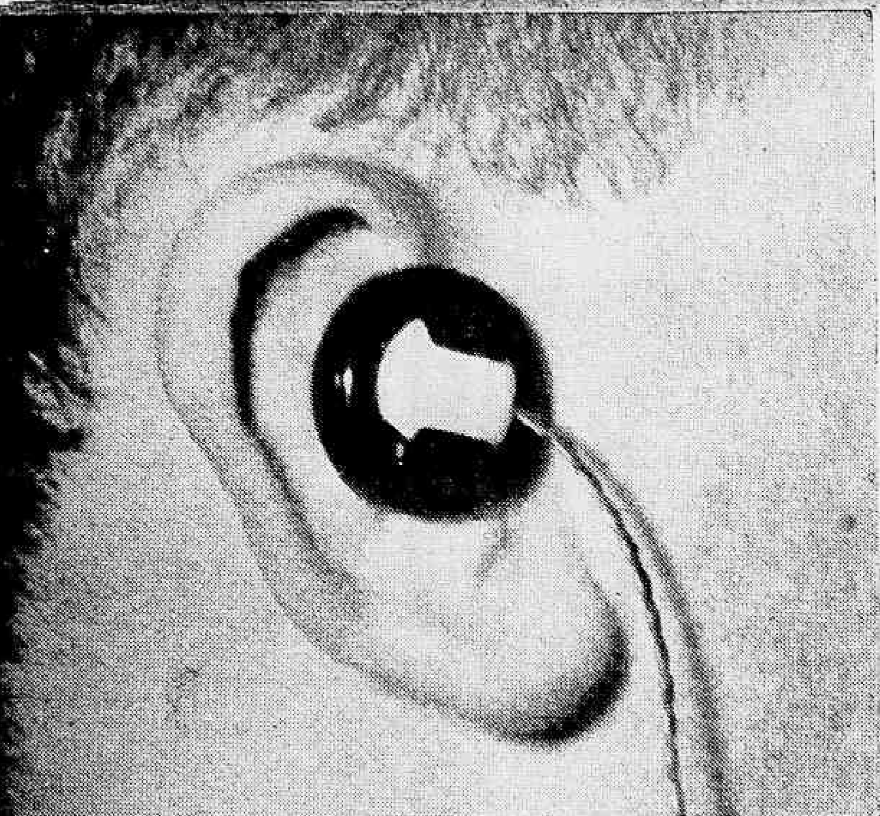








LORINDA, A BAILARINA APAIXONADA



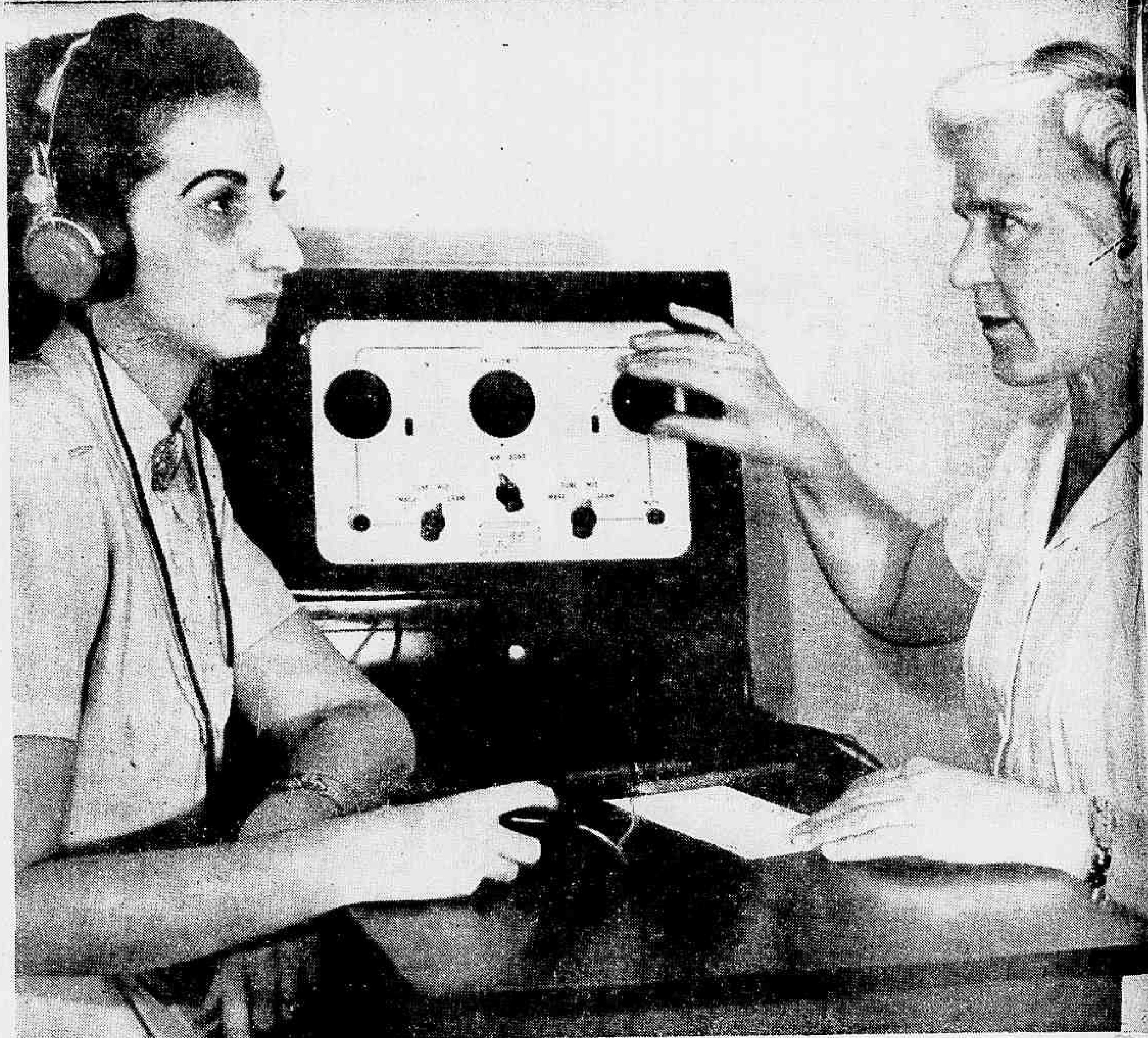
O «botão no ouvido», isto é, a adaptação do aparelho ao ouvido, fêz com que muita gente o deixasse de usar...

ENTRE os muitos problemas, que através os séculos traziam a humanidade em constante aflição, o da surdez foi um dos que, enfim, encontrou solução.

Com efeito, há bastante tempo que os cientistas vinham trabalhando no afã de descobrir um meio de restituir os sons àqueles que por um motivo qualquer se viram privados do sentido da audição.

Era um trabalho difícil e que requeria pesquisas meticulosas, pois o nosso aparelho auditivo é de uma sensibilidade magnífica e está sujeito a inúmeras formas de afetação, que podem causar uma surdez parcial ou total.

A pessoa destituída do sentido da audição sofre as mais trágicas consequências, principalmente aquelas advindas do complexo adquirido pela surdez. Mas, graças ao avanço da ciência no campo da eletrônica, felizmente já se pode evitar casos dolorosos como aquêle de Beethoven, em que o genial compositor, atacado de surdez, não pôde ouvir a sua derradeira obra-prima, a Nona Sinfonia.



Na sala de audiometria — Uma paciente sendo submetida ao teste audiométrico para a determinação do grau da surdez



O «Telemolde» — A adaptação do «Telemolde», ou seja a adaptação invisível do aparelho ao ouvido é um trabalho simples e rápido como se vê ao lado

Entretanto, com o aparecimento do «Telemolde», ficou resolvido aquêle problema de aparecer em público com um «botão no ouvido»

AS MARAVILHAS DA CIÊNCIA ELETRÔNICA

Foi durante a Segunda Grande Guerra que a ciência eletrônica tomou maior incremento, possibilitando aos cientistas a descoberta dos aparelhos otofônicos. Êsses aparelhos baseiam-se no princípio de que as ondas sonoras uma vez transformadas em impulsos elétricos, e êstes amplificados, são, por sua vez, novamente convertidos em ondas sonoras.

Os aparelhos otofônicos apareceram nos Estados Unidos e, com rapidez espantosa, propagaram-se pelo resto do mundo. Entretanto, no nosso país, sòmente em 1946 foi que apareceram os primeiros aparelhos trazidos por uma organização, cujo principal fundamento era o combate à surdez. Essa organização, o Centro Otophônico do Brasil, como tôda e qualquer outra pioneira, encontrou sérios obstáculos para a propagação do uso dêsses aparelhos, sendo que a maior dificuldade foi a de encontrar entre as inúmeras marcas americanas uma que se adaptasse às nossas condições climatéricas.

Afinal, vencidas as primeiras dificuldades e uma vez comprovada a melhor adaptação dos aparelhos TELEX ao nosso clima, foi que surgiu, substituindo o antigo Centro Otophônico, o hoje Centro Auditivo Telex S/A, uma organização modelar e apta a bem servir ao povo brasileiro em sua sede no Rio e em suas filiais em São Paulo, Belo Horizonte, Pôrto Alegre, Recife e Curitiba.

Apesar de as inúmeras vantagens que oferecem os aparelhos Telex, tais como conveniência de transporte e contrôle de volume e tonalidade, o Centro Auditivo resolveu ainda o problema do "botão no ouvido", isto é, o receptor que se adapta ao conduto auditivo. Assim, apareceu a novidade do Telemolde, que é a adaptação invisível do aparelho ao ouvido. Para a aplicação do Telemolde, é tirado um modêlo do ouvido do paciente e depois fabricado o molde nas próprias oficinas do Centro. Com o aparecimento do Telemolde, inúmeras foram as pessoas surdas que aderiram ao uso dos aparelhos, pois que, dantes, receavam andar pelas ruas com aquêle botão no ouvido. Êste botão dispõe de um pequeno eletromagneto, que transforma os impulsos elétricos em ondas sonoras que fazem vibrar o ouvido. A outra parte do aparelho é uma pequenina caixa, de pêso reduzidíssimo, de transporte fácil, e que é constituída de um microfone que recebe e amplifica o som e de pequeninas pilhas que o transformam em impulsos elétricos.

A fim de determinar o grau da surdez e as possíveis reações da pessoa surda quando começa a usar um aparelho, é aconselhável fazer um audiograma, isto é, uma curva de audição, que é obtida pelo uso de um audiômetro. Êste teste pode ser feito por um médico otologista ou no próprio Centro Auditivo, que para tal dispõe de diversos aparelhos, podendo resolver com absoluta precisão as dúvidas que por acaso surjam num e noutro caso.

Como foi encontrada certa dificuldade na adaptação

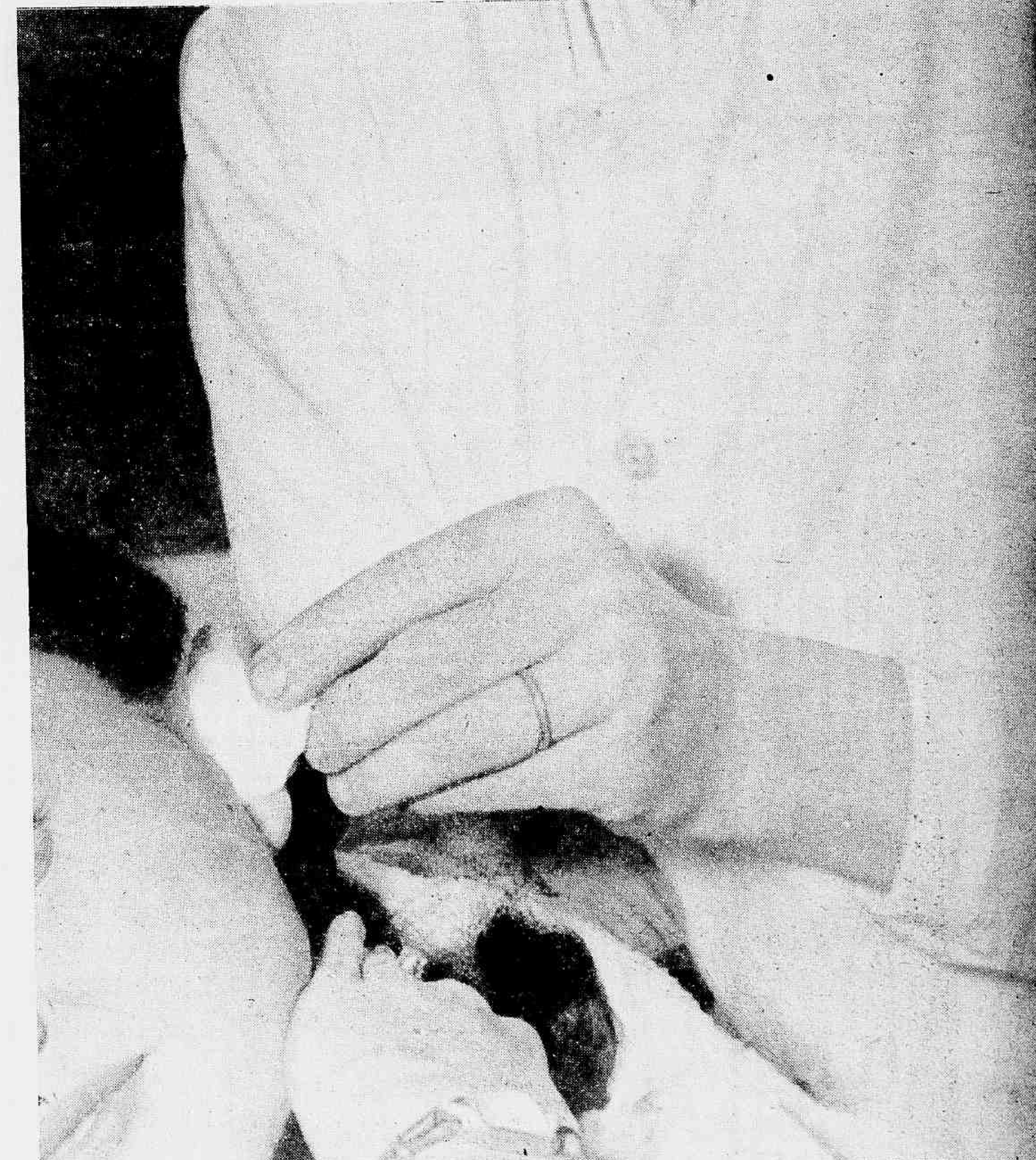
(Cont. na pág. 52)



Um aparelho «Telex» — Sem dúvida alguma, entre as diversas outras marcas de aparelhos otofônicos, o que se adaptou melhor às nossas condições climatéricas foram os da marca «Telex». Na gravura, uma funcionária do Centro mostrando um jôgo dêsses aparelhos



O Centro Auditivo Telex é a maior organização no gênero na América do Sul. Na foto, um aspecto do escritório



O «molde» — Vemos na foto à direita, um técnico do Centro Auditivo Telex tirando a «impressão» do ouvido de uma cliente com uma massa especial. Uma vez tirada a «impressão», é confeccionado nas próprias oficinas do Centro o molde individual com material acrílico transparente

"Êle depende da Sra...

e a Sra deve confiar na

ÁGUA INGLÊSA

GRANADO

o tônico das lactantes

GRANADO

Maria Mingonga

(Cont. da pág. [illegible])

vei-o a um quarto de hotel. Desde então passou a merecer-me piedade, simplesmente piedade.

★

Recém-formado, fui nomeado promotor em Serra Alta, um lugarejo perdido no sertão. Vila pobre, com uma única praça e poeira sem fim.

O tédio me invadia, implacável, apesar do que fazia para afastá-lo.

Sol e poeira... Sol e poeira... Para variar a fila dos tropeiros nos dias de feira, os dias grandes dali. Na verdade dias horríveis. Um quadro desolador de indigência, com objetos toscos pelo chão e um cheiro avassalador de charque pelo ar...

Eu fazia ponto na farmácia ou no cartório. Comentava-se politica local ou o noticiário dos jornais. Cansado afinal me recolhia triste à minha casa, cruzando aquela solidão de ruas empoeiradas.

Tudo calmo, infalivelmente calmo. O último crime mesmo se dera há quatro anos e ainda o lembravam com esconjuros. Apenas dois ou três tipos populares que faziam das suas para dormir na cadeia. Entre êles, Maria Mingonga, uma mulata velha, amalucada, que cantava e falava o dia todo.

Mendigava pelas ruas, cheia de berloques e vestidos berrantes.

Eu, às vêzes, ficava a observá-la em silêncio. Quanta ruina! Quanta ruina! Ali estava nitido — ignorância, miséria, doença, — uma sub-raça a debater-se em problemas tremendos. Se eu ficasse no engenho — quem sabe? — talvez tivesse igual fim.

"Sêo doutô da Holandia
Veio cá prá me sarvá...

Cantava a dançar em minha frente, em trejeitos grotescos.

★

Naquela tarde, um praça me deteve para dizer:

— Maria Mingonga está com o diabo no couro. Bêbeda, insultando todo mundo e querendo brigar. Que devo fazer?

— Isso não é comigo — respondi — fale com o delegado.

— Não está presente. Nem êle, nem o juiz. Só o senhor. Era um domingo. Por hábito, me esquivava de prender fôsse quem fôsse, mas não havia alternativa.

— Pois bem — decidi — que fique no xadrez até melhorar.

Inda a vi passar ao longe, aos trancos e empurrões. Lavei as mãos de tudo e fui para casa de mau-humor. Mau dia — pensei comigo mesmo. — Mau-dia...

Madrugada alta, acordei-me espantado. Batiam na porta num nervoso incontido.

Levantei-me e fui ver. O mesmo praça vinha me avisar:

— Maria Mingonga parece que morreu; que devo fazer?

Aquilo me irritou.

Que devo fazer? Que devo fazer? Sempre para cima de mim. Eu não era Delegado, não sabia? E, batendo a porta brusco:

— Sei lá! Amanhã se decide!

Tudo, porém, ficou-me no espirito, martelando implacável.

Eu nunca prendia ninguém e quando o fazia vinha uma daquelas. Que azar!...

Logo de manhã fui à cadeia, nervoso e de maus modos.

Maria estava ali numa confusão de trapos. Suas roupas berrantes, suas latas, seus berloques — tudo ali. Voltei-me numa espécie de asco.

O médico diagnosticara uma queda de coração devida ao álcool. Vieram o delegado e o juiz e deram ordem de que vissem os seus papéis para o entêrro.

Fomos num grupo ao catre em que vivia. Um monturo de latas e sujeiras.

Numa caixa a um canto, dois papéis velhos, já amarelados. Abri-os e vi que eram dois batistérios.

Um dêles dizia: "Maria Ferreira, nascida em Mata Grande...". A data e a freguesia...

O outro... O outro era o meu! Boquiaberto, apavorado, só então compreendi que Maria Mingonga era minha mãe!...

PAISAGEM E FOTOGRAFIA

(Cont. da pág. 33)

"Sem dúvida, nossa natureza, nossa luz, nossas paisagens são lindissimas. A verdade, porém, é que, até agora, muito poucos foram os nossos filmes que conseguiram captar integralmente essa beleza. Mesmo nas nossas melhores realizações nesse sentido, mesmo no famoso "Limite" — tão forte de ritmo, tão rico em "stills" de beleza natural — nunca se conseguiu atingir uma tão grande e integral transposição".

Ruy Santos, o fotógrafo, tinha larga experiência da filmagem de exteriores, desde o tempo em que era cinegrafista da Agência Nacional. E o seu trabalho pode não ter sido excepcional mas não desmereceu o prêmio que, há cêrca de dois anos recebeu da Associação Brasileira de Criticos Cinematográficos.

A MONTAGEM

Todos os livros de cinema falam que na montagem está a maior dificuldade do trabalho de um filme. Porém, os tratados jamais refletirão quanto é vasta a matéria. Tanto assim que, nos grandes centros de cinema do mundo, os montadores percebem excelentes vencimentos. Por vêzes, o trabalho é feito dezenas e dezenas de vêzes. Nos Estados Unidos costumam até mesmo realizar "testes" sôbre o assunto. De surprêsa, sem qualquer aviso prévio, é efetuada uma sessão em um cinema repleto de espectadores que pagaram para assistir a outro filme. Avisam que o dinheiro será restituido a quem não concordar com a troca. Porém, a sensação de presenciar a um espetáculo inédito no mundo é sempre recebida sob palmas. Depois da sessão é efetuado um vasto inquérito entre os assistentes. Do seu resultado frequentemente resultam cortes, refilmagens ou novas montagens.

O desejo de aprimoramento de "Estrêla da manhã" — com mais de dois anos após a data da primeira filmagem — veio a incidir indiretamente no mesmo sentido. Houve uma sessão particular na A.B.I. que, é verdade, não foi marcada com essa finalidade. Porém, após o término da mesma ficou comprovado que havia necessidade de reduzir a metragem — cêrca de duas horas de projeção — a fim de impedir o alongamento desnecessário do ritmo. E o celulóide, depois de pronto, teve a sua extensão reduzida para mais de vinte minutos, além de remontado cuidadosamente. O tempo de projeção tornou-se normal e o desenvolvimento passou a mostrar uma agilidade de transcurso bem acentuada. Porém, o fato de uma remontagem causou celeuma a muitos, esquecidos todos de que, enquanto não fôr apresentado ao público é licito um aprimoramento a mais. Em matéria de cinema não há limite para a melhoria. E, os que assistiram à exibição prévia vão ter, possivelmente uma surprêsa com o filme, atualmente em cartaz nos Metros do Rio e no de S. Paulo.

O PERFIL DOS PERSONAGENS

O papel mais dificil de "Estrêla da manhã" foi confiado a Doris Duranti, atriz do cinema italiano, com mais de 20 filmes "estrelados" na Europa. Interpreta Tiú, uma decaida de uma perdida ilha. Certo dia, aproxima-se, interesseira, de um forasteiro que chegara à Ilha. Porém, os fatos do destino mudam lentamente o seu proceder. Tratava-se de um médico, que procurava apenas o soerguimento moral através do trabalho. Porém, por mais um capricho da sorte, mais tarde foi precisamente o médico que necessitou do seu amparo. Proibido de clinicar, humilhado profundamente, procurou aquêle amor no sentido de fuga, passando a viver com Tiú. A criatura desligou-se da antiga existência e, pela primeira vez, apaixonou-se perdidamente. Contudo, outro inesperado — surgiu a reabilitação do clinico e quando menos se esperava. Voltou ao seu antigo afeto, um amor essencialmente espiritual. E Tiú sentiu que era demais na Ilha. Todos a desprezavam e, conforme é habitual nos pequenos núcleos brasileiros, era francamente hostilizada pela população. De todos os acontecimentos da vida guardara apenas o amor por Sérgio. Portanto, a sua trajetória tinha que se decidir pelo sacrificio.

O clinico é interpretado por Paulo Gracindo. Trata-se de um homem que sofreu

TERREMOTO!!!

NO MERCADO DE PERFUMES!

NOVA TABELA

TIPOS DE PERFUMES	Essências 10 gr. Cr$	Extratos 50 gr. Cr$	Loções ¼ Cr$
Crepe A — Super ...	12.00	22,00	30,00
Madeiras A — Super	12,00	22,00	30,00
Rosa Natural — Super	13,00	22,00	30,00
Jasmim Super	10,00	22,00	30,00
Violeta B — Super ..	13,00	22,00	30,00
Q. Fluers — Super ..	15,00	25,00	35,00
Fl. Amor — Super ..	15,00	25,00	35,00
Mitzko — Super	18,00	25,00	35,00
Arp. 5 — Super	20,00	35,00	40,00
Tabac B — Super ...	21,00	35,00	40.00
Tabul — Super	25,00	35,00	40,00
Chan 5 — Super	25,00	35,00	40,00
Nuit N — Super	25,00	35,00	40,00
Cuir R — Super	25,00	35.00	40,00
Narcisse N — Super..	25,00	35,00	40,00
Pretx — Super	35,00	45,00	55,00
Rumores — Super ...	35,00	45,00	55,00
Escandalo — Super ..	35,00	45,00	55,00
Tabul GR — Super ..	35,00		
Flor Maçã LF	50,00	70,00	70,00
Soupplesse LF	50,00	70,00	70,00
Biarritz LF	50,00	70,00	70,00
Monte Carlo LF	50,00	70,00	70,00
Arabesque LF	60,00	80,00	80,00
Heno del Campo LF..	60,00	60,00	80,00
Casino LF	80,00	80,00	80,00
Violette Feuilles LF ..	85,00	105.00	105.00
La Rose Rougeatre LF	85,00	105,00	105,00
Despesas Reembôlso..	6,00	6,00	6,00

Não aceitamos pedidos menores de Cr$ 100,00. Os perfumes marcados LF são legítimos franceses

VENDAS PELO REEMBOLSO POSTAL.

A FEIRA DAS ESSÊNCIAS

Av. Marechal Floriano, 67 — Sob.

RIO DE JANEIRO

GUIA INTER-AMERICANO DE IMPRENSA

O "Inter-Continental Press Guide", único guia que compreende todos os periódicos e revistas latino-americanos, utilizado pelas Agências de Publicidade dos Estados Unidos, Inglaterra e Canadá, como roteiro dos seus anunciantes, acaba de completar em julho passado seis anos de existência. Fundado por Mr. Charles W. Monroe em 1944 em Havana, Cuba, o Guia publica um registro mensal sôbre um país latino-americano e é dirigido desde 1946 pelo sr. René Rayneri, especialista no assunto. Graduado pelo Philadelphia College, o sr. Rayneri trabalhou em 1936 na Embaixada do Canadá; em 1941 foi correspondente da revista londrina Latin American World e, em 1942, teve a seu cargo a administração da Inter-Mar Shipping Cuba S. A.

Em 1947 um seu irmão Julio Rayneri foi Delegado da Associação Nacional de Indústrias de Cuba junto à Câmara de Comércio de Miami. E' Diretor das Atividades Interamericanas da Pan American League de Miami e membro da Export Advertising Association de New York.

BANCO DO COMERCIO S. A.

FUNDADO EM 1875
O mais antigo da praça do Rio de Janeiro
Sede:

RUA DO OUVIDOR, 93-95

TEL. 43-8966

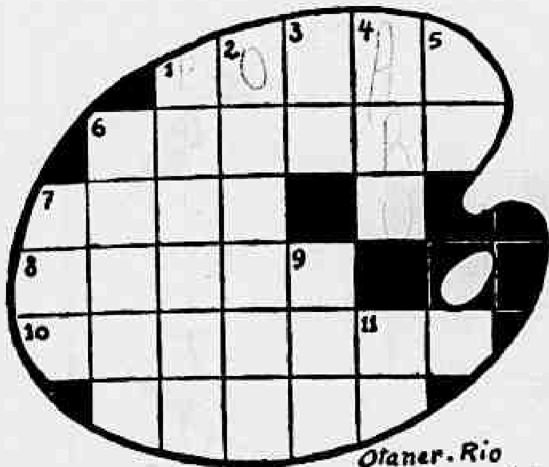
Agências no: Distrito Federal. Estado do Rio. Estado de São Paulo. Estado de Minas Gerais

★

Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio.

PALAVRAS CRUZADAS

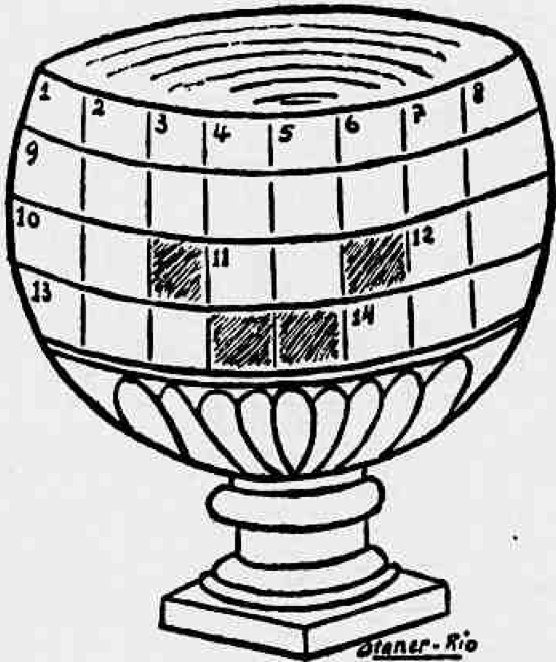
PROBLEMA Nº 16 — PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: 1. Pequeno barco — 6. Ruminante com duas gibas sôbre o dorso — 7. Estado do Brasil — 8. Que tem asas (fem.) — 10. Ratazanas — 12. Habitar.

VERTICAIS: 1. Não é caro — 2. Cultor curioso de qualquer arte — 3. Variação pronominal, 2ª pessoa do singular — 4. Argola — 5. Tecido finíssimo — 6. Guardam silêncio — 7. Casal — 9. Nome de mulher — 11. Atmosfera.

PROBLEMA Nº 16 — PARA VETERANOS



HORIZONTAIS: 1. Considera mal — 9. Obreiro — 10. Um dos nomes que os tibetanos dão ao demônio — 11. Filho primogênito de Judá e Sua — 12. A primeira nota na antiga escala musical — 13. Ala — 14. Exercício.

VERTICAIS: 1. Dor de cabeça — 2. Saltos bruscos — 3. Igreja episcopal — 4. Soldo — 5. Desinência verbal — 6. Atingir — 7. Planta da família das Euforbiáceas (pl.) — 8. Espécie de macaco da América.

★

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS DO NÚMERO ANTERIOR

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: Tomos — Alica — Beata — Li — Om — Afofo — Dê — In — Orada — Soros.

VERTICAIS: Tablados — Oleifero — Mia — Octófido — Saamonas — Ar.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: Amada — Cã — Ar — Alagariam — Brida — Amai — Asas — Ca — La — Arietinos — Al — Au — Salsa.

VERTICAIS: Acaba — Magricela — Dardarias — Árias — Ataca — Ai! — Musas — Mar — Alô! — Ias — Nua.

★

Colaboração e correspondência para: REVISTA DA SEMANA — PALAVRAS CRUZADAS

profundamente e reage de maneira sóbria ao desenrolar da vida. Na Ilha encontra o problema do amor puro e o da matéria. Quando visitou Tiú pela primeira vez, a sua perturbação foi notória. Porém, à proporção que a vida exterior melhorava, passou a encarar Tiú apenas como uma passageira fuga em tôrno das intempéries. E o seu retôrno ao afeto de Lúcia se fêz espontâneamente, ao sabor dos próprios acontecimentos.

Lúcia é interpretada por Dulce Bressane. Figura uma jovem do interior, simples e bela. Trata-se de um encanto muito comum no Brasil e difícil de ser figurado por uma jovem da cidade. Certamente, não devo entrar no mérito dos intérpretes do filme — o público e a crítica é que devem fazê-lo, mesmo porque apreciei igualmente a todos os principais... — e sim apenas citar a linha de conduta geral traçada aos mesmos.

Manuel vive um pescador típico do litoral fluminense. Um tanto acanhado em suas palavras, porém altivo e desprendido em suas atitudes, Dorival Caymmi tinha tôdas as características adequadas ao papel. Ainda mais porque vive um poeta do mar. Um pescador simplório que afoga as suas mágoas no violão — canta três belas canções — e sabe ser valente quando necessário.

O Padre Francisco foi composto por Nelson Vaz e o seu papel revive um religioso do nosso país. Geralmente, quando não há um prefeito, é o Padre uma pessoa que decide os casos humanos que afetam a coletividade. A. Fregolente desempenha um faroleiro que tem a filosofia própria dos homens do mar, que vivem isolados. E, assim, estão definidos um pouco dos seis principais intérpretes dos caracteres centrais de "Estrêla da manhã".

ALI NA RUA FREI CANECA

(*Cont. da pág.* 16)

so ângulo. Cada qual recebeu na infância um tipo de educação que, podendo ser, aqui e além, idêntica a outras, nunca igual, repercute no espírito de cada um de modo diverso. E se êle se modificou, através as aparas que a personalidade sofreu e juntou-se a um grupo com êle se identificando, não perde, nem por isso, os vestígios de sua conformação psicológica — que, nem mesmo entre irmãos é igual.

Em segundo lugar, quando se é criança, e nos educam, não creio que o façam (a não ser em casos especiais), marcando a personalidade para a vida jornalística. E, se assim o fizerem, com essa premeditação, um pai não estará inclinado a criar num filho o germe da desonestidade para o exercício dessa profissão. O homem é, em geral, vaidoso. E vê no filho uma continuidade do seu ser. Vós cavalheiros, que tendes filho pequeno, não lhe direis, jamais, quero crer, se algum dia o desejardes nessa sublime atividade intelectual:

— Meu filho, aprenda a mentir para ser jornalista...

Há, ainda (o que pode ser tomado à guisa de explicação), que honestidade e sua ação oposta são características de tôda atividade humana. Há jornalistas desonestos, como os há médicos, como há advogados, engenheiros, militares, marceneiros, pintores e bancários. Só que a falta de probidade e caráter nestes últimos, como nos primeiros, sempre vem ao domínio público.

Se o fiel de um banco — ou qualquer outra palavra que determine, mais claramente, na terminologia bancária, a atividade daquele que manuseia o dinheiro — comete um desfalque, os jornais abrem a primeira página para nela morar por algum tempo seu nome; o caso percorre a opinião popular, velozmente; a desconfiança paira reflexivamente por todos que estão no exercício dessa atividade.

Se um jornalista mente, burlando os postulados da sagrada verdade, se troca uma data, ou a impressão permuta uma letra de um nome, causando, assim, uma perigosa confusão involuntária, taxam-no de inconsciente, falso jornalista frustrado. Quando não vão mais além.

No entanto, se um médico "cozinha" um paciente durante anos, com pequena e insuficientes drogas, fazendo de sua profissão um comércio e não sacerdócio, ninguém, que seja nisso um leigo, toma conhecimento. De um advogado que arrasta um processo, por anos e anos, solapando a bôlsa do cliente, muita vez encerrando um modesto pecúlio, em que não avultam notas de grandes cifras — dêsse, meu rico senhor, pouco ou quase nada se sabe.

O que sucede, porém, é que a verdade doi muito, quando assim dita — através o papel impresso — a quem, com ela, não está habituado.

Infelizmente, êste período deve aqui vir apertado, premido pelas revelações que mais se prendem ao assunto jornalístico em foco e, em consequência, de maior interêsse para o leitor.

Há jornalistas desonestos — somos convosco acordes — como os há: médicos, advogados, engenheiros e marceneiros. Sêde agora conosco...

★

Interpostos por uma grade, dentro de uma muito maior e simbólica, conversavam dois presos. A pena de um se alongava pela lentidão dos anos; a do outro já se aproximava do fim. Frutos de um momento que decidiu tôda a vida.

Num espaço de céu, marcado pela altura de quatro muros, cruza um avião. O pássaro mecânico, imagem que simboliza os pássaros — donos dos ares, figuras que sugestionam a liberdade — fêz voltar para si os dois pares de olhos e forçou devaneios.

— Um avião... Para onde irá êle, agora? — disse o que se colocava do lado do pátio, e que tinha o céu e a pena mais longa sôbre si.

— Daqui a mais uns anos eu posso estar voando num bichinho daqueles. Livre. Completamente... — retrucou o segundo, sem ouví-lo.

A FORTALEZA

(Cont. da pág. 52)

os nervos partidos. Gritou pela empregada, que atendeu ao chamado. Era Teodoro quem estava no telefone.

— Se gostei?... Não, não chegou até agora... Acho que não vai demorar... — mentiu ela, banhada de alegria, respondendo ao marido, que lhe perguntara pelo colar que êle lhe mandara. E como ela afirmasse que não o recebera, Teodoro ia reclamar ao joalheiro.

— Não, não precisa, meu bem. Estão batendo, acho que é o mensageiro — mentiu ela mais uma vez, despedindo-se e largando o fone. E apressou-se a abrir o pacote.

Um estôjo e dentro um colar. Um lindo colar.

O senhor Barbosa aludira à distinção que emprestam às senhoras os colares de pérolas, e o industralista urgira na compra de um.

— Que bondoso era êle! — pensou ela. E tornau a meditar. O pesadelo, Teodoro, o senhor Barbosa, o colar, o terror que a dominava, tudo ela passou em revista.

Chamou a criada.

— Cipriana, eu vou sair. Quando meu marido chegar diga a êle que me desculpe por não esperá-lo, que jante num restaurante... Diga que fui ao Povo Novo... Não... Sim... Diga que fui visitar minha sogra.

A criada respondeu afirmativamente.

A noite, contente com o negócio feito, Teodoro entrou em casa, acompanhado do representante de São Paulo. Não vendo a mulher, nem mesa posta, foi à caseira e perguntou o que havia.

— Dona Henriqueta foi ao Povo Novo ver a mamãe e disse para o patrão comer fora.

— Hein!? Povo Novo?! Minha mãe não mora no Povo Novo! E a dela já é morta! Acho que dêste mal o recado.

— Ela disse assim... — respondeu a serviçal.

— São coisas da vida. Tanto recomendei a ela um bom jantar para hoje e é o que o amigo está vendo. Não repare. Temos aqui um bom restaurante. Eu lhe levo lá — disse o salgador, embaraçado.

— Que reparar, nada... — fêz delicado o visitante.

— Justamente hoje é que ela me faz isso! O senhor é que deu a idéia...

— Como? — atalhou Barbosa, enleado.

— Lembra-se da sugestão de colares de pérolas para senhoras distintas?...

— Ah! Sim, sim... — confirmou o paulista, aliviado.

— Dei-lhe hoje um... E me paga assim! Caprichos de mulher. Mas eu sei compreendê-la. Pensamos de modos diferentes e, além do mais, ela é mais moça do que eu... Afinal, não tenho razão para

(Cont. na pág. 53)

atração!



Use Cilion que escurece e recurva os cílios, embelezando-os

Cilion

evita caspas e terçóis

PREFIRA O TUBO GRANDE QUE RENDE MAIS

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....
NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 35,00

DESODORIZE O SUOR

ANADORAN

tem um total efeito desodorante sôbre o suor e não impede a transpiração. Não mancha os tecidos, por mais delicados que sejam. Ideal para axilas e pés.



ANADORAN

SEREIA o desodorante perfeito

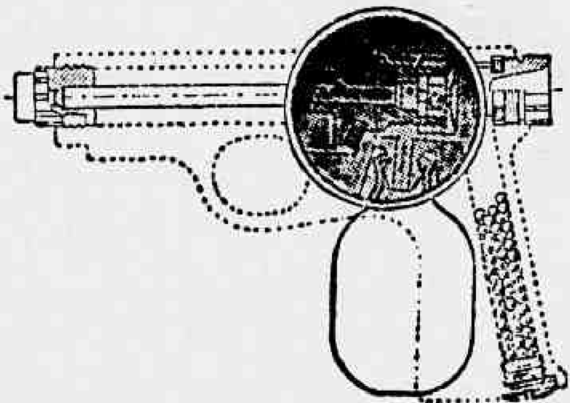
Pedidos à Perfumaria Sereia Ltda República Perú, 326 - Rio

Atendemos pelo Reembolso Postal.

Pistola "PNEUMATIR"

PATENTEADA EM TODOS OS PAÍSES

A pistola metralhadora atira 500 balins sem necessidade de carregar. Ar comprimido por novo processo



Corte da pistola

Permite o tiro ao alvo no interior de sua residência. Alcance regulável para 10, 20 e 30 metros. A pistola mais perfeita que se construiu no gênero. Não tem peças móveis, nem molas. Garantida contra qualquer defeito. Fabricada em várias côres

★

FABRICADA POR

ALFREDO ELLIS & CIA. LTDA.

RUA URUGUAIANA, 104

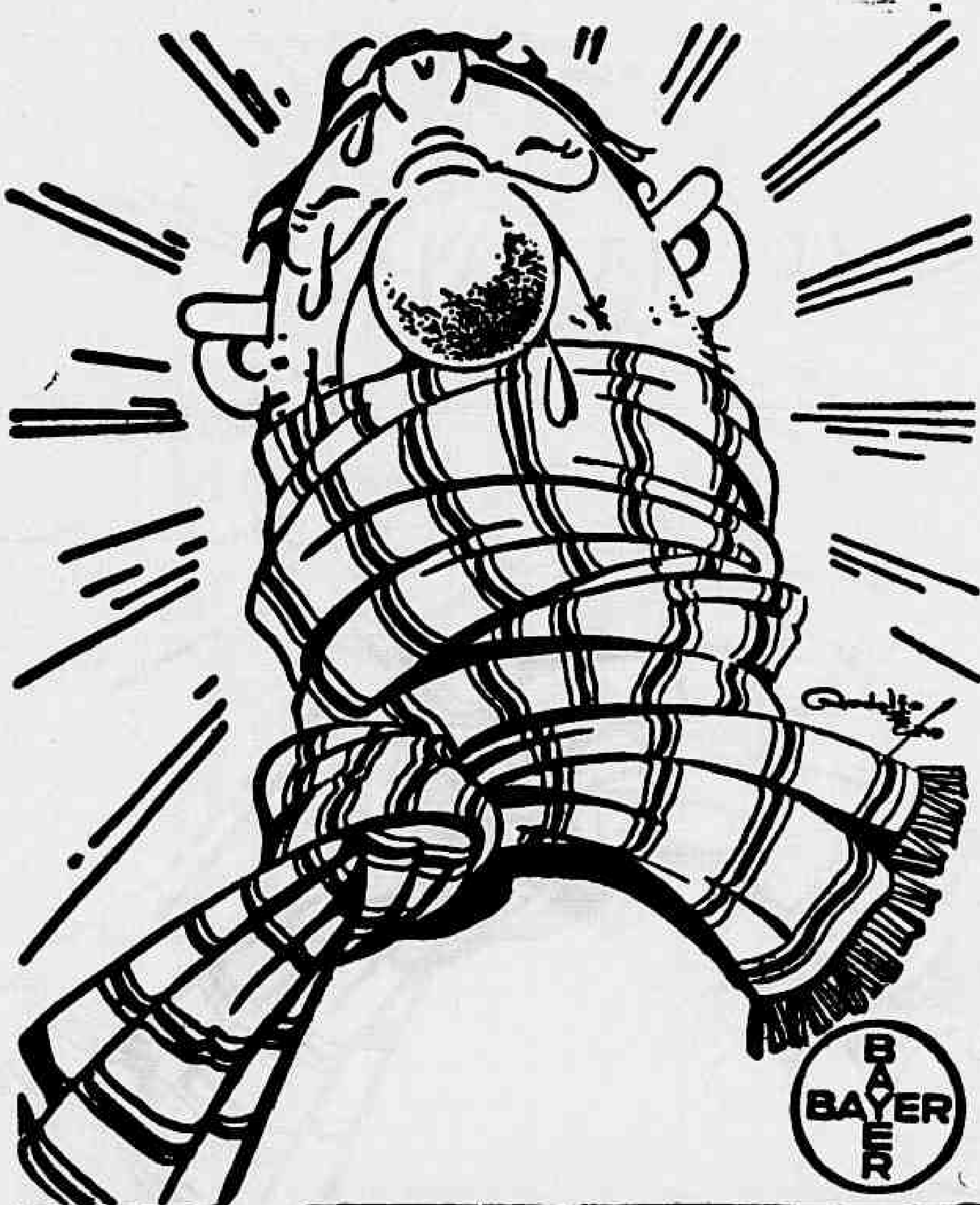
Tel. 43-0766 — RIO

Estojo contendo uma pistola, um desentupidor, uma alça de mira, 2.000 balins com 2 membranas sobressalentes

Cr$ 250,00 pelo REEMBÔLSO POSTAL

Caixa de munição com 2.000 balins, c/2 membranas sobressalentes

Cr$ 15,00



DILEMA

(Cont. do número anterior)

— Não? Então?...

— Não! — reafirmou o rapaz. Positivamente não!

Levantou-se, deu umas passadas pelo quarto, e replicou com uma torrente de palavras ao «então»? interrogativo do amigo.

— Então é que tudo isso é uma indignidade, uma sujeira, uma situação de causar nôjo! E o pior de tudo é que eu vi e senti a passividade de Elza, a sua completa indecisão para não dizer indiferença, como se participasse de fato dessa idéia! E' a primeira vez que eu tenho que falar assim dela e isto me atordôa! Por que chegou a êste ponto? Tão carinhosa que era, tão delicada, tão compreensiva, tão compenetrada da nossa situação e das nossas esperanças, e de repente... não! Não é possível! Lembra-se daquelas cartas que lhe mostrei? Diga-me uma coisa, seu Artur: então aquilo tudo era fingimento? tudo falsidade? tudo mentira?... São provas de ontem mesmo, seu Artur! De ontem mesmo, e hoje é esta decepção!

O aspecto do rapaz penalizou Artur, que o deixou, porém, desabafar à vontade. Êle continuou falando e imprecando contra o céu e a terra até fatigar-se. Então recostou-se na cama e apoiou a cabeça sôbre o cotovêlo fincado no colchão.

— Aliás, — acrescentou, quase murmurando —, nada disso é novidade p'ra você, eu sei. Lembro-me bem de que da última vez você já desconfiava disso.

— Era mero palpite, Gustavo, — respondeu Artur com brandura. Eu me lembro, sim, das cartas de Elza que você me mostrou. Decerto que elas refletiam um estado de alma numa determinada época ou situação. Procediam de um gesto espontâneo, eram uma evasão de sentimento, uma síntese de felicidade. Mas... naturalmente não resistiram à ação do tempo e de certas circunstâncias imponderáveis. Tais circunstâncias teriam dado outra feição a êsse sentimento, promoveram uma insensível metamorfose da admiração de Elza por você, e... se não lhe sugeriram novos impulsos amorosos, novas ambições, novos ideais...

Gustavo conservou-se em silêncio. Artur prosseguiu:

— Hoje... não importa que a própria Elza se surpreenda com a fragilidade dêsse seu sentimento. Mas êle foi sincero enquanto durou, eu acredito. Perdoemo-lhe, meu caro. Ela o merece, ao menos pelo muito que significou para você até então. Porque o nosso mal, rapaz, é endeusar fàcilmente as coisas e os sêres que nos seduzem, esquecendo-nos de que um dia teremos que ser justos com as fraquezas dessas divindades...

Fêz uma nova pausa e o silêncio prolongou-se no quarto. Gustavo denunciava um extremo abatimento moral; de olhar parado e fixo ao acaso, ouvia o amigo sem se mover do lugar. Remoía em pensamento o seu problema ao som da voz franca e admoestadora do bom companheiro que conhecera em horas felizes, e que tão superiormente se revelava nos momentos difíceis. Foi sùbitamente sacudido por êle em novo tom de voz.

— Vamos tomar um refresco lá fora, que tal? Isto aqui está insuportável de quente.

— Boa idéia, — concordou Gustavo pondo-se imediatamente de pé. Afinal eu só vim atrapalhar o seu trabalho.

— Bobagem! Eu já o estava xingando por demorar tanto a aparecer...

— Tem escrito muito?

— Não, quase nada. Não há tempo.

— Viu? E eu ainda vim tomar o pouco que você tem. Enfim... talvez eu o compense servindo de material para um dos seus contos.

— Quem sabe? Porte-se direitinho até o fim que eu lhe prometo um bom retrato.

Gustavo soltou uma risadinha, a primeira depois de muitas horas, — ou dias? semanas? meses? — mas fêz o trajeto para o coração da Cinelândia sem articular palavra. Sentaram-se e pediram as bebidas.

— Então, que me diz, Artur? — recomeçou o rapaz. Coloque-se no meu lugar...

— Ah, não... eu não estou amando...

— Melhor. Assim você poderá falar de cabeça fria.

— E o que tenho feito com você senão isto? Olhe, Gustavo: já lhe enchi demais a cabeça, e azucrinei-lhe os ouvidos com o que de melhor e de mais honesto eu poderia dizer-lhe. O seu caso chegou finalmente a um ponto que só você poderá deslindá-lo. Portanto, pegue-se agora com o travesseiro, que como diz o ditado, é bom conselheiro.

Gustavo respirou fundo.

— Mas vamos ao fim, — decidiu Artur. Parece que apesar de tudo você continuaria o namôro com Elza.

— Gosto dela, apesar de tudo.

— Mesmo sabendo que ela...

O rapaz assentiu com um gesto de cabeça.

— Poderá ser passageiro isso, — concluiu.

— Bem, mas você não concorda com a condição imposta pela família dela.

— Não.

— Mediante o que não haverá casamento.

— E' o que êles pensam! E' o que êles querem!

Artur não pôde conter o riso, e tão espontâneo foi êsse seu gesto de bom-humor que Gustavo acabou rindo também.

— Continuemos, então: você não quer desistir da mineração.

— Não, — respondeu peremptòriamente Gustavo.

— Logo não há conciliação possível.

— E' o meu dilema.

Artur concordou com um aceno de cabeça, enquanto sorvia um gole do refresco. Depois de reafirmar que era assunto para ser resolvido entre o amigo e o travesseiro, mudou o rumo da conversa e ali demorou-se com êle até tarde. No dia seguinte Gustavo não apareceu. Nem no resto da semana. Propositalmente Artur não o procurou, pois confiava em que ainda conhecia um pouco o caráter e a natureza do seu jovem amigo, e resignou-se a esperar pelo resultado da dura luta que sabia estar êle travando em seu íntimo. Todavia conjeturava sôbre como se sairia êle dessa armadilha que lhe criaram os seus vinte e poucos anos de poeta apaixonado. E acautelava-se para não exigir-lhe muito.

Qual não foi, porém, o seu espanto ao ver defronte à porta do seu quarto a figura de Gustavo! Que diferença! Ali estava um Gustavo de fisionomia repousada, de olhar risonho, bem vestido e falando no tom natural dos bons tempos...

— Gustavo! — precipitou-se Artur para êle. Você se casou?...

— Claro que não!

— Fêz as pazes...

— Também não.

Artur imprensou-lhe os ombros com as duas mãos.

— Então?...

— Vim me despedir. Estou de volta p'ro interior.

Artur completou o gesto estreitando o amigo num caloroso abraço.

A VIDA DE TEODORA

(Cont. do número anterior)

IV

Teodora não tinha contemplações com ninguém, salvo com uma classe: a classe "profissional" de que saíra. Ela compreendia êsses malfadados destroços humanos, conhecia-lhes as penúrias, e deles se compadecia pelo desamparo em que viviam. Essas pobres marafonas eram compelidas a vender seus corpos tão freqüentemente na mocidade, que atingiam a idade adulta esfrangalhadas e eram atiradas à sarjeta como trapos. Em vista disso, a imperatriz cortesã transformou um de seus palácios em asilo para as suas irmãs menos afortunadas. Quinhentas de suas colegas de profissão acharam refúgios nesse *Reformatório à beira-mar;* o espetáculo dessa sua assistência arrancou muita lágrimas dos sentimentalistas, embora fizesse rir eventualmente os cínicos. Porque algumas dessas mulheres ficaram tão aborrecidas com sua virtude forçada, que se atiraram impensadamente ao mar. Elas não queriam que ninguém, nem mesmo uma imperatriz, lhes interferisse no "legítimo" comércio.

Teodora era intrometida. Insistia em meter o bedelho não só nos assuntos internos como nos estrangeiros. Inspecionava as fábricas de seda, as tinturarias e os estaleiros, e realizava importantes modificações na direção dos negócios dêsses estabelecimentos. Também tomou a seu cargo arranjar casamento — muitas vêzes contrariando os jovens nêles implicados — com o fito de garantir a estabilidade de seu trono. Ajudou o marido na compilação do Código Justiniano. Estabeleceu leis que restringiam a liberdade dos homens e favoreciam os interêsses das mulheres. (Teodora foi a primeira feminista militante da história). Destronou um papa e colocou outro no lugar dele. Porfiava em presidir, em companhia de Justiniano, às petições e julgamentos do seu povo. Na realidade, sua ascendência sôbre Justiniano tornara-se assunto de uma canção popular que era cantada nas tabernas:

Justiniano era forte e não lasso,
Justiniano era feito de aço.
E agora Justiniano, o bravo,
Está aí de uma mulher escravo.

Contudo, os próprios inimigos dela confessavam que Justiniano era escravo de uma mulher brilhante. Não obstante sua baixa origem, ela desempenhava o papel de rainha com refinada perícia. Uma esplêndida heroína no drama de uma época bárbara.

Teodora era todo-poderosa. E assim mesmo infeliz. Porque Justiniano era incapaz de lhe dar um filho. Um herdeiro para o trono do Império do Oriente. Na verdade, havia um herdeiro "natural", o filho ilegítimo que ela tivera de Hekebolus. Mas êsse menino, agora um homem feito, representava uma fase da vida que ela fazia de tudo por esquecer. Êle teve a imperdoável audácia de a visitar certa ocasião. Foi a derradeira visita que lhe fêz. De fato, foi a última vez que se ouviu falar dele. Teodora sabia como tratar suas visitas indesejáveis, mesmo que sucedesse serem carne da sua carne e sangue do seu sangue.

Dêsse modo continuou sua carreira de desditoso esplendor: uma mulher desprezada por sua crueldade, ainda que admirada pelos fulgores da sua capacidade política. O povo desprezava e admirava; e morria de miséria. Impostos crescentes, guerras prolongadas, custo da vida excessivo, desemprêgo generalizado, doença, desânimo, morte. A ração diária de trigo fôra reduzida de dois terços. O povo faminto amontoava-se em tôrno do palácio, curioso por saber que novo desatino estaria por sobrevir. Pouco a pouco sua espectativa degenerou em murmúrio e afinal em indignada vozearia. Uma manhã os oficiais do palácio espantaram-se ao verificar que durante a noite as duas estátuas reais tinham sido emplastadas com lôdo. Finalmente, a conspuração passou das estátuas para as próprias personagens reais.

Foi no hipódromo que a revolta assumiu contornos definitivos. Domingo, onze de janeiro. Os espectadores fronteiros ao *kathisma*, camarote real, estavam cantando o hino nacional para o imperador. Teodora não se achava presente nêsse momento; ficara para trás rezando na igreja de Santo Estêvão. Talvez fôsse uma sorte ela não se encontrar no hipódromo. Porque sùbitamente a multidão desabafou. Silvaram assobios, a assuada se espalhou à sôlta, e milhares de vozes começaram a bradar:

— Abaixo o rei esbanjador!

— Abaixo a rainha sanguinária!

— Rua com a prostituta! Que volte ao lugar a que pertence!

Justiniano, com as faces cor de cêra, escapuliu do hipódromo às escondidas e ganhou o palácio através de uma passagem subterrânea. Deu ordens imediatas para a execução dos cabeças da celeuma. Foi um grave êrro. Sete homens foram decapitados, e setecentos ocuparam-lhes o lugar. A rebelião se espalhou na cidade de ponta a ponta. As lojas fecharam, o mercado ficou deserto, todos os negócios paralisaram. Uma turba enfurecida, armada de facas, pedras e picões, marchou sôbre o palácio.

— Fogo nêsse lupanar de luxo!... Morte aos tiranos!... Viva!

Os amotinados assaltaram a adega, arrombaram os barris de vinho, e chafurdaram num rio vermelho de furor.

— Onde estão aquêles assassinos? Levem-nos até êles!

Num quarto secreto do palácio encolhia-se Justiniano, sacudido por um tremor indigno de um rei. Noutro quarto jazia Teodora, bastante doente; havia meses que vinha sofrendo de um câncer incurável. Caíra num sono irregular. Um lindo sonho. Nenhuma aflição, nenhuma rebelião, nenhuma oposição à sua vontade imperial. Nada, a não ser o exército de soldados que marchavam, soltando seus gritos guerreiros de triunfo...

O alarido acordou-a. Ficou arfante enquanto tentava suster a respiração. Aquêle espinho cruciante na carne! E aquêle sinistro ruído! Êles estavam batendo às portas da mansão imperial.

Então, *êsse* seria o fim de seu triunfo? Não, se ela pudesse fazer alguma coisa! Erguendo-se penosamente sôbre os cotovelos, soou a campainha chamando sua aia.

— Veste-me com meu traje de cerimônia: a túnica de púrpura tíria e o manto de ouro.

Foi vestida e colocada de pé. Mordeu os lábios para reprimir a dor que lhe torturava as carnes.

— Afasta as cortinas.

— Mais isso seria a morte certa, Majestade.

— Disse-te que afastasses as cortinas!

— Sim, Majestade.

O céu era uma chama rubra. A populaça ateara fogo à cidade durante a noite. As labaredas, como feras esfaimadas, lambiam com mil línguas as casas carbonizadas. Teodora dirigiu-se mais uma vez à sua aia:

— Abre a janela.

Quando a janela foi aberta, uma pedra penetrou no quarto e por pouco não acertou na cabeça de Teodora. Mas ela não fêz caso disso. Apoiada no braço de sua aia, apareceu na sacada.

Involuntàriamente os cabeças dos insurretos recuaram. Não esperavam tal coragem de parte dela.

— Está se vendo que ela tem muita fibra.

— Se tem! e dizem que está mal.

— Está mal, sim! E' só olhar a cara pálida dela.

— Coitada! E era dos nossos.

— Ela ainda é dos nossos, mesmo sendo rainha.

Teodora levantou o braço pedindo silêncio.

— Digam-me o que querem.

— Pão, basilissa; mais nada!

— Terão pão — disse ela — e outra coisa além disso. Um espetáculo especial no circo. O mais excitante que Constantinopla jámais viu.

Sua promessa passou de boca em boca.

— Salve, basilissa! Viva a rainha Teodora!

Dezoito de janeiro. O fogo na cidade ainda não estava extinto. O povo, porém, esquecido de seus lares, afluíra ao hipódromo. Cem mil espectadores, para assistir ao espetáculo gratuito. Os imperiais consortes — Teodora a muito custo conseguira deixar o leito — foram introduzidos no kathisma. O imperador estava vestido de preto, e a imperatriz de cetim branco. Os espectadores se ergueram e os saudaram, bradando:

— Deus proteja Justiniano! Deus proteja Teodora!

Começou então o espetáculo, uma festança de corridas, ginásticas e danças, que prosseguiu desde manhã cedo até o cair da tarde. Os espectadores tinham trazido consigo suas merendas. Gostavam de comidas fortemente temperadas: morcilias, azeitonas em salmoura, salsichas com alho, ervilhas e lentilhas cozidas, queijo de leite de cabra com mostarda, vinho ácido. Todos êsses comestíveis tinham sido fornecidos a expensas de Teodora em pessoa. Um dia de festa em Constantinopla.

Antes de terminado o dia, os consortes reais ausentaram-se da arena. Agiam sempre de maneira a não estar presente no momento culminante.

Depois da corrida de carros final, uma surprêsa. Um número não anunciado no programa. Belisário, o general imperial, marcha para a arena com seu batalhão germano de soldados armados. Os espectadores saúdam-nos com estrondosas aclamações. Sem dúvida que é u'a manobra de batalha executada como homenagem especial aos assistentes. Deve ter sido idéia de Teodora. Admirável batalha!

A manobra, porém, não é fictícia, e sim real.

— Preparar! Apontar! Atirar!

Uma rajada de flechas cruza o ar e vai direito às fileiras humanas que superlotam a arena. *Era idéia de Teodora.*

Um grito de consternação — "Fomos traídos!" — e uma correria em pânico para as saídas dos fundos. Aí, entretanto, saiu-lhes ao encontro outro batalhão de homens armados. Uma falange de bárbaros formados em quatro fileiras estavam decididos a abrir sulcos de sangue na multidão.

— Estamos prontos, general Belisário!

Não era possível ao povo encurralado escapar. Tinir de ferros, cordas de arco retesadas e distendidas, ais de moribundos, um estridor de morte. A chacina prolongou-se até o pôr do sol. O imenso disco rubro refletiu-se numa imensa poça vermelha de sangue. Trinta mil homens jaziam mortos na arena.

Teodora, com os lábios crispados pela dor, esboçou um amargo sorriso de triunfo. Subjugara os rebeldes.

V

Mas havia um rebelde contra o qual nem Belisário nem suas cortes germanas podiam proteger Teodora. Seu destino. Num esfôrço para se desvencilhar dêsse adversário, recorreu às termas de Brusa, para onde foi. Uma guarda protetora de quatro mil homens acompanhou-a, escudando-a. Teodora experimentou a medicina das orações e o remédio da caridade. Sem resultado, porém. Aquêle constante, terrível e sinistro punhal no flanco, como um perito espadachim divertindo-se com sua vítima, dilatava supliciantemente seu golpe de graça. Um único desejo possuía agora a rainha: que lhe fôsse possível antes que seu corpo ficasse deformado.

O desejo de Teodora foi satisfeito. Quando seu rosto foi relaxado pela morte, não estava ainda enrugado pela idade. Ela fêz um pedido simples:

— Banhem meu corpo num ungüento de rosas; borrifem-no com perfume frígio.

Até o fim com melindres de voluptuosidade, quis comparecer louçã e fragrante ao encontro marcado com a morte.

DATAS IMPORTANTES NA VIDA DE TEODORA

508 — Nasceu em Constantinopla.
520 — Iniciou sua carreira teatral.
525 — Casou-se com o príncipe Justiniano.
527 — Tornou-se co-dirigente, com Justiniano, do Império Romano.
529 — Ajudou seu marido a organizar o famoso Código Justiniano de revisão das leis.
532 — Por sua corajosa recusa de fugir, debelou a insurreição de Nika.
548 — Faleceu.

AOS QUE COMEÇAM A PERDER CABELOS E AOS CALVOS

(TÔNICO CAPILAR VEGETAL SEM OLEO)

AMARALINA, a descoberta verificada na Bahia e alí mesmo industrializada, o primeiro que cura realmente a calvicie precoce (como atestam inúmeras pessoas entre as quais citamos as seguintes, residentes na cidade de Salvador, Bahia: Everton Visco, diretor-artístico da Rádio Sociedade Bahia, rua Carlos Gomes, 9; José Carias, industrial, rua Alvaro Adorno, 79; Naton Rales, comerciante, rua Saldanha da Gama, 22; João Peixoto, comerciário, rua Lucaia, 22; Manoel Pato, comerciante, Rua João Gomes, 49; Copernico Magalhães, comerciante, rua Amparo Totoró, 1; Sra. Bernadete Chaves, rua Jardim Cruzeiro, 62; Dilton de Carvalho, funcionário público, rua Amancio Souza, 28; Dorival Silva, comerciante, ladeira S. Francisco, 27; Manoel Soares, comerciário, rua Santos Dumont, 19) paralisa a queda dos cabelos e faz desaparecer a caspa e a seborréia, já pode ser adquirida nas Farmácias, Drogarias e Perfumarias e com absoluta certeza nos locais a seguir: NO RIO: — Perfumarias CARNEIRO, rua 7 de Setembro 92, Ouvidor 138 e 116, Pça. Floriano 31, Rua Ronaldo de Carvalho 54, Gonçalves Dias 39, Conde de Bomfim 322, Pça. Gal. Osório 76. LOPES, Pça. Tiradentes 34, Uruguaiana, 44. DROGARIAS: — PACHECO, B. Aires 168; CASTELO, Av. Nilo Peçanha 155; ANDRADAS, rua Andradas 21; TINOCO, Andradas 11; SUL-AMERICANA, largo S. Francisco 42; P. DE ARAÚJO, Av. Passos 40; LAPA, largo da Lapa 32; V. SILVA, Assembléia 66; GRANADO, 1.° de Março 14; RAUL CUNHA, alfandega 111; SUBURBANA, estr. Mal. Rangel 89; MENDES, Av. Copacabana 592. FARMACIAS. — RIO BRANCO 112; SILVA ARAÚJO, largo Carioca 10 e 1.° de Março 11; JACY, Catete 352; S. JOAQUIM, Mal. Floriano 173; FIGUEIREDO, Carioca 33; GRANADO, Vde. Rio Branco 31 e Cde. Bomfim 300; PIAUI, Barata Ribeiro 646; ZAGURI, Arnaldo Quintela 40; MUNDIAL, S. José 118; GUANABARA, Licinio Cardoso, 261, MOURISCO, Passagem 146; FENIX, Mem de Sá, 11; STA. LUCIA, Humaitá, 63; TAUÁ, Domingos Mondim, 9, na Ilha do Governador, STA. MARTA, Mal. Cantuária, 8; STA. TEREZINHA, Catete, 230; ALCIDES, Sacadura Cabral, 355; ISIS, Laranjeiras, 213; PEDERNEIRA, Dias da Cruz, 264; PEDRO II, estação Pedro II; 3 DE MAIO, Moncorvo Filho, 46; MAFRA, Julio do Carmo, 9; FERREIRA, Gal. Caldwell, 310; BOTAFOGO, Marquês de Abrantes, 214; LAND, Cachambi, 357; DIVINA, Barão Bom Retiro, 459; ARISTIDES CAIRE, Dias da Cruz, 1; N. S. PENHA, Gerémario Dantas, 12; SAENZ PENA, Pça. Saenz Pena, 23; HELIO, Av. Democraticos, 116; RODRIGUES, Vde. Pirajá, 309; BENFICA, S. Luiz Gonzaga, 2.265; STA. TEREZINHA, Mariz e Barros, 455; N. S. PAZ, Vde. Pirajá, 406; MOREIRA, Vde. Pirajá, 338; N. S. AMPARO Av. 29 de Outubro, 10.256; LEBLON, Av. Ataulfo Paiva, 1.131; JURUPARI, vde. Pirajá, 623; REX, Haddock Lobo, 153; UNICA, Haddock Lobo, 350 ESPERANÇA, Vde. Pirajá, 616; POLIBIO, Siqueira Campos, 83; CRUZ, Laranjeiras, 34 e ENG. DE DENTRO, Amaro Cavalcante, 2.103. CASAS: — EUTERPE, Av. Rio Branco, 88, O CRUZEIRO, Assembléia, 54 e N. S. Copacabana, 557; o CAMIZEIRO, Assembléia, 28; O GUARANI, Gonçalves Dias, 89; CIRIO, Ouvidor, 181; ERITIS, Uruguaiana, 78; ALIANÇA, Pça. Olavo Bilac, 24; RAMOS, Passagem, 135; VULCÃO, Catete, 207; BARBOZA, pça. Duque de Caxias, 3; NESSIMIAN, Humaitá, 111; RAFAEL, pça. Botafogo, 2; FORTALEZA, Mal. Floriano, 148; HERMANNY, Gonçalves Dias 50, Av. N. S. Copacabana 602 e Senador Dantas 14. LOJAS — BROADWAY, Ouvidor, 134 e SOUVENIR, Mal. Bitencourt, 7. — Em JUIZ DE FORA: DENTAL MINEIRA, Halfeld, 698; SALÃO BARBOSA, Mal. Deodoro, 568; DROGAFAR, Halfeld, 675 e CASA SILVA, Halfeld, 503. — Em PETRÓPOLIS: CASA HERMANNY, Av. 15 de Novembro, 766. — Em NITERÓI: — PERFUMARIA CARNEIRO, rua José Clemente, 34; CASA MARCELINO, Oliveira Botelho, 260 e DROGARIA DO POVO, Mal. Deodoro, 77. — Em CAMPOS: — CASA CRESPO, Barão de Cotegipe, 90. — Em MACAÉ: — FARMACIA DO FORTE, MAL. HERMES, CAETANO & CIA. — Em BARRA MANSA: FARMACIA AVENIDA. — Em LEOPOLDINA: OLDEMAR MONTENARI, rua Barão de Cotegipe, 15. — Em TABOLEIRO DO POMBA: — WADIH GARIOS. — Em PORTO ALEGRE: — Rubenich Werlang. Pça. Ruy Barbosa, 150.

AMARALINA pode ser adquirida também pelo reembolso postal a Cr$ 45,00 livre de porte, diretamente dos distribuidores: M. M. BURLE & CIA. LTDA., Av. Rio Branco, 137 - 6°. andar - sala 616. Rio de Janeiro D. R. fones 32-9309 e 32-9415

A SAÚDE DO BEBÊ

Prática do desmame

DR. SABOIA RIBEIRO

A mudança da alimentação, em certos períodos do alactamento, é problema por vêzes árduo quando se trata de criança neuropática, desafiando as mais engenhosas maneiras no sentido de fazer-lhe aceitar o *novo* alimento.

Como se sabe, quer criada ao seio, quer à mamadeira, o leite haverá que ser substituído por outros alimentos, em determinadas épocas, geralmente para o sexto mês.

As "sopinhas" devem ser, por essa época, ensaiadas, atendendo a que, já então, outras substâncias alimentares, como os legumes, são de todo em todo indispensáveis no regime do bebê.

E' sabido que o leite é um alimento completo, contendo, como contém, albuminas, hidratos de carbono, gorduras, sais minerais e vitaminas; mas não se segue, disso, que êle convém à criança, só e exclusivo, além de certo limite.

Só nos seis primeiros meses o regime da criança ficará restrito ao leite exclusivo.

Mesmo o leite sendo o materno, *o melhor dos leites*, e abundante e farto, é de rigor, iniciar ao sexto mês, já, o uso dos mingaus, com farinha, leite e açúcar, ou — o que é melhor — o uso das "sopinhas".

A introdução, com as "sopinhas", de legumes e cereais em caldo de carne, visa não sòmente reforçar certos sais minerais de que o leite é pobre (ferro, etc.), como as vitaminas, que com elas devem ser propinadas à criança, seja que lhes juntemos uma vez preparadas, sob a forma de sucos de frutas, ou em natureza, isto é, a própria fruta.

Assim, no sexto mês, torna-se necessário substituir o leite por uma dessas "sopinhas", e nos seguintes, à razão de mais uma por mês decorrido.

Dar-se-á, por exemplo, ao sexto mês:

Carne magra	250 gr
Água	1 litro
Batatas	6

Legumes variados da estação.

Juntar 4 colheres de chá de trigo, semolina, cevada, etc. cozer até engrossar, passar por peneira, e acrescentar meia banana crua, e dar às colheres no horário da segunda refeição do dia, ou seja, pelas 10½.

Ao sétimo mês, em vez de uma, duas sopinhas, a segunda pelas 17½. Acima do sexto mês, como temos ensinado, o horário é de 3½ em 3½ horas. As avitaminoses da criança, com a anemia, a falta do apetite, o desenvolvimento retardado, a propensão às gripes, estabelece-se, às mais das vêzes, no lactente, por uso continuado e abusivo do leite, e esquecimento das medidas dietéticas que asseguram a introdução na sua alimentação dos já citados elementos nutritivos.

Acontece, entretanto, que nada obstante a necessidade de operar-se essa modificação, no uso até então exclusivo do leite, com a introdução das "sopinhas", depara-se pela frente a maior relutância da criança em aceitar o novo alimento.

E' êsse o árduo problema a que nos referimos no comêço dêste artigo.

Trata-se, nos casos realmente difíceis, de crianças, evidentemente nervosas, às quais se fará alguma concessão pelos meios hábeis, porém, sempre insistindo em mudar gradualmente o alimento exclusivamente lácteo.

Assim, a princípio, a "sopinha" poderá ser um tanto diluída e com acréscimo de algum leite e açúcar. Dar-se-á, então, algumas colheres antes do seio ou da mamadeira, até conseguir impor a "sopinha" como o alimento exclusivo de vez.

Também se pode misturar a "sopinha" ao leite, na mamadeira, aumentando progressivamente a quantidade daquela e diminuindo a do leite.

Já se pode prever essas dificuldades na alimentação dessas crianças desde os primeiros tempos através de certos estigmas já revelados logo cedo, nelas. Crianças que *com extrema facilidade se assustam*, e aos *excitantes sonoros* (como a batida de uma porta, ruído de objetos, etc.), ou às impressões visuais (aproximação inesperada de alguém junto ao berço), estremecem e até resvalam para o pranto; de sono leve e agitado; essas crianças já fazem prever essas dificuldades por ocasião das mudanças no regime.

O apetite, nelas, mostra um caráter caprichoso, alternando-se períodos em que se alimentam bem com períodos em que recusam obstinadamente os mais variados alimentos à sua escolha.

E' bem ilustrativo o seguinte trecho em que um dos mestres da pediatria consigna um fato, aliás, do conhecimento costumeiro dos médicos de criança: "Muitas crianças deixam que o alimento seja pôsto à viva fôrça em sua bôca, mas não mastigam nem engolem, de modo que o alimento é encontrado em sua bôca, não mastigado, algumas horas após. Por ocasião da passagem do peito ou da mamadeira para o alimento mais espêsso, em consistência de papa, a alimentação com colher é recusada, muitas vêzes durante semanas ou meses. Se em tais casos os pais se mostram fracos e condescendentes, pode ocorrer que a criança até o segundo ou terceiro ano ou mesmo mais tarde ainda se alimenta exclusivamente na mamadeira."

A êsse respeito ainda escreve outro grande mestre: "A reação da criança é em certos casos mais contra a administração à colherinha, do que pròpriamente contra o sabor do alimento."

E acrescenta: "Não se pode assentar uma regra geral e sistemática de conduta em face da grande relutância do paciente para o novo alimento. Na maioria dos casos é preferível e dará mais seguros resultados não ceder ao capricho da criança e cancelar no dia a refeição rejeitada, de modo a vencê-la pela fome. Outras vêzes será necessário confiar a uma pagem inteligente e prèviamente instruída ou, melhor, a uma enfermeira treinada a alimentação da criança por alguns dias, afastando dêsse cuidado a mãe ou a avó.

Vencida a relutância para o primeiro alimento estranho ao regime a que a criança estava habituada, de ordinário os outros serão mais fàcilmente aceitos."

Entrando o sexto mês o esquema é:

6	horas	— leite (peito ou outro).
9½	"	— sopinha.
13	"	— como às 6 horas
16½	"	— " " " "
20	"	— " " " "

Aos sete meses, outra sopinha às 16½. Ao oitavo, mingau de prato; aos onze meses, refeições de 4 em 4 horas, com comida de sal às 11 (almôço), frutas cruas da estação às 15 horas (lanche) e mais uma sopinha pelas 19 horas (jantar).

O Jôgo

da criança
não é o mesmo
do adulto...



- e também
o **fortificante!**

Para as crianças do Brasil



Não é qualquer fortificante que serve para as crianças. Os delicados organismos infantis exigem um tônico

SÓ O completo em sua fórmula, com ingredientes cientificamente dosados: TÔNICO INFANTIL! As crianças de hoje tornam-se mais fortes, mais inteligentes e alegres com o uso do TÔNICO INFANTIL, um preparado moderno.

TÔNICO INFANTIL



Ag. Potiros

CORREIO DA REVISTA

Jorge Scevola de Semenovitch (Rio) — Aprovado "Surprêsa". Uma boa surprêsa, não?

M. Ramirez (Recife) — Aceitamos contos que serão submetidos a uma seleção e, em seguida, publicados quando conseguem aprovação.

Aluisio Ordones de Castro (Belo Horizonte) — Foi aprovado o seu "Roteiro da Felicidade".

João M. Barcala (Pôrto Alegre) — Ao sair esta nota, talvez já esteja publicado o seu conto "A Fortaleza". Continue.

João Xavier de Macedo (Piratininga, São Paulo) — Queira indicar-nos o número ou data da edição, a fim de procurarmos o exemplar de seu interêsse.

J. de O. N. (Rio) — Os julgadores da REVISTA são benevolentes com os prin-

MÚSICA

LOHENGRIN

ROBERTO LYRA FILHO

A imprensa foi procurada por funcionários do Teatro Municipal, para registro de um protesto contra a desorganização da atual temporada lírica. Não seria necessária essa delegação dos bastidores para que os espectadores e ouvintes descobrissem a confusão reinante, porque ela transparece nas récitas. Não pretendemos atribuir à emprêsa a mínima parcela de responsabilidade em acidentes imprevisíveis como a súbita afonia de Leonard Warren, que, no "Rigoletto", não foi além do início do segundo ato. Há, entretanto, aspectos que cabem, perfeitamente, nas previsões de uma direção segura, deficiências que decorrem da ausência de um elemento experiente e competente que imponha ordem e coordene as atividades do elenco. Em primeiro lugar, a sra. Onelia Fineschi, cuja estréia, no "Fausto", desapontara o público, enganado pela publicidade, apareceu, novamente, no "Lohengrin", confirmando a primeira impressão desfavorável. Aquela senhora, conquanto demonstre conscienciosos esforços no sentido de agradar, revela uma verdadeira inibição vocal: constrangida, apagada, trêmula e indecisa... A distribuição do papel de Margarida (no "Fausto") a ela foi uma imprudência. Tornando a incluí-la em récita de gala, como Elsa (no "Lohengrin"), a emprêsa reincidiu no mesmo êrro e, agora, não tem mais desculpa. Aliás, o "Lohengrin", anunciado como homenagem a Wagner, há de ter feito o pobre compositor dar voltas na sepultura... E, se é possível "assassinar" quem já morreu, então uma série de artistas se reuniu para dar cabo do gênio de Bayreuth. Eis o nome dos "assassinos": Americo Basso (uma voz à procura de um professor de canto), Onelia Fineschi (onde está a voz?), Gianni Poggi (êste bom tenor, se bem que logo demonstrasse sua boa classe e seus atributos vocais, não tem a menor noção do estilo wagneriano e canta o "Lohengrin" com os mesmos "soluços" que usa. no "Ballo in Maschera"), Silvio Vieira (Cantar, Silvio Vieira, é uma coisa; declamar é outra. Se Wagner quisesse fazer de "Lohengrin" um drama falado, não teria preparado a partitura, sabe?). E o côro? Ah, o côro! Desafinado, desajustado, desorientado — e com o maestro (de coros) a berrar instruções lá de dentro... E os figurantes? Não sabiam para onde ir, erravam a direção, movimentavam-se em cena, sem rumo certo. No meio dessa anarquia, uma grande interpretação: a de Ellena Nicolai, como Ortruda. Pondo-se de lado o regente Tullio Serafin, o sempre admirável Tullio Serafim, Ellena Nicolai era a única pessoa, ali, que sabia o que é uma ópera de Wagner e media o seu trabalho pelo diapasão do compositor, a sua grandiosa eloqência, a flama, o vigor dramático. Servida por voz generosa e ampla, utilizada com muito boa escola, Ellena Nicolai constituiu a solitária nota de interêsse de um "Lohengrin" lastimável. O público, paciente, foi desertando, à medida que as cenas se sucediam sem elevar-se o nível do espetáculo. No terceiro ato, a platéia estava reduzida à metade. Foi então que alguém fêz um comentário pitoresco. Vale a pena reproduzi-lo porque êle reflete a resignação irônica do assinante que pagou bom dinheiro para ouvir... "aquilo".

— Quando, no primeiro ato, submetem Elsa a julgamento, Wagner bem poderia ter previsto dois desfechos para o caso: se o espetáculo estivesse correndo bem, ela demonstraria sua inocência, como acontece na ópera; se o espetáculo fôsse "dessa" qualidade, ela seria condenada, Lohengrin morreria no primeiro combate, o Rei sucumbiria, com o susto, Telramondo iria para o inferno e nós para casa!

E, lembrando-se de que tinha de acordar cedo no dia seguinte, levantou-se:

— Quer saber de uma coisa? Eu vou para casa de qualquer maneira! Cumprimentou-nos e partiu. Na sala de espera, havia um quadro com os retratos dos grandes intérpretes de "Lohengrin" em outras temporadas. O nosso amigo, passando por ali, há de ter suspirado, melancòlicamente...

---

cipiantes, mas essa benevolência não significa diminuição dos méritos de quantos se iniciam nas letras. Aquêle seu *juiz* não tem razão. Os julgamentos das revistas e jornais que abrem espaço para os novos, valem muito, e é através dêles que se revelam os grandes escritores do futuro. Seu conto mereceu publicação, e, se o amigo, que tem apenas 18 primaveras, já escreve assim que não conseguirá aos quarenta? Continue a escrever. Procure ler bons autores, aperfeiçoando seus conhecimentos de vernáculo, sua cultura geral. Ninguém chega a ser escritor sem ter lutado muito. Prossiga. Quanto ao "Crime da Árvore", vamos lê-lo e brevemente lhe daremos notícia.

Elza de Paiva Lopes (Amparo, São Paulo) — Não dispomos do material que nos solicita.

L. A. (Rio) — Pode mandar sua novela. Se fôr aprovada, publicaremos com muito prazer. Quanto ao pagamento, será feito na Caixa, mediante identificação. Mas não consideremos isso pròpriamente uma remuneração, e sim, apenas, um estímulo.

Waldemar Santos (São Paulo) — Não foi aproveitado o trabalho que nos mandou porque já temos tradutores para os nossos serviços. Aceitamos contos originais, inéditos e sôbre assuntos brasileiros, os quais são selecionados e publicados, se merecerem.

Waldemar Siqueira (Cuiabá) — Queira aguardar a vez do já aprovado. Por vêzes a demora é causada pelos ilustradores. Quanto a "Caminhos Opostos" foi reprovado a 20 de março pp. e dada a respectiva nota ao redator dêste "Correio".



Publicidade para esta Revista em S. Paulo:

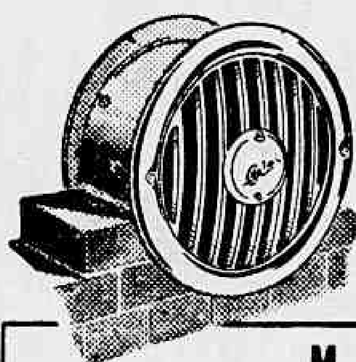
Recebimento de faturas a cargo da "Agência Zambardino"

Rua Capitão Salomão, 67

Telefone: 4-1569

Veja a utilidade de um EXAUSTOR Contact





Mantém a cozinha confortável e auxilia a higiêne. É fácil de instalar mesmo em construções já concluídas – funcionamento silencioso. Consumo de energia igual ao de uma pequena lâmpada. Preço acessível. Instale também na sua cozinha um Exaustor Contact.

M. RODRIGUES TEIXEIRA & CIA.
Rua da Alfândega, 157 - Tel. 43-5549

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

AS MARAVILHAS DA...

(Cont. da pág. 45)

do aparelho nas crianças surdas, o Centro Auditivo criou o Serviço de Assistência à Criança Surda, com fundo essencialmente social e humano. Para tanto, também, contratou os serviços de um professor especializado, que ensina aos pequenos a ouvir por meio de aparelhagem especial amplificadora ou por meio de leitura labial. Assim, mais tarde, essas crianças, completamente aptas ao uso do aparelho otofônico, tornar-se-ão cidadãos capazes de melhor servir ao nosso país.

O Centro Auditivo Telex conta ainda com o apoio integral dos médicos especialistas, que também o utilizam para fornecimento de audiogramas no caso de não disporem de audiômetros próprios. Essa organização, que espraiou suas atividades desde o fornecimento de audiômetros, venda, conserto e adaptação de aparelhos otofônicos até o ensinamento de crianças surdas, recebeu no mês passado a visita do grande cientista americano, Dr. Richard Silverman, que veio ao Rio como convidado especial da Sociedade Otorrinolaringológica. Visitando tôdas as dependências do Centro, o Dr. Silverman admirou-se da grande obra que essa organização vem prestando ao povo brasileiro, e que, não resta dúvida, é a maior no gênero da América do Sul. Ainda, na opinião do grande cientista americano, deveria o Centro Auditivo criar um Internato para Crianças Surdas, baseado em modelos norte-americanos, devendo ser financiado por donativos privados, a fim de ser independente nas suas atividades. Com efeito, se atentarmos para as estatísticas, que acusam existir um surdo-mudo entre cada mil brasileiros, um empreendimento dêsse quilate seria de grande utilidade para o Brasil, pois se não ajudarmos o surdo-mudo quando ainda na sua infância, tornar-se-á mais tarde num pêso-morto para o país.

A FORTALEZA

(Cont. da pág. 52)

A umas tantas bateram na porta. Ela agitou-se. Devia ser êle; era audacioso, insolente. A empregada atendeu. Um mensageiro trazia um pacotinho destinado à "Senhora Henriqueta de Almeida". Ela não tocou nêle. Devia ser alguma jóia para engabelá-la. Era assim que certos homens desencaminhavam mulheres. E a criada deixou o pacote em cima da mesa.

Novamente o telefone tilintou. Henriqueta estava com

(Cont. na pág. 47)

Cristais da Bohemia!

O MAIS SUNTUOSO SORTIMENTO ATE HOJE!

Magníficas exposições de cristais, porcelanas faianças e serviços de mesa

LUSTRES DE CRISTAL DA BOHEMIA

E OBJETOS DE PRATA PARA PRESENTES

Visite as incomparáveis exposições da

Princesa dos Cristais

ASSEMBLÉIA, 90

A 10 metros da Avenida



A fortaleza

(Cont. da pág. 47)

queixar-me — ponderou Teodoro, com mágoa.

— O senhor é exagerado...

Foram saindo.

— Não, não. Embora eu aparente o contrário possuo algum entendimento. E' verdade que certas coisas não sei avaliar devidamente. Trabalhei tôda a vida sem ocasiões para passatempos, como o senhor, moço, conhecedor do mundo, mulheres principalmente...

— Nem tanto — atalhou Barbosa, pigarreando.

— ...de maneira que às vêzes me sinto isolado...

— Que idéia, senhor Teodoro!

— E' verdade, meu amigo — e depois de pequena pausa: — O senhor, por exemplo, que acha das mulheres?

— Eu...

— Sim. Acha que são tôdas iguais?

— Sob certos aspectos são... — respondeu o paulista, com precaução.

— Não, não. Refiro-me à seriedade... O senhor compreende... — esclareceu tìmidamente o industrial.

Barbosa dominou-se e recuperou a calma.

— Nunca me fizeram uma pergunta dessas, mas já que o senhor a fêz, não hesitarei em afirmar-lhe que sempre situei as mulheres em duas categorias distintas: quartéis e fortalezas...

O representante de São Paulo media as palavras que pronunciava.

Um ligeiro silêncio como *intermezzo* imprevisto deixou-os sem assunto.

Teodoro meditava. A súbita e inexplicável ida da mulher a Povo Novo, a palidez de Henriqueta ao retirar-se da mesa no dia anterior vieram-lhe à mente, e a mocidade e garbo do senhor Barbosa saltaram-lhe aos olhos. Pensou novamente.

Iam calados.

— O senhor, que tem tanta experiência — não repare na pergunta! — em que categoria colocaria a... a minha Henriqueta?

A pergunta amoleceu os músculos do paulista, e foi com um sorriso amarelo que êle balbuciou apressado:

— Das fortalezas, é claro! Uma fortaleza! — repetiu embaralhado.

Continuaram a caminhar. Já nem se cogitava do jantar.

— Com a conversa até do jantar estava me esquecendo...

— Quem sabe se nos encontramos mais tarde, para uma ceia? Aproveitaria para ir até o telégrafo passar um cabo... — propôs o paulistano.

— Como o senhor quiser. Espero-o aqui na praça. Está bem?

O irresistível senhor Barbosa afastou-se, deixando o mercador de peixe.

Êste sentou-se num banco e meditou novamente.

— És mesmo uma fortaleza, minha pobre Henriqueta! — suspirou êle em solilóquio, comovido e feliz.

MULHERES CELEBRES

(Cont. da pág. 22)

trinta mulheres feridas. Uma porção de mulheres-soldados lutaram entre os sequazes de João Huss na Boêmia. Dificilmente terá havido um assédio medieval em que algumas mulheres não se tenham distinguido pelo heroismo. Foi portanto muito natural que Carlos aceitasse os serviços militares de Joana d'Arc. Êle recordou as heroinas do Antigo Testamento — Débora, Judite e Jael — as quais, com o auxilio do céu, haviam vencido os inimigos de Israel. Agora ali estava uma nova profetiza, igualmente inspirada pelos mensageiros do céu, para derrotar os inimigos da França. Com São Miguel mostrando o caminho, e com Santa Catarina e Santa Margarida de cada lado dela, ess donzela de Domrémy torná-lo-ia capaz de expulsar os godemes de seu reino para sempre!

Organizando um exército de 8.000 homens, fôrça considerável para aquêle tempo, ela marchou contra os inglêses que sitiavam a cidade de Orléans. Era de vê-la lançar-se à sua "santa aventura", essa analfabeta e inspirada moça do campo; envergando sua armadura branca como a neve, e cavalgando à frente de sua coluna num cavalo prêto como carvão. Cingia uma acha de armas e uma espada, e empunhava um estandarte branco em que estavam representados Deus e os anjos num fundo de flor-de-lis. O povo, os soldados, "e mesmo os animais", como o disse graciosamente um de seus contemporâneos, reconheciam-na como mensageira de Deus. "Vi-a montar seu grande e negro cavalo de batalha", escreveu Gui de Laval. "O cavalo, que fazia um grande barulho ante a porta da hospedaria, não deixava que Joana montasse. Disse ela então: — Levem-no até a cruz — cruz fronteira à igreja vizinha. Aí ela montou, *e o cavalo não se mexeu, como se tivesse sido encantado.*"

Joana d'Arc possuia o poder mágico de um anjo guerreiro descido do céu. Todavia não era belicosa por natureza. Preferia, se possível, expulsar sem luta da França os inglêses. Por seu lado, jurara que nunca usaria a espada para matar alguém. Quando chegou a Orléans, enviou aos inglêses uma carta em que lhes pedia, simplesmente e sem rodeios, que se fôssem embora. "Rogo-vos, em nome do Rei dos Céus, que vos retireis. *Allez-vous en.*"

Os inglêses, naturalmente, não deram atenção ao ultimato dela, e esperaram-lhe pelo ataque, que veio a ser a histórica batalha de Orléans. A vitória final de Joana d'Arc sôbre os inglêses não foi milagrosa. O exército inglês, sob o comando do bravo mas estúpido Talbot, elevava-se a 2.000 ou 3.000 homens ao todo, poucos dos quais eram franceses. Essa pequena fôrça estava esparsa por algumas fortalezas que circundavam a cidade. Pràticamente, não havia comunicação entre essas unidades dispersas das fôrças sitiantes; foi fácil tarefa para Joana penetrar na cidade com seu "exército de libertadores". Tanto os franceses como os inglêses consideravam êsse exército enviado do céu. Seu chefe não era Joana d'Arc, mas o arcanjo Miguel. Foi uma conclusão antecipada que os inglêses tiraram antes da investida dêsse terrível guerreiro que descera do alto do céu para escorraçá-los da França.

As tropas francesas, bem como as inglêsas, eram uma horda de biltres. A militança, no século XV, não era profissão para almas nobres. Os soldados dessa época não nutriam ilusões românticas acêrca da glória da guerra. Encaravam-na como um negócio agradável e proveitoso, como a pirataria ou o assalto de estradas. Francamente brutais na sua atitude para com a profissão, admitiam que era impossível para um soldado ser sempre um homem sofrìvelmente decente. La Hire, o capitão do exército de Joana em Orléans, observou certa vez que "o próprio Deus, se se alistasse no exército, tornar-se-ia um bandido". Mas a presença de Joana, acompanhada por seus invisíveis santos, transformara as tropas francesas em bandidos purificados. Os mais ínfimos soldados acreditavam piamente que batalhões de anjos lutavam a seu lado. E essa crença era partilhada pelos inglêses. Alguns dêles, a falar verdade, eram de opinião que os assim chamados auxiliares celestiais das tropas francesas eram antes demônios do que anjos. De uma coisa, porém, os inglêses estavam certos: lutavam contra desvantagens insuperáveis. Sentiam-se capazes de enfrentar os poderes da terra; mas de combater os poderes do céu ou do inferno, mesmo um soldado medieval sentia-se completamente inibido.

Em suma, os soldados inglêses foram repelidos de Orléans tanto pelo seu próprio temor do sobrenatural como pela superioridade numérica dos franceses. "Ai caiu sôbre nós", escreve o duque de Bedford, "um terrível golpe da mão de Deus".

V

A batalha de Orléans estava terminada. Joana d'Arc fôra ferida no último dia do combate. Mas o ferimento não era grave; "uma simples perfuração no ombro", como ela displicentemente o chamou, com a profundidade de seis polegadas.

A gritaria já cessou, agora. As chamas já se apagaram. Os soldados, inglêses e franceses, sem distinção, estão mergulhados num sono pejado de cansaço, depois de sua valorosa provação. A inquieta Pucela, porém, não dorme. Pensado o seu ferimento, "ela retempera as fôrças com uma fatia de pão embebida em vinho diluído em muita água, a única coisa que comeu ou bebeu durante todo o dia"; deita-se então num canapé, com os olhos abertos, vigilante, planejando o próximo passo de sua missão dada pelo céu.

(Cont. no próximo número)



NOSSA PAGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura interior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura media	Estudante ginasial
De 11 a 15	Cultura superior	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O genio em pessoa

1 A QUE PAÍS SE REFERIA MARCO POLO AO FALAR NAS ILHAS DE CIPANGO:
— Ao Japão?
— À India?
— À desaparecida Atlântida?

2 COM QUANTOS NAVIOS VASCO DA GAMA PARTIU DE PORTUGAL PARA DESCOBRIR O CAMINHO MARITIMO DAS INDIAS:
— Cinco?
— Oito?
— Quatro?

3 EM QUE ANO FOI PUBLICADA, PELA PRIMEIRA VEZ, A CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA SÔBRE O DESCOBRIMENTO DO BRASIL:
— 1510?
— 1817?
— 1680?

4 QUEM FOI FERNÃO DE NORONHA:
— Descobridor português?
— Rico mercador de Lisboa?
— Conselheiro de D. Manuel?

5 QUE NOME DAVAM OS INDIOS AO PAU BRASIL:
— Pindorama?
— Muçambê?
— Ibirapitanga?

6 QUAL O NAVEGADOR QUE, PELA PRIMEIRA VEZ, LEVANTOU E DESENHOU UM MAPA SÔBRE TERRAS DO BRASIL:
— Pedro Álvares Cabral?
— Alberto Cantino?
— Américo Vespúcio?

7 QUAL DESTAS LOCALIDADES PAULISTAS E' A MAIS ANTIGA:
— São Paulo?
— Sorocaba?
— Santo André?

8 QUAL O PRIMEIRO MONOPÓLIO ESTATAL CRIADO NO BRASIL:
— O do pau Brasil?
— O do ouro?
— O da escravidão negra?

9 POR QUANTO D. JOÃO III COMPROU AOS HERDEIROS DE FRANCISCO PEREIRA COUTINHO, A CAPITANIA DA BAHIA:
— Cem contos de réis?
— Um milhão de cruzados?
— Quatrocentos mil réis?

10 QUAL O PRINCIPAL USO QUE OS EGÍPCIOS FAZIAM DA NAFTA E DO AZEITE DE CEDRO:
— Para conservar as múmias?
— Para perfumar o corpo?
— Para afugentar os maus espiritos?

11 QUANTOS QUILOS DE ALIMENTO COME, DIARIAMENTE, UM ELEFANTE ADULTO:
— 50?
— 200?
— 70?

12 QUAL A QUANTIDADE DAGUA QUE BEBE, DIARIAMENTE, UM ELEFANTE ADULTO:
— 100 litros?
— 130?
— 200?

13 COMO FOI QUE MORREU NERO:
— Numa batalha?
— Suicidando-se?
— Num acidente?

14 QUE NOME TEM A BATALHA EM QUE PERDEU A VIDA D. SEBASTIÃO, REI DE PORTUGAL:
— Aljubarrota?
— Ceuta?
— Alkacer-Kibir?

15 QUE NOME TEM A MOSCA QUE PRODUZ A DOENÇA DO SONO:
— Mutuca?
— Varejeira?
— Tse-Tse?

16 QUAL DÊSTES COMPOSITORES FOI COGNOMINADO «PAI DA SINFONIA»:
— Haydn?
— Beethoven?
— Chopin?

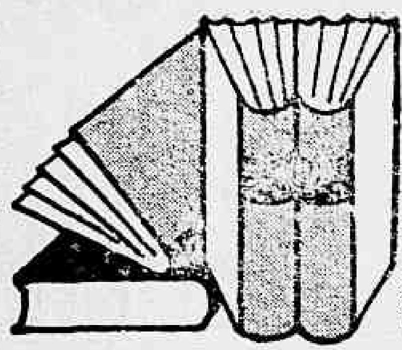
17 QUE NOME TEM AQUÊLE UTENSÍLIO DA IGREJA CATÓLICA ONDE SE QUEIMA INCENSO NAS CERIMONIAS RELIGIOSAS:
— Ostensório?
— Turíbulo?
— Estola?

18 QUAL O ESCRITOR EUROPEU, PRÊMIO NOBEL DE LITERATURA, QUE FOI CONDUTOR DE BONDE E SAPATEIRO:
— Thomas Mann?
— Tolstoi?
— Knut Hansum?

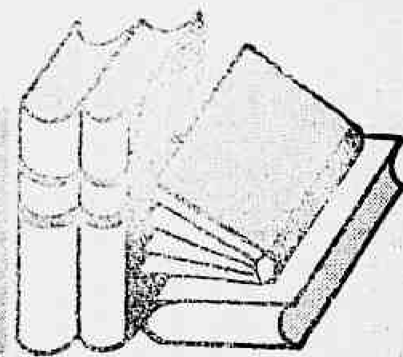
19 QUAL DESTAS OBRAS OSCAR WILDE ESCREVEU NA PRISÃO:
— De Profundis?
— Balada do Cárcere de Reading?
— Salomé

20 DE QUEM E' A OBRA LITERÁRIA «SONATA DE KREUTZER»:
— Leon Tolstoi?
— Lamartine?
— Victor Hugo?

(Respostas na pág. 58)



SEMANA LITERARIA



EDMUNDO LYS

ÁLBUM DE FAMÍLIA



J. P. Sartre à janela de sua casa, em Saint-Germain-des-Prés

JEAN-PAUL SARTRE é sem dúvida a figura literária de maior prestígio, no momento. Os que o combatem, podem diminuir-lhe a importância, com os peóres adjetivos. O público (as multidões e as elites) escolheu Sartre como o líder do nosso tempo. Podemos negá-lo, podemos combatê-lo, discutir suas idéias, sua filosofia e sua estética, mas devemos reconhecer a enorme importância que tem, que conseguiu por sua obra, o jovem mestre de Saint-Germain-des-Prés. Aqui está êle, num instantâneo recente, quando, de volta da África, reabria a janela de sua casa, dando justamente para a praça de Saint Germain.

POESIA E ESPORTE



O poeta Schmidt num dia de vitória do «Glorioso». (Caricatura de ALVARUS)

A HISTÓRIA DAS LÍNGUAS

"The Story of Language" (A História das Línguas), de Mário Pei, é "quasi que uma popularização perfeita de um assunto sempre fascinante", segundo a opinião do crítico norte-americano Clifton Fadiman. "E' difícil imaginar alguém", continua êle, "que não encontre algo de interessante nêsse livro". O Dr. Pei dividiu sua obra em seis seções. Na primeira, dá um esboço histórico da evolução dos dialetos e línguas, e das relações que ligam uns a outros. A segunda seção trata das questões de sintaxe e de semântica, e a terceira discute a função social das línguas e suas relações com o procedimento humano. A parte IV apresenta um estudo ligeiro porém fascinante de tôdas as línguas modernas. A quinta parte trata dos problemas do ensino de línguas, e a seção final analisa as possibilidades de desenvolver uma língua universal. Além de ser um livro que se lê com interesse, do princípio ao fim, também é útil como obra de consulta.

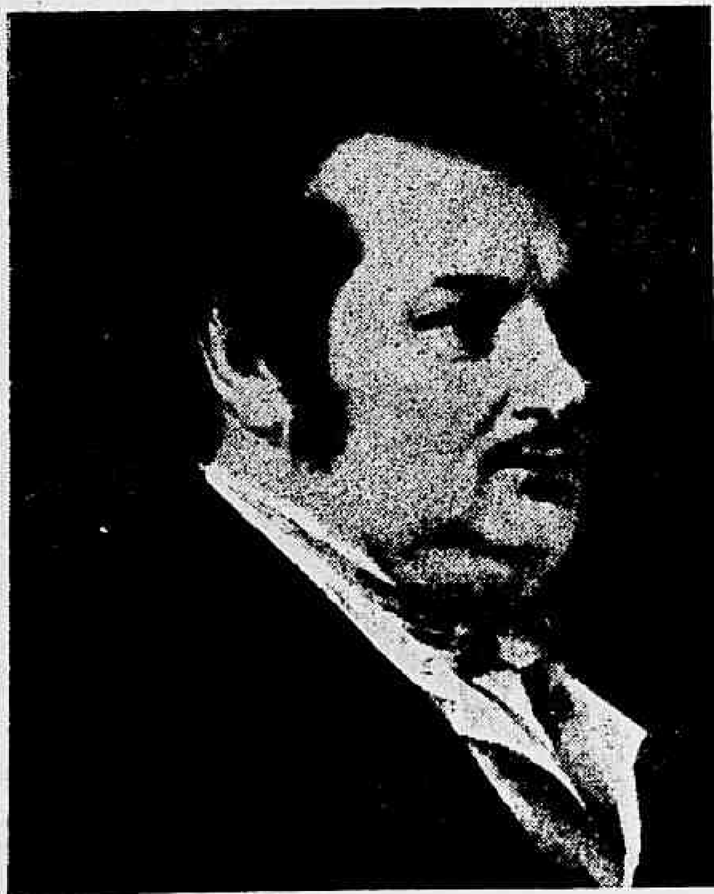
WALT WHITMAN

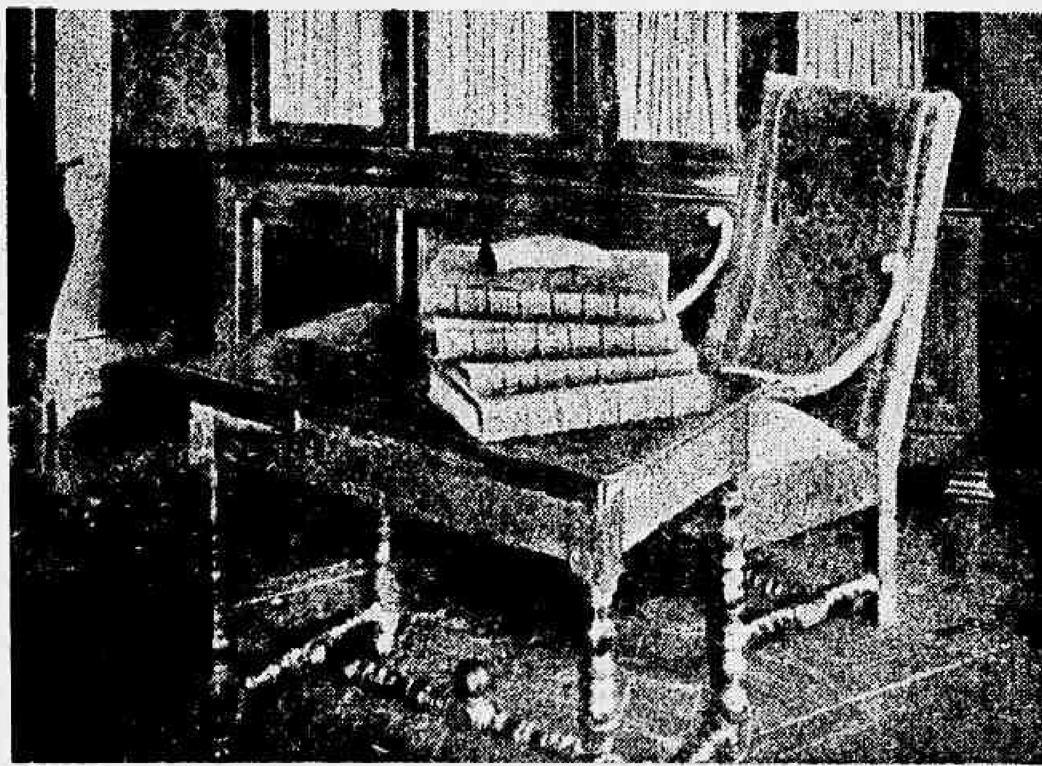
"The Poetry and Prose of Walt Whitman" (Poesia e Prosa de Walt Whitman), é uma nova edição dos trabalhos de um dos maiores poetas dos Estados Unidos. Os trechos de prosa dessa edição incluem prefácios que Whitman escreveu para várias publicações de suas obras e alguns de seus artigos e cartas. O livro traz uma introdução de Louis Untermeyer, que nos dá uma excelente biografia de Whitman, analisa as influências que moldaram seu pensamento, e faz a crítica de seus ttrabalhos. E' um esplêndido compêndio para um estudo completo de Whitman, pois tanto a prosa como a poesia são apresentadas de maneira que mostra o desenvolvimento do poeta e a continuidade de sua obra. Poucos poetas igualaram Walt Whitman em amplitude e beleza de inspiração, e no sentimento com que compreendeu a humanidade.

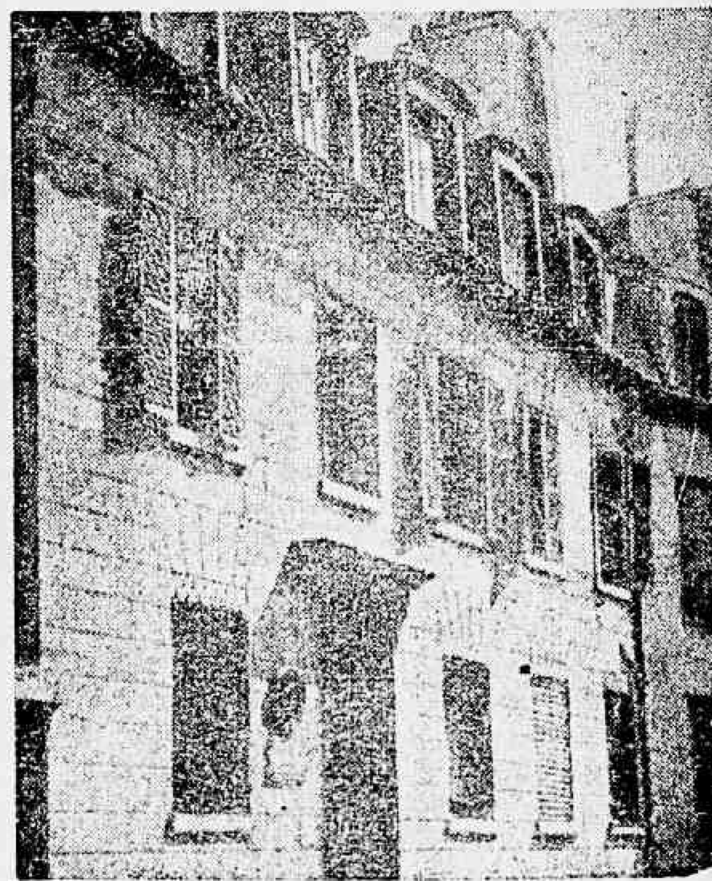
UMA OBRA SÔBRE A DEMOCRACIA

E' verdadeiro prazer intelectual o encontrar um livro sôbre democracia que nos poupe a inflamada retórica, a qual fatiga mais do que inspira, — um livro que mergulhe profundamente nos significados e nos problemas. Fala-se muito sôbre democracia, mas é rara uma análise sensata do que ela significa. "The Ramparts We Guard" (Guardemos nossas Muralhas), livro da autoria de R. M. MacIver, Professor de Filosofia Política na Universidade de Colúmbia, preenche essa lacuna. Embora reduzido em volume — conta apenas 152 páginas — apresenta uma discussão clara e inteligente de sua tése. Mostra-nos o autor que o atual conflito entre as ideologias da democracia e do comunismo não pode ser reduzido a um conflito entre capitalismo e socialismo. A questão, segundo acentua o Professor MacIver, é mais entre a liberdade política — incluindo a liberdade intelectual — e a concentração de todo o poder nas mãos de uma minoria, suprimindo a liberdade individual.

CENTENÁRIO DA MORTE DE BALZAC







CELEBRAMOS êste ano (18 de agôsto), o centenário da morte de Honoré de Balzac, o prodigioso romancista da "Comédia Humana", cuja obra vem resistindo ao dobar dos anos como legítimo monumento da literatura. Registrando aqui o acontecimento, que tem sido comemorado no mundo inteiro e especialmente na França, com o justo orgulho de seu grande filho, oferecemos aos leitores da REVISTA DA SEMANA êstes documentos da iconografia balzaquiana: o retrato do romancista, a fachada de sua casa em Paris, hoje museu Balzac, conservada com inúmeras relíquias do mestre; sua mesa de trabalho, tal como pode ser vista no referido museu parisiense, dedicado ao culto de Balzac.

ATRAVÉS DOS SUPLEMENTOS



Os suplementos dominicais de nossa imprensa diária representam importante papel na vida intelectual do país. Assim, resolvemos fazer êste registro para comentário das atividades hebdomadárias do mundo literário.

★

O "Diário Carioca", na sua nova brilhantíssima fase, está publicando, entre outras, tôdas muito bem feitas, uma bela seção, em duas páginas, sob a direção de Pedro Dantas, dedicadas a "Letras e Artes". A crítica literária está a cargo de Sérgio Buarque de Holanda e recomendamos aos nossos jovens poetas a série de artigos que êle vem consagrando à poesia moderna.

No suplemento de 13 de agôsto, há uma coletânea de opiniões de João Ribeiro sôbre novos valores da geração modernista e um artigo de Graciliano Ramos sôbre Antônio Olavo Pereira. Dante Milano dá uma volta pelo velho caminho do sonêto, sonêto mesmo, em decassílabos rimados, com "enjembements" e chave-de-ouro. Mas, melhor fôra que não desse essa voltinha.

As notícias literárias estão muito boas, informando-nos, inclusive, do segundo aniversário de "Revista Branca".

★

O suplemento do "Diário de Notícias" continua massudo. A gente quer ler, mas não sabe por onde entrar. Tudo caudaloso, tudo grande, tudo continuando pelas outras páginas e se estendendo copiosamente de alto a baixo. E tudo solene também. A parte leve é a do noticiário, o "Movimento Literário", onde encontramos a notícia da antologia dos "Poetas Novos", edição Pongetti.

Nesse número (13-8), Antônio d'Eça de Queiroz continua a desafrontar a memória de Eça de Queiroz, como êle diz. Depois de João Gaspar Simões e Antônio Cabral, toca a vez do Padre Alírio de Melo entrar na ripa.

O filho de Eça escreve muito mal e, em geral, não tem razão no seu agravo. Eça é uma figura universal, desafrontada suficientemente, de qualquer crítica menos justa, por sua própria obra imortal. Não queremos discutir aqui se assiste ao filho defender o pai na sua função de escritor e pelo simples fato de ser filho. Se não foi atacado o pai, o homem, mas o escritor, bem que o filho podia deixar as ofensas morrendo por si. Até porque essas ofensas dos críticos ao Eça não se conservam de pé por muito tempo, perante a grandeza da obra do escritor. E, às vêzes, são ofensas — como as de Gaspar Simões — apenas no julgamento do filho. O livro de Gaspar Simões não presta mesmo, mas não ofende. Até por isso.

★

Desigual, mas agradável, o dominical do "Correio da Manhã". Êste número (13-8) traz um artigo ilustrado de Paulo Ronai sôbre Balzac, a propósito do centenário da morte do romancista. Mesmo tendo a Globo publicado as obras de Balzac, o artigo é bom.

No "Lotação" há uma inútil espinafração de Aragon como poeta e a informação de que a bagagem lítero-política do sr. Getúlio Vargas é de autoria de Ronald de Carvalho e, após a morte do poeta de "Tôda América", de Luiz Vergara e Queiroz Lima... De lambuja, uma ripada na Academia.

Também Carlos Drummond de Andrade cometeu o pecado de uma incursão no cipoal do sonêto, em versos brancos, menos rigorosos que o do Dante Milano, mas não melhor, apesar de ilustrado. Há também um ótimo artigo traduzido da bailarina Katherine Dunham. Uma página de poemas brasileiros tendo como tema a pedra, todos muito duros de roer, com exceção do de Sílvio Duncan. Boa a crônica de Ledo Ivo e o artigo de Joaquim Ribeiro sôbre "O espírito das Épocas", de Edmundo Moniz. A página de José Condé é uma pausa para a respiração, arejada, gráfica e intelectualmente, com um bom noticiário, apesar de curto, e o conto "A Cidade", do próprio Condé, preparando o lançamento de mais um livro, também bom.

UMA NOVA ESCRITORA AMERICANA



A escritora americana Leonora Hornblow que vem de publicar uma inteligente novela sôbre o amor em Hollywood: «Memory and Desire». Êste seu retrato tem a particularidade de ser de autoria da estrêla Claudette Colbert

FORA DO PRELO

POESIA

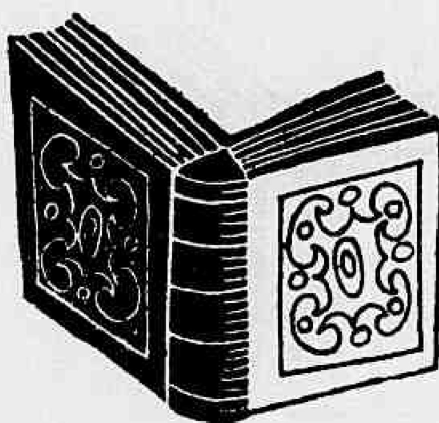
FIOS — PAULO DA SILVA NOVAIS — PONGETTI — RIO

Aquela prioridade da forma artística sôbre a forma significante — com que Sérgio Buarque de Holanda caracteriza o néo-modernismo, em contraste com o modernismo, marcando-lhe o lugar, segundo a teoria de Paulham, como a ofensiva dos retóricos — tem sido um dos mais terríveis preconceitos dos novos poetas.

Perseguindo a originalidade, sem as armas necessárias e sem a disciplina das formas tradicionais, soltos no mundo poético e sem fôlego para agüentar o repuxo, êles se perdem nesse trabalho ingrato das invenções de formas novas que, a não ser no caso de um verdadeiro poeta, não conduzem senão ao pernosticismo gráfico, à vacuidade lírica, às construções de aparência hermética que tanto os encanta e que não passam de variações em tôrno da grafomania. Sem uma vocação decidida, sem a prática, o artesanato, sem a experiência lírica, é comum aos novos êsse estágio desagradável que constatamos nos livros de poesia todos os dias surgindo por aí.

«Fios», de Paulo da Silva Novais, tem essa preocupação superficial de retórica. Seus poemas nos dão algumas invenções de pequena ou nenhuma «portée», nesse sentido. E seus versos curtos, alongando o poema em pura perda, acabam entorpecendo a sensibilidade do leitor, pela monotonia. Aqui e ali, surge um lampejo de inspiração, uma notação sincera, mas sempre inquinados por essa falsa originalidade da construção.

Era prática louvável dos poetas do outro tempo deixar vários cadernos de versos na gavêta, antes de publicar o primeiro livro. Muitos até desistiam de publicar o livro, com o que nunca perderam as letras. Hoje, os poetas parecem mais sôfregos, editam logo o primeiro caderno de poesias e, assim, os desastres são mais comuns. Êste «Fios» tem todos os característicos de um livro que devia ter ficado na gavêta. E isso



prova que o livro pode não ser bom, mas que o poeta poderá vir a sê-lo. Tudo, no caso dêle, depende da aquisição de maior experiência técnica, do apuramento de sua retórica. Neste livro a retórica substituiu todo o lirismo.

★

PRAIA BRAVA — MARCOS KONDER REIS — PONGETTI — RIO

E aqui está um retórico que já atingiu a êsse domínio da forma artística em que o mistério da poesia evolui com tôdas as refrações, assumindo as mais fascinadoras cambiantes, como essência ectoplasmática, não sujeito às leis da gravidade.

«Praia Brava» é um longo poema de estranha beleza, de solenes e profundos acentos, onde os versos não sofrem nenhum constrangimento, escapam com modernidade à forma contingente, a essa semântica poética, e atingem os ritmos inumeráveis, sobretudo os inumeráveis — como naquele voto de Bandeira — e nos comunicam com êsse mundo lírico do poeta:

«...um remoto país onde soluça um anjo, vago e silencioso e de amplidão».

Por uma associação muito natural, êste poema acordou em nós, pelo tom e pelo movimento, «Les Chants de Maldolor». E' uma convizinhança que faz honra ao poeta de «Praia Brava», estamos certos, e que exprimirá melhor nossa cordial simpatia, nosso entusiasmo por êste belo poema de tão alta emoção, revelando uma superior sensibilidade, com a sugestão daquele «pássaro de impaciência e de angústia» que voeja no mar noturno que é o motivo condutor do cântico desesperado e sombrio como uma água-forte.

★

BABEL DE EMOÇÕES — ANIBAL BURLAMAQUI — PONGETTI — RIO

Estamos em presença, aqui, de um poeta que prefere, aos mistérios da poesia, as luzes filosóficas. Em uma nota-prefácio, está explicado o livro e o simbolismo dos seus versos, sumário do pensamento do autor, compondo a sua «Babel de Canções», realmente, como a outra, meio confusa. Aqui está:

«Êste livro — escalada maravilhosa de uma resplendente sensibilidade poética — representa, como nos diz a própria lenda bíblica, o íngreme chelo de percalços e de confusão, a escada dos três lanços tremendamente exaustivos que a existência nos dá e que nos recordam a infância, a mocidade e a velhice.

O autor dividiu-o nos seguintes degráus:

FATALIDADE! — Que simboliza a meninice: a fase da puberdade, ingênua, indiscreta e desassombrada; a aurora da razão; o início bom de dois ciclos maus que virão, impiedosa e fatalmente, com o caminhar da Vida.



— Não, senhorita, quero um livro de palavras cruzadas...

«ALMA LOUCA» — Que nos lembra a mocidade sentimental, inconseqüente e intimorata: a rebeldia à realidade que magoa; o sofrimento à incompreensão dos nossos semelhantes; a repulsa à ingratidão e à hipocrisia dos Homens; o desespêro e a revolta a tantas injustiças que nos chegam.

TÉDIO — Que significa o pratear dos cabelos: uma ruga a mais; o crepúsculo da tarde, impregnando-nos o coração do «Angelus» que em todos nós existe, melancòlicamente cinza, a nos relembrar sempre a FATALIDADE que vivêramos e a «ALMA LOUCA» que possuíramos, mas que, perseverantes, ainda nos perambulam no íntimo, pondo-nos, então, dentro de uma noite sem luar, porque as trocamos, sem querer, pelo TÉDIO — essa angústia que ninguém explica.

Eis, pois, o trio monstruosamente humano que êste livro encerra.»

Para que mais?

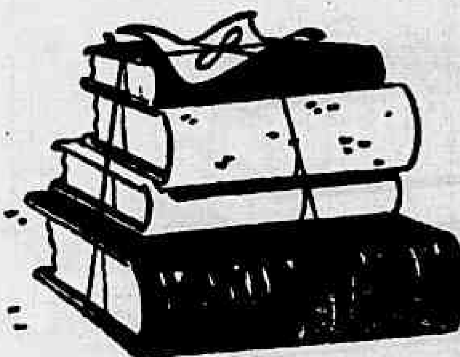
HISTÓRIA

RUI E A CARICATURA — HERMAN LIMA — EDIÇÃO DA CASA DE RUI BARBOSA — GRÁFICA OLIMPICA EDITORA — RIO

Herman Lima está realizando uma obra que poderemos chamar de glorificação da caricatura. O mestre prosador dos contos de «Tigipió» e do romance dos «Garimpos», já de alguns anos a esta parte vem se dedicando à história da caricatura, tendo em mãos, para publicar pròximamente, uma obra única no gênero — «Um Século de Caricatura».

Êsse estudo geral do humorismo tem lhe proporcionado, além disso, oportunidades de alguns excelentes trabalhos particulares, do mesmo assunto, como sejam o ensaio, há pouco editado — «Caricatura, arma secreta da Liberdade» — o estudo sôbre «J. Carlos, caricaturista da Vida Moderna», com um álbum de «charges» do grande humorista e, agora, êste «Rui e a Caricatura».

Para justificar essa atividade original e fecunda no domínio da caricatura, em um dos seus livros Herman Lima confessa seus pendores por êste departamento das artes plásticas, declarando-se um pinta-monos falhado, melhor, transviado no mundo das letras. Devemos acrescentar que, no seu caso, essa dualidade nada prejudicou, antes, deu lucros abundantes, tanto à literatura como à «charge», pois, com ser de nossos melhores escritores, Herman Lima vem realizando, no interêsse da caricatura, obra indispensável e única, assunto com que poucos se ocuparam, entre êles o nosso saudoso Rubem Gil.



Louvando-se em exemplos ilustres, Herman retraça aqui, com o roteiro das caricaturas, a crônica de Rui Barbosa. Ilustram o livro, que resultou de pesquisa laboriosa e paciente em nossos arquivos, nem sempre fáceis de praticar, «charges» selecionadas em cêrca de três centenas de obras de vários artistas do lápis, referentes ao meio século da vida e das atividades do grande brasileiro. O trabalho apurado da escolha das caricaturas, pelo seu valor artístico e documentário, focalizando cada fase do autor. E os comentários que acompanham essas «charges» tornam a obra de inapreciável merecimento.

«Rui e a Caricatura», tal a importância da presença de Rui no cenário brasileiro, não nos dá apenas a biografia humorística de um grande homem. É, também, nossa vida política no meio século, através da «charge», o que lhe junta mais um valor.

A primorosa obra gráfica recomenda as oficinas da Olímpica.



A situação do Extremo Oriente com a Coréia como «leit-motiv» para uma terceira guerra mundial fêz que um jornalista lusitano fôsse ouvir Oliveira Salazar, «Premier» do Govêrno português. O dirigente dos destinos de Portugal não opôs nenhum obstáculo à iniciativa da imprensa e falou ao representante de «O Século» de Lisboa, com a maior franqueza. Para Salazar não há perigo imediato de uma outra convulsão a envolver os povos. Acha êle que a guerra na Coréia veio justamente deter qualquer marcha para o desfecho de outra conflagração mundial. Muito tranquilizadoras as palavras do Chefe do Gabinete luso; mas, uma particularidade se notou nesse episódio: sair a público uma fotografia de S. Excelência. Talvez nem todos saibam que não há pessoa mais difícil de fixar-se para uma objetiva do que êsse homem extraordinário, trabalhador infatigável e permanentemente ocupado e preocupado com os problemas da administração pública. Passa a vida encerrado em seu modesto e pequenino gabinete do Forte de Santo Antônio. A fotografia que estampamos é verdadeiro «furo»!



MUITOS PAÍS GOSTAM DE SATISFAZER os pedidos de seus filhos em matéria de brinquedos, sem notar que, muitas vêzes, tais objetos de inocente aparência e finalidades puramente infantis, podem tornar-se em armas perigosas nas mãos inexperientes das crianças. Não são poucos os casos de ferimentos graves entre garôtos que se divertem com arcos e flechas, espingardas de rolhas de cortiça fingindo bala ou com aquelas pistolas que disparam uma flecha com uma espécie de ventosa de borracha na ponta. Tudo isso é aparentemente inofensivo. Mas, em certos casos, podem causar acidentes graves entre as crianças. Nesta gravura vemos uma vítima de tais divertimentos. Em Los Angeles, Califórnia, a enfermeira Harriet Mathison mostra a Jimmy Phelps, uma criança de oito anos de idade, o que lhe tiraram os médicos do coração: uma bala de chumbo, fruto de brincadeira entre meninos que se divertiam com uma espingardinha de ar comprimido. Depois de operaão, Jimmy ainda ficou durante dias, com uma faixa de gaze protegendo-lhe a zona de «operação». E agora que se divirta com papagaios de papel...

TUDO ISTO

O CINETELEFOTOFILMETRIDIMENSIONAL

DEPOIS de ter lido o nome acima, é bom re pirar, leitor. E' uma palavra aglutinada, estilo germânico. Até agora, segundo os glotólogos, curiosos, pacientes e filologistas, a maior palavra de nossa língua era: anticonstitucionalissimamente. Agora temos esta que aí em cima escrevemos como título dê te tópico. Ganhou por uma. E isso sem recorrer ao superlativo. Se assim o fizer, ficará assim: cinetelefotofilmetridimensionalissimamente. Apenas com 42 letras, têrmo bastante longo e complicado para alarmar a: pessoas analfabetas. Mas, afinal, que quer dizer tal palavra, assim esticada ou não? O seu autor é o torturado inventor patrício Ivan Sampaio Silva, um homem que vive a sonhar com o progresso da humanidade e as glórias do Brasil. Nos Estados Unid s seria um outro Edison. Infelizmente, entre nós, é apenas mais um desiludido. O cinetelefototofilmetridimensional é, nada mais, nada menos, do que o cinema em terceira dimensão. Também já tivemos, há anos passados, um outro brasileiro quq descobriu essa maravilha:. o sr. Sebastião Comparato. O sistema atual, i to é, o descoberto pelo sr. Sampaio Silva, porém, é diferente, sem necessitar de adaptações ou de filmes de 65 milímetros, como sucede com o sistema russo. O inventor pat ício recorreu a



leis de física e de biologia para descobrir o maravilho o, já tendo fabricado o respectivo aparelho que nos dará o cinema em três dimensões. Mas cadê dinheiro! Como sucedeu com outros inventos seus, a "laranjina" e o "fósforo elétrico", viu tudo reduzido a nada por falta de recursos, de quem o ajudasse, financiando as invenções. E nem me mo dinheiro teve para patentear o "fósforo elétrico", que lhe roubaram depois e estão explorando aí no comércio.

..Quem acredita em milagres de quem não é santo?.

ONDE ESTA' CLEOPATRA

OS sábios e arqueólogos, historiadores e cronistas, de quando em quando armam certos planos, arranjam financiadores e se metem a descobrir coisas pelas ruinas, pelos monumentos rupestres, debaixo dágua e sôbre a terra. Faz pouco, um cidadão resolveu descobrir os cavernames da Arca de Noé lá pelos cocorutos da Ararat. Mas, em virtude da situação perigosa que se mantém inalterável entre o Ocidente e o Oriente, êle achou prudente não subir as serras. Talvez alguma sentinela de fronteira o descobrisse e lhe mandasse uma mensagem mortal. Então, nem mel, nem cabaça, isto é, nem Arca nem vida para contar a história. Agora, porém, os sábios e arqueólogos do Egito resolveram achar outra coisa, o esqueleto de Cleopatra. Ou sua múmia perdida em túmulos soterrados nos desertos comburentes daquelas regiões históricas. Cleopatra, a famosa rainha cuja beleza seduziu imperadores e provocou lutas tremendas, morreu voluntàriamente. Desesperada nos amores e na política, encomendou aos seus escravos meia dúzia de víboras venenosíssimas e, recostando-se a um divã todo de seda, pegou nas bichinhas de olhos vivos e colocou, uma a uma no seio deslumbrador. Como as serpentes só atacam depois de atacadas, Cleopatra



começou a fazer-lhes fosquinhas, irritando-as, até que uma delas a picou. Foi o bastante. Momentos depois, o veneno ofídico lhe tirava a sensibilidade, a consciência, gelava-lhe o sangue, matava-a. Sua morte passou à História juntamente com o seu nariz, que, segundo afirmam os especialistas em assuntos nasais, tinha ela um nariz admirável. Mas, onde está Cleopatra? Nunca se achou o seu túmulo. Mas é isto que deseja fazer o dr. Mohamed Zaccaria Gonhein, inspetor das antiguidades do Egito: descobrir a igaçaba de Cleopatra. E estão cavando, ardorosamente, todo o Egito e vizinhanças...

O NAVIO DE VÊNUS

ESTAVA a cidade de Paris "posta em sossêgo", quando se espalhou pela urbe uma notícia sensacional: "Próximo à Ponte de Alexandre III, estava atracado um navio maravilhoso: era a galera de Vênus! O planeta dêste nome nos é muito caro pelo fulgor de sua luz em noites calmas. Tão bonito que muita gente lhe chama de estrêla. Se um barco de Vênus sobe as águas do Sena e vai até Paris, não pode haver habitante em tôda a França que não se mexa para ir ver o fenômeno. Vênus de Milo, Vênus Afrodite, Vênus disso e mais daquilo enchem a imaginação dos homens e as paredes dos Museus de Arte. Entretanto, uma caravela de Vênus, uma Vênus com braços, falando, rindo, conversando, mesmo que usasse muita roupa, seria muito mais interessante e digna de reportagem. E o povo afluiu ao cáis em que está a "Ponte Alexandre III", na esperança de firmar uma cabeça de ponte para entrar no maravilhoso barco. Quando os primeiros curiosos se acercaram da nave encantadora, ficaram desapontados. Não havia nenhum barco de Vênus encostado ao cáis do Sena. O que estava ali era um iate de nome "English Rose", navio-escola feminino das terras de Mr. Churchill. De qualquer forma o fato era inédito, ou quase isso. Um navio-escola



tripulado por marujos, cadetes, gente de calça e fala grossa, é coisa vulgar, existente em tôdas as Marinhas de Guerra dêste planeta monòtonamente enciplopédico: mas, francamente, um navio-escola composto, dirigido, mantido, organizado sòmente por gentis senhoritas-cadetes, é coisa muito pouco vista na Terra. Só mesmo lá no espaço onde está Vênus, poderia haver coisa igual. Daí o nome que recebeu. E lá estavam elas a lavar o convés, pés descalços, com sua indumentária de marujas...

ACONTECEU

PROBLEMAS DO TRÂNSITO



AS autoridades resolveram tomar providências muito acertadas em relação ao trânsito de veículos e pedestres em tôdas as ruas e praças da capital. Verificaram que a população da grande cidade está aumentando sua irritabilidade, suas psicoses, crescendo os casos de loucura, aumentando os conflitos pessoais, tudo isso porque os senhores automobilistas, particulares ou profissionais, abusam das buzinas, só sabem andar vertiginosamente, com grandes riscos para a integridade física dos caminhantes e prejuízos para o sossêgo público. Então ficou resolvido o seguinte: campanha contra o ruído. Nenhum automóvel poderá usar suas buzinas no perímetro urbano. É andar caladinho. As autoridades verificaram que, muitos "chauffeurs" acionam as buzinas, por vêzes estridentes, só para mostrar que têm um belo carro. Outros, o fazem por simples troça, quando o pedestre vai despreocupado, sem ver o carro que se aproxima. Então o motorista toca a buzina bem em cima do coitado, que se assusta, dá um pulo, muitas vêzes caindo ao solo, enquanto o dono da brincadeira passa rindo com os seus companheiros de farra. E, como praga não pega mesmo, êsse engraçadinho vai embora e nada lhe acontece. Nem mesmo uma multinha para consolar a quase vítima. Para acabar com essas misérias de nossa civilização, as autoridades obrigaram o silêncio das buzinas, proibiram a marcha acelerada em ruas de movimento, tendo os autos que andar a passo de pedestre. Se, em dado momento, um carro se aproxima do pedestre e êste nada percebe, em lugar de o veículo avançar e matá-lo, o que tem a fazer o "chauffeur" é isto: parar o auto.

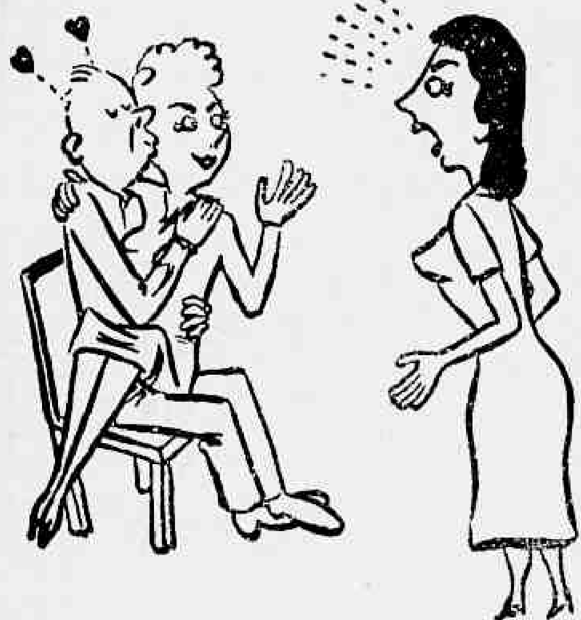
Em Roma agora é assim.

O BONITÃO

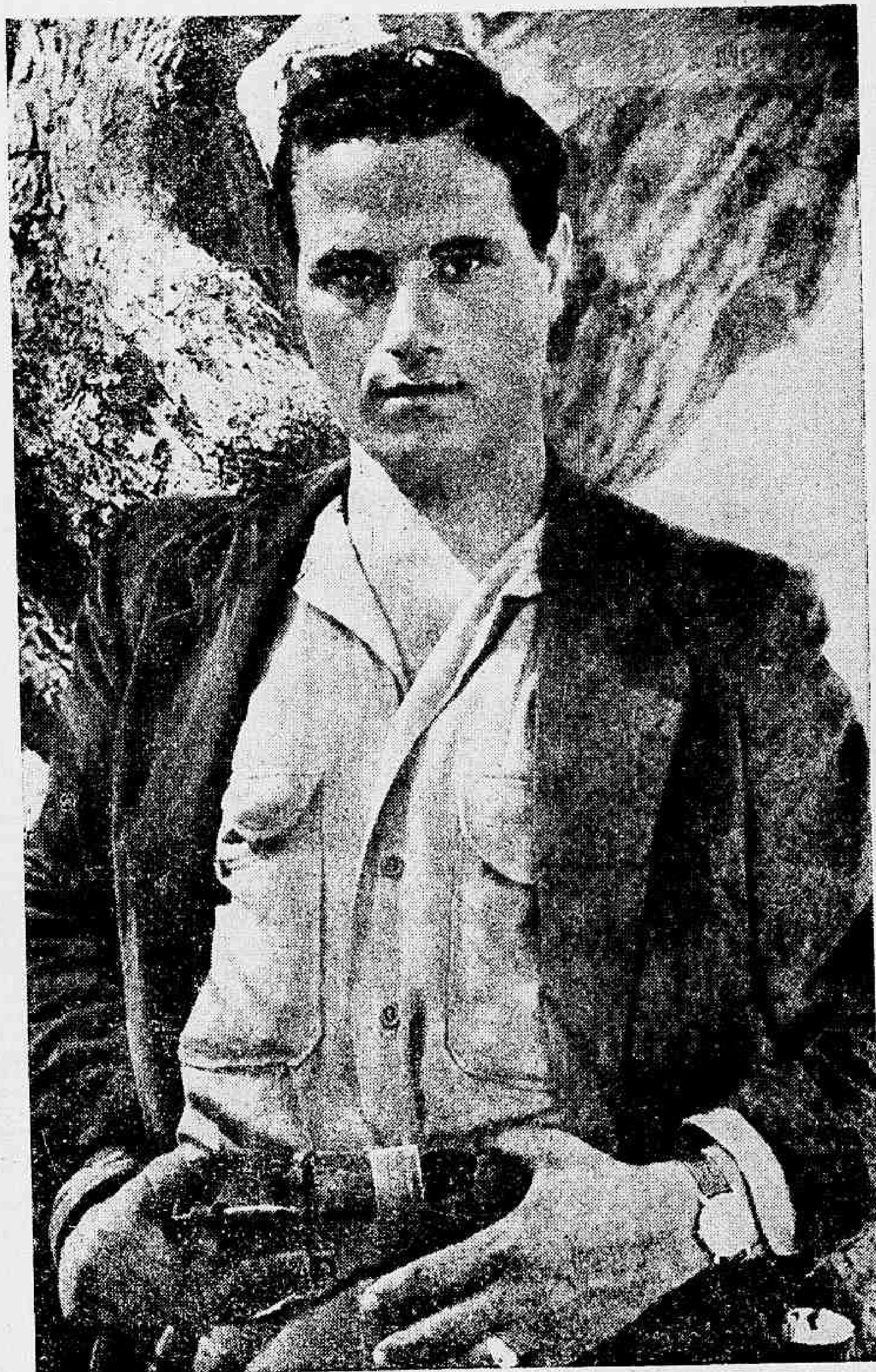


NÃO vamos falar de ônibus. Bonitão, Gostosão, passaram a ser êsses muitos e belos ônibus capazes de matar cinqüenta pessoas de uma vez, sem contar com os pingentes. O nosso "Bonitão" é aquêle infeliz jovem parisiense de nome Michel Auclair. Infeliz, por que? Pelo simples fato de ser bonitão. Há em Paris esta singular tradição: todos os anos as moças da capital francesa elegem o "Chevalier d'Orsay", ou seja, o mais elegante **dandy** da cidade, ou melhor, do país. Anualmente as artistas de cinema e teatro da França se reunem em assembléia eleitoral e elegem "o mais elegante" francês de maneira a merecer o ambicionado título de "Chevalier d'Orsay" da temporada. O nome é em homenagem ao conde d'Orsay, considerado o Rei da Elegância, o Belo Brumell da terra de Clemenceau. E, todos os anos, as mulheres elegem o "dandy" do ano. Mas, apesar de eleito pelas mais encantadoras filhas de Eva de Paris, gente espirituosa e envolta em ondas de perfumes caros, o "Chevalier d'Orsay" não passa de um mártir. Essa "vítima" em 1950 foi o desgraçado Michel Auclair. Logo que foi conhecido o "veredictum", teve que dar-se a exibição do eleito. Então um bando gárrulo de lindas "vedettes" parisienses se lançou para o "dandy" festejado. Se ficasse apenas nisto, muito bem, era canja; mas, o diabo é que o eleito tem namoradas e até mesmo uma noivinha que ficou incendiada de ciumes. Vejam só o que sucedeu com Michel: jogaram-se sôbre êle, abraçando-o, beijando-o, machucando-o, Blanchettes, Martines, Odiles, Catherines, Nicoles, Simones, Maries, Renées, Marcelles, Jacquelines, cada qual mais linda e perfumada, vestidos provocadoramente... Pode um homem julgar-se feliz com isso tudo?

TROCAM-SE OS MARIDOS



A sra. Lynn Moore era vizinha da sra. Frances Hardy. Ambas moravam em Norwalk, Califórnia e eram íntimas. Como não podia deixar de ser, conversavam sempre sôbre a vida do lar, as piratarias dos homens, a diferença que havia entre o procedimento deles e o delas. Um dia, entretanto, lhes veio à cachola uma idéia extravagante: — trocaram de maridos. Mas, como para isso era necessário submeterem a lembrança à apreciação dos donos da casa, com algumas relutâncias, mas habilmente posta a equação matrimonial, os senhores Moore e Hardy aceitaram a proposta. E lá se foram para Las Vegas, no Estado de Novada, que é onde se realizam dessas transações exquisitas. Lynn Moore, que era a mais jovem dos quatro, não cabia em si de contentamento. Uma nova sensação lhe estava reservada e isso muito a interessava. Correram os trâmites legais os processos de troca de maridos e, ouvidas as partes contratantes, foi pronunciada a sentença pelo respectivo juiz: O. K. Saíram dali e se dirigiram para sua cidade natal. Agora, a casa de Lynn Moore era de Frances Hardy, e a desta passava a ser daquela. Tudo na mais tradicional "boa vizinhança". Infelizmente, porém, logo depois de tornar-se espôsa de seu antigo vizinho David Hardy, a pobre Lynn viu que tinha feito péssimo negócio. Seu espôso era tão bom! E o da outra? Um caso sério. Resolveu então anular o casamento, o que conseguiu no fôro de S. Luís Obispo, na Califórnia. Quanto à outra, se julgou felicíssima, pois o marido de sua amiga era um amor, tinha recursos e lhe dedicava a maior afeição. Lograda dêste jeito, Lynn Moore só pôde agora fazer isto: dar conselhos às outras mulheres para não trocarem de marido!



ÊSTE ERA O FAMOSO Salvatore Giuliano, bandoleiro siciliano que deu o que fazer à policia italiana e andou constantemente nos comunicados e reportagens das agências telegráficas. Giuliano era um jovem de bela aparência, valente, conduzido ao crime por desajustamentos e revoltas intimas. Ao lançar-se à luta como um homem que se arma e vai viver nas montanhas, «fora da lei sabia êle, perfeitamente, que os seus dias estavam contados. Na região de sua encantadora Sicilia era êle admirado e respeitado. Sua velha mãe chorava sua sorte e, nas horas calmas da Ave Maria, ao dobrar dos sinos, ela pedia a Deus que protegesse o filho e o fizesse voltar ao seio da família. Mas Giuliano estava em situação de não mais poder beneficiar-se com milagres. O problema Giuliano já se estava tornando um caso muito sério em seu país. Mas há sempre um Waterloo para os chefes de bandos. Um dia as autoridades chamaram o coronel Luca, comandante de carabineiros e lhe disseram: «Precisamos acabar com essa história de Giuliano. E' uma vergonha!» E o coronel Luca reuniu os seus homens de confiança e se pôs no encalço de Giuliano. De caça em caça, de busca em busca, pelos campos, pelas montanhas, pelas gargantas, atravessando rios e banhados, indo atacar a fera em Castelvetrano, muito distante da zona preferida de Giuliano, Montelepre. E a paz voltou à Sicilia.





TODAS POR UMA E UMA POR TODAS

CENTENAS, talvez milhares, são as moças que vivem nas grandes cidades à custa do próprio trabalho. Outras tantas são as que passam a residir nos grandes centros para estudar em escolas superiores ou seguir cursos especializados. Pelo fato de terem a mentalidade moderna e evoluída, sem os preconceitos que outrora as impediam de tomar parte ativa na vida dentro da sociedade, pelo fato de se ombrearem diàriamente com o elemento masculino, na conquista de seu ganha-pão, não quer dizer que devam por isso, levar uma vida menos digna de tôdas as outras moças, cujo nível social mais elevado lhes permite despreocupação quanto ao sustento. A mulher de hoje estuda, trabalha, e especializa-se tanto quanto o homem, e para as que já não podem contar com o apoio da família, seja porque vêm dos Estados, seja porque ficaram órfãs, existe no Rio uma associação que as ampara em tôda e qualquer circunstância. E' a Associação Cristã Feminina de cuja atividade, finalidade e eficiência daremos em nosso próximo número uma reportagem documentada fotogràficamente. O flagrante acima ilustra uma das particularidades da agremiação: a residência. Sim, isso também a associação proporciona na medida do possível a suas associadas. Estudantes, comerciárias, funcionárias, sem distinção de raça ou credo religioso, tôdas podem pertencer ao quadro social dessa benemérita agremiação que visa principalmente o amparo da mulher, sua instrução, educação e orientação para a vida atual.

NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

Cem anos de Blumenau (II) (Celestino Silveira) 4/10
Ali na rua Frei Caneca (Carlos Tenório) 12/17
A maior tragédia do Brasil 24/31

LITERATURA

Poesia Chopiniana (Edmundo Lys) 3
Maria Mingonga (C. Eustachio) 18
A Vida de Joana d'Arc (Henry e Dana Lee Thomas) 22
A Fortaleza (J. M. Barcala) 42
A Semana Literária (Edmundo Lys) 54/55

CINEMA

Paisagem e Fotografia (Jonald) 32/33

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista 11
A Personagem da Semana .. 11
Correio da Revista 47
A Saúde do Bebé (Dr. Saboia Ribeiro) 50
Música (Roberto Lyra Fº) 51
Palavras Cruzadas 52
Puxe pelo Cérebro 53
Tudo isto aconteceu 56/57

FEMININAS

Vestidos de lã 35
Simplicidade e elegância .. 36
«Tailleurs» estampados 37
«Pois» 38
Meia-Estação 39
Week-End na Cozinha 40/41
Vestidos em renda 40
Chapéus exóticos 41

FOLHETIM

Laurinda, a bailarina apaixonada 43

HUMORISMO

O Rato (Nicodemus) 33
Sete dias em revista (Theo) 34

ILUSTRAÇÃO
A. ZALUAR

BONECOS
RAFAEL

FOTOS
CELESTINO SILVEIRA — ADALBERTO MENDES — AVULSAS

★

NA CAPA
JANE RUSSELL
(Foto RKO-Radio)

RESPOSTAS AO TESTE

1 — Japão.
2 — Quatro (S. Gabriel, S. Rafael, Berrio e uma nau cujo nome se desconhece).
3 — 1817 (Padre Aires do Casal, «Corografia Brasilica»).
4 — Rico mercador de Lisboa (Um dos arrendatários do Brasil por três anos).
5 — Ibirapitinga.
6 — Alberto Cantino (1502).
7 — Santo André.
8 — Pau Brasil.
9 — 400 mil réis.
10 — Para conservar as múmias.
11 — 70 quilos.
12 — 130 litros.
13 — Suicidando-se.
14 — Alkacer-Kibir (1578).
15 — Tse-Tse.
16 — Haydn.
17 — Turíbulo.
18 — Knut Hansum.
19 — De Profundis.
20 — Leon Tolstoi.

MOBILIÁRIOS E DECORAÇÕES

Orçamentos executados por
técnicos especializados

GRUPOS ESTOFADOS

para entrega imediata

TAPETES E PASSADEIRAS de
todo o mundo, fabricados
especialmente para a



CASA NUNES
MARCA REGISTRADA

65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO

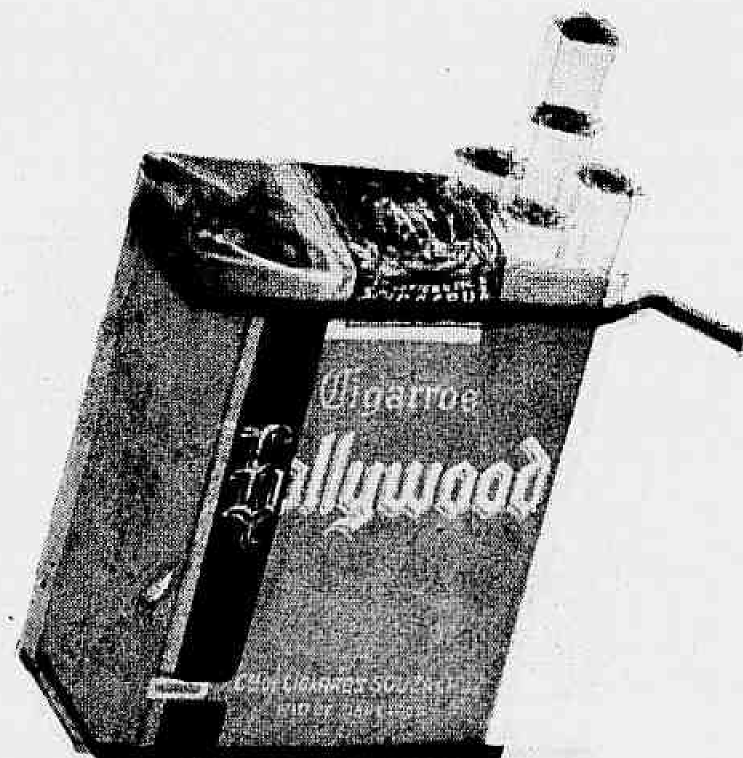


Onde se divertem pessoas de bom gosto...

No Grande Hotel, em Guarujá, paraiso de férias da sociedade paulista.

aí se encontram os cigarros Hollywood

Fugindo do borborinho da Capital, a sociedade paulista encontra em Guarujá a atmosfera ideal para as férias ou para um week-end... Em Guarujá, e onde quer que se reunam pessoas de bom gosto, V. encontrará Hollywood, o cigarro que é uma tradição da sociedade brasileira. Fumos escolhidos e hàbilmente combinados deram a Hollywood esta extraordinária reputação — e V. simplesmente não pode deixar de pertencer ao grupo elegante dos que fumam Hollywood.



cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**

H-88.059